

UFRRJ

**INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

DISSERTAÇÃO

**PROJETO MULHERES MIL E GÊNERO: COMERCIALIZAÇÃO
DAS PEQUENAS PRODUÇÕES DAS MULHERES NO SETOR
SANTA BÁRBARA EM PALMAS - TO.**

ANA CAROLINA FALCÃO BRAGA

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA - IAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**PROJETO MULHERES MIL E GÊNERO:
COMERCIALIZAÇÃO DAS PEQUENAS PRODUÇÕES DAS MULHERES
NO SETOR SANTA BÁRBARA EM PALMAS – TO.**

ANA CAROLINA FALCÃO BRAGA

Sob a Orientação da Professora
Dr^a. Miriam de Oliveira Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do Grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica – RJ
Novembro/2011**

630.7

B813p

T

Braga, Ana Carolina Falcão, 1964-
Projeto Mulheres Mil e Gênero:
comercialização das pequenas produções das
mulheres no setor Santa Bárbara em Palmas -
TO / Ana Carolina Falcão Braga - 2011.
77 f. : il.

Orientador: Miriam de Oliveira Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola.
Bibliografia: f. 63-65.

1. Ensino agrícola - Teses. 2. Mulheres
no desenvolvimento - Tocantins - Teses. 3.
Administração comercial - Teses. I.
Santos, Miriam de Oliveira, 1964-. II.
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Educação Agrícola. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

Ana Carolina Falcão Braga

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 07 de novembro de 2011.



Mirian de Oliveira Santos, Dra. UFRRJ



Marília Lopes de Campos, Dra. UFRRJ



Maria Catarina Chitolina Zanini, Dra. UFSM

DEDICATÓRIA

Renata, Marcela e Felipe, dádivas de Deus, continuidade da minha vida, pela compreensão das horas ausentes durante essa jornada. Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ajudou, mais uma vez, a realizar meu sonho e me fortaleceu nas horas difíceis e nas madrugadas de estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na pessoa de seus Coordenadores, professor Dr. Gabriel de Araújo Santos e professora Dr. Sandra Barros Sanchez, pela amizade, dedicação e compromisso com que administram o Programa;

A todos os Institutos Federais que foram polos e acolheram no desenvolvimento das nossas aulas assim como todos os professores desse mestrado.

À minha professora orientadora, Dr^a. Miriam de Oliveira Santos, que acreditou na minha capacidade, segurou minha ansiedade e com competência me orientou nessa pesquisa.

A você, gênese da minha inspiração nesse trabalho, pela admiração que sente por mim e pela ajuda nessa jornada.

À colega de estrada, Denise Lima que mais do que companheira de estudo foi minha amiga durante esta jornada.

Aos alunos e professores do mestrado pela união e solidariedade.

Às alunas do projeto Mulheres Mil do setor Santa Bárbara por ter contribuído para a realização da minha pesquisa

À minha amiga Glays que me ajudou nessa jornada com sua competência e seu senso de amizade.

Ao Professor e diretor do IFTO - Campus Palmas Octaviano Sidnei Furtado pelo apoio dado nessa caminhada.

À Joseane Granja Junior, coordenador do curso de Gestão Pública pelo incentivo e compreensão.

À minha família pelo apoio e incentivo durante essa jornada.

Aos meus amigos e amigas que me incentivaram, me deram força e contribuíram para essa jornada.

Ao IFTO - Reitoria e Campus Palmas pelo apoio ao projeto mulheres Mil e conseqüentemente a minha pesquisa.

Ao IFTO Campus Palmas que possibilitou a realização desse mestrado.

À UFT - Universidade Federal do Tocantins que possibilitou a realização desse mestrado.

Ao IFTO Campus Paraíso do Tocantins pelo acolhimento durante o meu estagio pedagógico.

À CAT-Cooperativa agropecuária tocaninense pelo acolhimento durante o meu estagio profissional.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

BRAGA, Ana Carolina Falcão. **“Projeto Mulheres Mil e Gênero”**: Comercialização das pequenas produções das mulheres no Setor Santa Bárbara em Palmas – TO. 2011. 77f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011.

Este trabalho objetivou analisar as possibilidades de comercialização de mulheres moradoras do Setor Santa Bárbara, localizado na região sul de Palmas, capital do Estado do Tocantins, a partir da capacitação que as mesmas receberam através do Programa Nacional Mulheres Mil. Esse programa é um projeto que integra financiamentos e ações entre os países Brasil e Canadá e visa combater a feminização da pobreza em países subdesenvolvidos ou desenvolvimento. Primamos por não utilizar uma metodologia única, assim, nossos procedimentos metodológicos tiveram início com revisões teóricas e bibliográficas acerca das principais categorias/temas elencadas pela pesquisa (gênero, empoderamento, comercialização, e possibilidades das pequenas produções). Nesse sentido, alguns autores nos auxiliaram como: BOURDIEU, SAMARA, SCOTT, SILVA, MEIRELLES, BATALHA, CHIAVENATO, KOTLER & KELLER, COBRA, GATTI, entre outros. Em seguida, partimos para os trabalhos de campo, no qual utilizamos questionários, entrevistas, dinâmicas e o reconhecimento do Setor Santa Bárbara para assim iniciar as análises dos dados e materiais coletados. As observações a partir da Pesquisa-ação, das análises etnográficas e da intersecção das categorias/temas foram as bases de estruturação deste trabalho. Analisando os dados coletados e referendando com as leituras realizadas, podemos constatar que há uma diferenciação dos espaços de comercialização para as mulheres, sobretudo, para aquelas de baixa renda. Essas e outras análises estão presentes neste estudo realizado sobre gênero e comercialização no Setor Santa Bárbara.

Palavras-chave: Gênero, Mulheres Mil, Setor Santa Bárbara, Comercialização.

ABSTRACT

BRAGA, Ana Carolina Falcão. **“Mulheres Mil Project and Gender”**: Commercialization of small productions of women at Santa Bárbara Sector in Palmas – TO. 2011. 77p. dissertation (Masters degree in Agricultural Education). Agronomy Institute, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011.

This Project aims analyze the possibilities of commercialization of products owned by women that live in Santa Barbara Sector, situated at the south part of Palmas, Tocantins` State capital, through the capitation that achieved by them through the Mulheres Mil Project . This program is a project that integrates financing and shares between Brazil and Canada and has as objective fight the feminilization of poverty in underdeveloped and developing countries. We chose not to use only one single methodology, therefore, our methodological procedures started with theoretical and bibliographical revisions about the main categories/ topics showed by the research (gender, empowerment, commercialization and possibilities of small productions). Some authors such as BOURDIEU, SAMARA, SCOTT, SILVA, MEIRELLES, BATALHA, CHIAVENATO, KOTLER & KELLER, COBRA, GATTI, and other had contributed for the formulation of this study. After that, we began the Fieldwork where we used questionnaire, interview, dynamic and the recognition of the Santa Barbara Sector to start the analysis of data and collected materials. Observations from the action research, from the ethnographic analysis and the intersection of the categories / themes were the basis of the structure of this work. Analyzing the collected data and endorsing the taken readings, was found that there is a differentiation of areas of commercialization to women, especially for those with low incomes. These and other analyses are presented in this study on gender and commercialization in the Santa Barbara Sector.

Key-words: Gender, Mulheres Mil, Santa Bárbara Sector, Commercialization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Versão da Grade: Ensino Fundamental da EJA.....	29
Quadro 02: Habilitação: Qualificação em Artesanato/ Culinária/Costura - Base Comum Nacional	30
Quadro 03 Mapa 01: Localização das quadras e setores de Palmas (Setor Santa Bárbara).....	34
Quadro 04 Mapa 02: Setor Santa Bárbara	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Intersecções das categorias de análises	16
Figura 02: Organização do projeto.....	24
Figura 03 - Pergunta 01: Sua vida mudou depois de participar do projeto?	39
Figura 04 – Pergunta 02: Se mudou, as mudanças aconteceram mais na sua vida profissional ou na vida pessoal?	39
Figura 05 – Pergunta 03: Se mudou o que mais contribuiu para a mudança?	40
Figura 06 – Pergunta 04: Foi bom participar do projeto?	41
Figura 7 - Pergunta 05: Sua família ficou feliz com sua participação no projeto?	42
Figura 08 – Pergunta 06: Como você se sente depois de participar do projeto.	43
Figura 09 – Pergunta 08: Você se sente mais confiante para trabalhar fora depois do projeto?	44
Figura 10 – Pergunta 09: Você acha que por ser mulher atrapalha no mundo do trabalho?	44
Figura 11 – Pergunta 01: o que você faz com o dinheiro que ganha mensalmente do projeto?	45
Figura 12 – pergunta 02: As pessoas da sua família e os seus vizinhos lhe tratam melhor depois que você participou do projeto?	46
Figura 13 – Pergunta 03: Com maior escolaridade proporcionada pelo projeto você se sente?	47
Figura 14 - pergunta 04: depois do projeto , você esta trabalhando? :	48
Figura 15 – Pergunta 05: Você passou a ganhar mais depois do projeto?	48
Figura 16 – pergunta 01: O que você aprendeu a fazer no projeto?.....	49
Figura 17 – Pergunta 02: Você passou a ganhar mais depois de participar do projeto? (vendendo suas produções).....	50
Figura 18 – Pergunta 03: Você consegue vender o que produz?.....	50
Figura 19 – Pergunta 04: Com o dinheiro de suas vendas você?.....	51
Figura 20 – Pergunta 05: Você acha que é mais fácil vender as coisas?.....	51
Figura 21 – Pergunta 06: Você consegue vender tudo que produz?.....	52
Figura 22 – Pergunta 08: Você trabalha?	53
Figura 23 – Pergunta 09: Você gostaria de parar de trabalhar e viver apenas das suas vendas com suas pequenas produções?.....	53
Figura 24 – Pergunta 13: Você sabe calcular o valor do seu produto?.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CAPÍTULO I REVISÃO TEÓRICA	4
1.1 Os Estudos de Gênero no Brasil	4
1.2 O Empoderamento das Mulheres	6
1.3 Sobre Comercialização	8
1.4 Possibilidades da Pequena Produção	10
2 CAPÍTULO II DO TRABALHO DE CAMPO AO CAMPO DAS ANÁLISES	14
2.1 Métodos.....	15
2.2 Procedimentos Metodológicos	17
2.3 Questionário	17
2.3.1 Observação participativa.....	17
2.3.2 Participantes	18
2.3.3 Procedimentos	19
2.4 Da participação à Observação.....	19
3 CAPÍTULO III PROJETO MULHERES MIL	21
3.1 A Parceria do Projeto Mulheres Mil com o Canadá.....	21
3.2 A origem e a Evolução do Projeto Mulheres Mil no Brasil	23
3.3 O Projeto Mulheres Mil como Políticas Públicas do Governo Federal	25
3.3.1 A proposta de institucionalização do projeto nos Institutos Federais	26
3.4 A evolução do Projeto Mulheres Mil no Instituto Federal em Palmas – TO	27
4 CAPÍTULO IV GÊNERO, EMPREGABILIDADE E COMERCIALIZAÇÃO: DOS	
ENTRAVES ÀS POSSIBILIDADES.....	32
4.1 O Setor Santa Bárbara.....	32
4.2 A Qualificação Advinda do Projeto Mulheres Mil no IFTO/ Palmas – TO.....	36
4.3 As Mulheres e as Possibilidades de Empregabilidade	37
4.4 “O que dizem as mulheres?” – Análises dos dados e das informações.....	38
4.4.1 Resultados/dimensões	38
4.4.2 Resultados obtidos a partir da entrevista.....	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
7 ANEXOS	66

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa “Projeto Mulheres Mil e Gênero: Comercialização das pequenas produções das Mulheres no Setor Santa Bárbara em Palmas – TO” foi suscitada a partir do momento em que tomei conhecimento do referido projeto.

Por possuir conhecimento prévio da temática proposta pelo projeto e por já ter tido experiência com a primeira turma oriunda do distrito de Taquaruçu, como instrutora nas áreas de comercialização e coordenadora do projeto a partir da sua segunda fase em que contemplou mulheres do setor Santa Bárbara, resolvemos transformá-lo em objeto de pesquisa, monitorando o desenvolvimento do projeto com essas mulheres da segunda turma dentro do Instituto Federal de Palmas.

Decidi estudá-lo para entender o real papel que o projeto desempenha na vida das mulheres que são por ele atendidas. Além disso, a análise contribui para compreender a articulação do conhecimento desenvolvido no IFTO com o desenvolvimento social do seu entorno.

O estudo nos levou a conhecer os entraves existentes no projeto que impossibilitam o objetivo maior que é melhorar a qualidade de vida dessas mulheres através da inserção das mesmas no mundo do trabalho e, conseqüentemente, de suas comunidades.

Nesse sentido, a questão central dessa pesquisa foi a seguinte: O projeto Mulheres Mil promove a equidade? Como? Houve um empoderamento dessas mulheres resultante das práticas do projeto? E de que forma isso favorece a inserção no mundo do trabalho?

No sentido de encaminhar essa reflexão, torna-se importante analisar se o projeto Mulheres Mil, ao contemplar as mulheres da segunda turma do setor Santa Bárbara, consegue inserir essas mulheres no mundo do trabalho através da comercialização competitiva.

À princípio, tentou-se mensurar os problemas que essas mulheres enfrentam na comercialização de suas pequenas produções, compreender o processo de produção e comercialização dessas mulheres, analisar possíveis mudanças comportamentais geradas a partir do ingresso dessas mulheres no projeto Mulheres Mil, analisar se o projeto contemplou a promoção da igualdade de gênero, combate à violência entre as mulheres e acesso à educação e prospectar a demanda do entorno do setor Santa Bárbara em relação à produção dessas mulheres.

O setor Santa Bárbara está localizado no perímetro urbano de Palmas, a aproximadamente 25 km do centro da cidade. Situa-se às margens de Taquaralto, distrito do município de Palmas. É habitado por famílias consideradas abaixo da linha de pobreza. É nesse setor que reside a segunda turma do projeto Mulheres Mil e que será analisada nessa dissertação.

O projeto Mulheres Mil está inserido no conjunto de prioridades das políticas públicas do Governo do Brasil, especialmente nos eixos de promoção da equidade, da igualdade entre sexos, do combate à violência contra mulher e do acesso à educação. Estruturado em três eixos – educação, cidadania e desenvolvimento sustentável - o programa pretende possibilitar a inclusão social por meio da oferta de formação focada na autonomia e na criação de alternativas para inserção no mundo do trabalho, para que essas mulheres consigam melhorar a qualidade de suas vidas e das suas comunidades.

O referido projeto se constitui em uma ação colaborativa entre o Brasil e o Canadá e será executado em sistema de cooperação entre os governos brasileiro e canadense. No Brasil, é implementado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC), Assessoria Internacional do Gabinete do Ministro (AI/GM), Agência Brasileira de Cooperação (ABC), os Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Cefets), Escola Técnica Federal, Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (Redenet) e o Conselho de Dirigentes dos Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Concefet). O governo

canadense é representado pela Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA/ACDI) e a Associação do Colleges Comunitário do Canadá (ACCC) e Colleges parceiros.

Seu objetivo geral é possibilitar a formação profissional e tecnológica de mulheres desfavorecidas das regiões norte e nordeste, criando as pontes necessárias para que as mesmas incrementem o seu potencial produtivo, promovam a melhoria das condições de vida, das famílias, das suas comunidades e do seu crescimento econômico sustentável para a inclusão social e o pleno exercício da cidadania. O público alvo são mulheres desfavorecidas nos campos social, educacional e econômico, residentes em comunidades pobres dos estados das regiões norte e nordeste do Brasil.

BRASIL IFTO.
O IFTO/Palmas foi oficialmente inaugurada em 04 de abril de 2003 e teve sua pedra fundamental lançada em abril de 1993, no mesmo ano de sua fundação. Visando suprir a necessidade de mão-de-obra qualificada, diante da conjuntura econômica do Estado Tocantins.¹

A partir desse raciocínio, surgiu a ideia de se pesquisar sobre a influência do projeto na vida dessas mulheres e se as propostas do projeto atingiram essas mulheres do setor Santa Bárbara.

Entendemos como relevante este estudo pelo fato do Projeto Mulheres Mil e recentemente Programa Nacional Mulheres Mil fazer parte das políticas públicas do governo Federal e estar inserido no conjunto de prioridades, especialmente nos eixos promoção da equidade, igualdade entre sexos, combate a violência contra a mulher e o acesso de todos à educação.

Pelo fato do projeto estar estruturado em três eixos - educação, cidadania e desenvolvimento sustentável a expectativa de que se esse projeto for aplicado de forma eficiente, possibilitará a inclusão social para que as mulheres do Brasil, principalmente as das regiões mais carentes que foram contempladas inicialmente por esse projeto e recentemente estendido às mulheres de todo o país, busquem, através desses conhecimentos proporcionados pelo projeto, alternativas para a inserção das mesmas no mundo do trabalho e para melhorar a qualidade de suas vidas.

Para desenvolver as ideias orientadoras desta pesquisa, o trabalho divide-se em seis capítulos:

No capítulo 1, trata-se das diversas orientações teóricas que se fizeram ao longo da história sobre os estudos de gênero feminino no Brasil, destacando-se o empoderamento, já que o objeto de pesquisa trabalha com mulheres, sobre comercialização, dando ênfase às possibilidades da pequena produção, pois o estudo proposto trata dessa questão bem como da comercialização das pequenas produções dessas mulheres.

Já no capítulo 2, apresenta-se a metodologia utilizada neste trabalho, com base no modelo teórico-metodológico. O método foi qualitativo: realizamos entrevistas semiestruturadas e fizemos uma interseção das categorias de análise, tais como gênero, mulheres, classe e baixa renda. Trabalhamos também com observação participativa, tendo em vista que a pesquisadora detém conhecimento do projeto e uma relativa experiência acumulada a partir das observações realizadas.

O capítulo 3 foi dedicado ao Projeto Mulheres Mil. Apresenta-se o histórico do projeto desde a parceria com o Canadá que foi iniciada em 2005 e findada neste ano de 2011, a origem e a evolução do projeto no Brasil, o projeto como políticas públicas do governo federal, a proposta de institucionalização na rede federal de ensino, inclusive salientando que em março deste ano de 2011 o projeto Mulheres Mil foi elevado a Programa da secretaria de Educação Profissional e tecnológica. Apresenta-se também a evolução do projeto no Instituto Federal em Palmas.

No capítulo 4 apresenta-se o setor, Santa Bárbara, onde reside as alunas objeto dessa pesquisa, a qualificação que as mulheres receberam advinda do Projeto Mulheres Mil no IFTO

1 http://palmas.ifto.edu.br/conteudo.php?id_conteudo=12

Palmas, os resultados e dimensões, análises dos dados e das informações mencionadas pelo que dizem as mulheres.

Seguem a este último capítulo, as últimas considerações a respeito do trabalho e as referências bibliográficas.

1 CAPÍTULO I

REVISÃO TEÓRICA

1.1 Os Estudos de Gênero no Brasil

No âmbito da academia, as ciências discutem a ideia de decomposição dos modelos clássicos e obsoletos de algumas noções como a de classe social e proclama-se uma crise que, real ou imaginária, questiona teorias, modelos, ou paradigmas. E mais do que isso, ao tratar da emergência de novos atores políticos, desloca e descentra a identidade do sujeito do iluminismo e sujeito sociológico (IANNI, 1990 p.76).

Há, portanto, nessa indagação de Ianni (1990), uma emergência em incluir nos estudos, nas pesquisas e suas respectivas análises sujeitos que até então não apareciam, entre esses, a mulher, e vendo que essa categoria não era suficiente para abarcar todos os nós, iniciou-se assim, os estudos não mais sobre mulher, mas sobre mulheres. Pode-se entender que, entre esses “atores” citados por Ianni, encontram-se as mulheres e os estudos sobre elas que começam a surgir a partir do momento que as teorias totalizantes não dão conta de explicar a emergência de novas categorias e sujeitos.

Mais adiante, entendeu-se que mulheres não só era parte, mas como era uma categoria em si de análise. Silva (2009) indica que ficou claro para os pesquisadores que não bastava estudar as mulheres: era preciso estudar as relações sociais entre os sexos e incorporá-las aos estudos que tratam de temas sociais, econômicos e espaciais.

Ainda assim, as relações de gênero, como elemento de organização da sociedade, eram ignoradas como conteúdos nas mais variadas disciplinas acadêmicas. Além da criação do fato histórico, a inclusão da categoria gênero nas análises históricas levou a inúmeras discussões sobre conceitos próprios a homens e mulheres, em diferentes sociedades ao longo do tempo (SAMARA, 1997).

Para uma melhor compreensão do que são os estudos de gênero, é necessária a diferenciação deste em relação aos aspectos sexuais. **o Gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações**” (SORJ apud DIAS, 2003). O gênero é, então, influenciado pelos valores sociais, políticos, econômicos e culturais de uma determinada sociedade.

Para Scott (1996), as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente num sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos, indicando uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso dos termos como sexo e diferença sexual. O termo também foi utilizado por aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção os estudos femininos se centrava sobre as mulheres de maneira demasiado estreita e separada. Usaram para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário de análise. Scott (1996, p 12) indica-nos que “segundo essa opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles podia ser alcançada por um estudo separado. Mais tarde houve então uma maior abrangência e consolidação do termo.”

Nos estudos sobre o trabalho feminino, a categoria gênero aparece na década de 80, preocupada com a divisão sexual do trabalho e a questão da injustiça. Quase todas as publicações dessa década estavam preocupadas com a segregação das mulheres a determinados tipos de ocupações, ou a discussão residia nas famílias patriarcais das sociedades pré-industriais e na subordinação do trabalho feminino ao masculino (SAMARA, 1997).

Nas análises de Bradley (1989), o capitalismo industrial trouxe muitas mudanças para as

famílias, mas não terminou com os laços patriarcais o que atrelou ainda no século XIX o trabalho feminino às necessidades da família e da sociedade. Mudanças que ocorreram ao final do século passado e os ataques ao sistema patriarcal vão romper barreiras, mas, na sua opinião, até hoje as próprias famílias continuam transmitindo as desigualdades no que concerne aos sexos. Ainda sobre isso, a autora diz:

Isso continua a ser uma ‘força’ ainda hoje direcionando meninos e meninas para as carreiras apropriadas. Assim, as verdadeiras culturas da divisão sexual do trabalho, então continuam o processo, ajudando a perpetuar noções de identidades sexuais distintas, o que trabalho para homem e o que trabalho para mulher. Isso é poderoso e deforma a ambos, homens e mulheres (BRADLEY, 1989: 229).

No caso da América Latina e também no Brasil, o debate teórico começa a aparecer na literatura da década de 80, embora ainda se reconheça que a questão em torno do patriarcado e do poder masculino como causa da subordinação das mulheres, não tenha sido a preocupação central. Prevaleceu a análise estrutural com enfoques inspirados no marxismo, assentados na reprodução da divisão sexual do trabalho, para explicar a casa como o espaço tradicionalmente reservado às mulheres (SAMARA, 1997).

Ao tratarmos a questão de gênero para além do seu conceito, é interessante nos reportarmos a algumas premissas. Engendradas pelo capital simbólico (BOURDIEU, dar rápida explicação do conceito), é quase consenso de que a mulher é um ser “menos capaz”, o “sexo frágil” que precisa a todo tempo de um protetor. Além disso, ainda hoje a mulher continua relegada ao papel de reprodutora, enquanto a virilidade e os atributos considerados masculinos como “forte” e “protetor” são preferidos em detrimento daqueles concebidos como “femininos”, sendo considerados naturalmente superiores (SILVA, 2009).

Assim, o homem é a norma: parte-se deste pressuposto nas construções simbólicas. É dado que simbólico avança para o político e passa a ser realidade objetivada. Em outras palavras, a idealização objetivada torna-se subjetiva por meio das instituições formadoras de consciência que fornecem o nosso modo de viver a realidade, como se esta fosse formada por uma unidade de sentido inquestionável (SCOTT, 1996).

Os estudos de gênero surgem também visando quebrar essa visão inquestionável. E para alcançarem este objetivo, vão considerar todas as realidades em que as mulheres estão inseridas, desde aquelas mais libertadoras até aquelas em que há uma clara relação de opressão. As mulheres, no decorrer da história, têm dedicado muito de sua vida para manter as relações de reciprocidade que proporcionam coesão à família e à sociedade, sendo estas expressas nas práticas de se reunir em grupos, seja no clube de mães, na igreja ou comunidade, nas relações familiares e comunitárias, o que facilita seu engajamento em um movimento (ANGELIN & BERNADI, 2007).

As diferentes condições em que vivem homens e mulheres não são ocasionadas pela diferença biológica existente entre ambos, mas sim pelas construções sociais e econômicas, as quais geraram uma relação social de sexo. Estas diferenças são observadas no mundo do trabalho através da divisão sexual do trabalho, sendo assim, o trabalho hierarquizado (DEERE E LEON, 2002).

Nesse sentido, as relações de gênero são sustentadas e estruturadas por uma rígida divisão sexual do trabalho, onde o trabalho masculino ainda é, na sua maioria, mais valorizado que o feminino. Os homens são responsáveis pelo “sustento da família”, trabalhando, portanto, na produção e exercendo funções de elevado valor social agregado (políticas, religiosas, militares) enquanto as mulheres são excluídas da esfera pública, cabendo a elas as atribuições da reprodução (BEAUVOIR, 1968: 58).

Ainda hoje, em que pesem todas as transformações ocorridas na condição feminina, muitas mulheres não podem decidir sobre suas vidas, não se constituem enquanto sujeitos, não exercem o poder e, principalmente, não acumulam este poder, mas o reproduzem, não para elas mesmas, mas para aqueles que de fato controlam o poder. As pequenas parcelas de poder ou os pequenos poderes que lhes tocam e que lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, a supremacia masculina, são poderes tremendamente desiguais. (SAMARA, 1997).

Logo, as abordagens iniciais sobre a ótica do patriarcado careciam de aprofundamentos teóricos e sofriam com a reprodução das mesmas leis gerais, que impediam a expansão do campo de análise; além disso, seus fundamentos reforçavam a eterna posição de vitimização das mulheres, impossibilitando o vislumbre de possibilidades efetivas de transformações sociais (SILVA, 2009). Nessa perspectiva:

Essas abordagens de gênero foram mais tarde enriquecidas pelo conceito de gênero, que supera a universalidade contida na noção de patriarcado o mesmo tempo em que avançam as críticas à utilização do termo mulher e iniciando um campo de discussão sobre mulheres e empoderamento, e este associado a gênero e não mais a sexo/corpo (SILVA, 2009: 35).

Os avanços nos estudos de gênero, a partir dessas perspectivas, delinearam outras possibilidades de análises, uma vez que os estudos que se pautavam na opressão, na subordinação, na violência e na não participação das mulheres, agora viam e reconheciam que essas mesmas mulheres tinham ou criavam mecanismo de subverter ou e mudar suas condições. São a partir desses pressupostos que as pesquisadoras começaram a adotar o empoderamento não apenas como termo, mas como uma das bases que fortalecem a categoria de Gênero.

1.2 O Empoderamento das Mulheres

O termo *empoderamento* começou a ser usado pelo movimento das mulheres ainda nos anos setenta. E para as mesmas, as mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais.

É preciso saber o que tira o poder, ou o que não dá condições para que ele aconteça ou ocorra. No caso desse trabalho com as mulheres moradoras do Setor Santa Bárbara, identificamos que as condições de vida ou a falta dela é um fator que influencia nas relações sociais. Para Friedmann (1996) a pobreza, portanto, desempodera, retira dos pobres a condição de usufruir substantivamente os direitos de cidadania. Assim, a definição de empoderamento:

E próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito (no sentido mais amplo: a decisão de adquirir ou ter a capacidade de fazê-lo), escolher, enfim, entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aufere poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007: 486).

Perkins e Zimmerman (1995) analisam o empoderamento de forma mais sintética e direta. Trata-se da constituição de organizações e comunidades responsáveis, mediante um processo no qual os indivíduos que as compõem obtêm controle sobre suas vidas e participam democraticamente

no cotidiano de diferentes arranjos coletivos e compreendem criticamente seu ambiente².

Para esse trabalho, adotamos as premissas de Horohovski e Meirelles (2007):

À medida que o empoderamento torna-se de uso corrente, apresenta-se como um guarda-chuva conceitual, que se presta a vários usos, por diferentes perspectivas intelectuais, políticas e de intervenção na realidade. Na perspectiva que adotamos, empoderamento traz como resultado o aprofundamento da democracia, por várias razões. Para que o empoderamento signifique pessoas e comunidades sendo ‘protagonistas de sua própria história’ (expressão de Gohn, 2004), são prementes o aumento a cultura e da sofisticação políticas, o adensamento do capital social e o aperfeiçoamento da democracia representativa, incluindo, em seu desenho institucional, instancias diretas e semidiretas de participação e deliberação (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007: 486).

Observamos que, geralmente, num equivocado julgamento de valor social, o trabalho feminino é considerado “leve”, “insignificante”, caracterizado como uma “ajuda” à família. Ao longo do processo histórico, as mulheres têm sido responsabilizadas pelas “obrigações” familiares, trabalho este não remunerado, realizado para os outros membros da família, considerado de secundária importância e, portanto, um trabalho invisível, feito não para si, mas para os outros, sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal (ARRUDA, 1998: 56).

Para as feministas mais radicais, o espaço doméstico é o lugar por excelência onde se instala a ‘cultura da opressão feminina’. E disso não escapam também a vida em família e a interferência da comunidade. Ao que tudo indica, o ‘odioso’ papel de dona de casa e o culto à feminilidade estão associados e presentes nas maneiras pelas quais as mulheres julgavam a si mesmas e eram julgadas pelos maridos, vizinhos e pela sociedade. Piedade, pureza, submissão e domesticidade eram as virtudes máximas a serem verificadas e se traduziam em mãe, filha, irmã e esposa ideal (SAMARA, 1997: 33).

Como “oficialmente” os homens são considerados os provedores da família, o trabalho realizado pelas mulheres é encarado como complementar as suas “obrigações familiares”, sua “verdadeira” ocupação e responsabilidade. Portanto, os salários recebidos pelas mulheres em funções iguais às exercidas por homens, na maioria das vezes, são inferiores³. Neste contexto, as empresas e o poder público são coniventes com esta estrutura social e econômica, contribuindo para que as mulheres, tendencialmente, abdicuem de um trabalho formal, para atender às “necessidades” familiares, sacrificando, assim, suas liberdades e desejos pessoais, em nome do “bem coletivo”.

A divisão sexual está inscrita, por um lado na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a ideia de trabalho, assim como, mais amplamente, na divisão do trabalho de

2 1- O termo “empoderamento” tem sido usado em múltiplos sentidos, nem sempre com um sentido de emancipação. No campo do desenvolvimento, é às vezes usado como sinônimo da participação ou integração das pessoas no planejamento e desenvolvimento e confundido com bem-estar social ou redução da pobreza. Porém implícita nos diferentes usos da palavra está à noção de pessoas obtendo poder sobre as próprias vidas e definindo o próprio planejamento; é geralmente associado aos interesses dos desprovidos de poder, e pressupõe-se que seja uma expressão de mudança desejada, sem especificação de o que esta mudança implica (DEERE & LEON, 2002).

3 2 - Em A Dominação Masculina Pierre Bourdieu estabelece a dominação de gênero no centro da economia das trocas simbólicas (1998: 24). Na sua análise, a constatação de que esta prática está corporificada, fazendo vítimas tanto a mulheres quanto a homens. O corpo é, portanto, o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder, é nele que o nosso capital cultural está inscrito, é ele a nossa primeira forma de identificação desde que nascemos – somos homens ou mulheres. Por conseguinte, o nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores. O corpo é a materialização da dominação, é o “locus” do exercício do poder por excelência.

manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de *representação* (BOURDIEU, 2003: 60).

Sendo assim, apesar da subjetividade que envolve essa temática, (comentar produção de subjetividades) seria necessário fomentar, na comunidade do Setor Santa Bárbara, essa condição de empoderamento para que, de forma efetiva, essas mulheres consigam ter controle sobre seus próprios interesses, suas vidas e internalizem um processo de consciência em relação as suas habilidades e capacidades.

Entendemos que, como são mulheres com diferentes perspectivas, poderemos encontrar desde aquelas que se sentem oprimidas e querem buscar melhorias nas condições de suas vidas, até as mulheres que, diferentemente do que a maioria dos estudos relatam, não acreditam no necessário desaparecimento da identidade feminina, não se consideram vítimas, até mesmo quando sofrem injustiças ou violências e, carregam dentro delas projetos positivos, bem como o desejo de viver uma existência transformadora delas, protagonizada por elas mesmas. Portanto, estamos considerando todas essas nuances no trabalho realizado com as mulheres no Setor Santa Bárbara em Palmas – TO.

1.3 Sobre Comercialização

Segundo BRASIL (2001), a globalização está provocando uma disputa cada vez maior entre as empresas⁴, e o mercado de trabalho está acompanhando essa mudança, procurando qualidade, produtividade e competitividade nos trabalhadores, ou seja, chamando a tudo isso de “empregabilidade”. Indica-se que trabalhador precisa estar sempre aprendendo e se atualizando e precisa ser ou se tornar um “empreendedor”, pois o trabalhador também precisa ter iniciativas, ideias novas e criativas no trabalho e, quem sabe, se tornar dono do seu próprio negócio (BRASIL, 2001). Parece que este entendimento sobre “empregabilidade” refere-se à necessidade do trabalhador estar adequado às necessidades ou às novas exigências do mercado em relação seu produto ou serviço.

O senso comum normalmente entende comercialização como a venda de um produto específico. Essa ótica mostra-se adequada quando o horizonte de análise se restringe às portas de uma empresa (BATALHA, 2001 p. 65). Vender e comprar não é uma tarefa trivial. Ao contrário, a adoção de um mecanismo de comercialização inapropriado fatalmente implica prejuízo à empresa, mesmo sendo ela competitiva em termos de eficiência produtiva (BATALHA, 2001 p. 65). Por isso, é necessário entender o conceito de comercialização de modo a incorporar a transmissão do produto pelos ou após os vários estágios do processo produtivo, sendo a comercialização a etapa mais importante, já que ela liga o produtor ou consumidor (AZEVEDO, 2001 p. 65).

A competitividade de uma empresa depende profundamente de sua eficiência na comercialização de seus insumos e produtos. Para Batalha (2001), quando se discute competitividade, é comum a referência a aspectos da produção. Esforços consideráveis são despendidos no sentido de reduzir o custo de produção de uma mercadoria qualquer. Frequentemente, no entanto, esses esforços conduzem a pequenos ganhos que se perdem no momento da venda do produto. Nas afirmações de Chiavenato:

A competitividade significa a capacidade de uma organização oferecer produtos e serviços melhores e mais baratos, mais adequados às necessidades e expectativas do mercado, trazendo soluções inovadoras ao cliente, no fundo, competitividade

4 ³ - O uso do termo empresa se caracteriza de forma emblemática levando em consideração que a comercialização feita (no caso deste trabalho) pelas mulheres advém de um produto ou serviço que entra no mercado através da lógica mercadológica que pode ser de forma autônoma ou formal.

significa fazer mais e melhor do que outras organizações, a um custo mais baixo e provocando uma satisfação maior do cliente ou usuário (CHIAVENATO, 2004 p. 565).

A orientação de produto sustenta que os consumidores dão preferência a produtos que oferecem qualidade e desempenho superiores ou que tem características inovadoras. É o produto o principal elo entre o trabalhador e o cliente/usuário. Mas ele por si não é suficiente para manter o vínculo contínuo, é preciso analisar o processo no qual o produto está sendo engendrado.

Segundo Kotler & Keller (2006), a demanda por um produto ou serviço pode ser mensurada em diferentes níveis e cada mensuração da demanda atende a um propósito específico, isto é, para que existam mercados, é preciso que haja pessoas e poder de compra. Ainda sobre isso os autores afirmam:

As previsões de demanda de um mercado dependem de que tipo de mercado está sob consideração. O tamanho de um mercado está ligado ao número de compradores que podem existir para determinada oferta de mercado (KOTLER & KELLER, 2006 p. 125).

Neste íterim, o mercado potencial é o conjunto de consumidores que demonstram um nível de interesse suficiente por uma oferta ao mercado. Entretanto, o interesse dos consumidores não basta para definir um mercado. Consumidores potenciais devem possuir renda suficiente a ter acesso à oferta; e o mercado disponível é o conjunto de consumidores que possuem renda, interesse e acesso à determinada oferta (SOUZA & SERRENTINO, 2002 p. 115).

No caso de certas ofertas ao mercado, a empresa ou o governo pode restringir as vendas a determinados grupos. Entendendo o mercado-alvo como a parte do mercado disponível que a empresa decide buscar; e o mercado atendido como o conjunto de consumidores que estão comprando o produto da empresa.

Agregar valor ao produto ou serviço é uma estratégia competitiva, porque diferencia o mesmo, dentro de um mercado, mas para que faça sentido é preciso que seja percebido pelo cliente, e que seja planejado e analisado por quem produz. Assim produto e valor são vistos como partes inseparáveis no processo produtivo em sua totalidade.

Segundo Souza & Serrentino (2002), um dos mais relevantes elementos que marcaram o final do período que se convencionou chamar de Velha Economia é o conceito de valor. Podendo conceituar valor como a parte da comercialização percebida pelo consumidor através produto com seus atributos tangíveis mais os elementos que estão agregados ao produto e à compra, tais como garantias, serviços, atendimento, marca e ponto de venda, onde a opção do consumidor será pelo resultado que maximiza o valor percebido.

Segundo Kotler & Keller (2006 p. 182), o ponto de partida para compreender o comportamento do comprador são os estímulos. Esses estímulos penetram no consciente do comprador, dos quais:

De acordo com algumas teorias que queriam explicar por que os indivíduos são motivados por necessidades específicas em determinados momentos, as necessidades humanas são dispostas em uma hierarquia, da mais urgente para menos urgente. Em ordem de importância, elas são necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de estima e necessidades de auto-realização. As pessoas tentam satisfazer as mais importantes em primeiro lugar. Quando conseguem satisfazer uma necessidade importante, tentam satisfazer a próxima necessidade mais importante (KOTLER & KELLER, 2006 p. 183).

Portanto, torna-se sumariamente necessário avaliar essas condições entre os indivíduos e o

produto. Um primeiro passo seria avaliar as oportunidades de mercado, o que significa compreender a demanda de mercado e a demanda para a empresa em função da organização realizada para a comercialização do produto desenvolvido, potencializando as possibilidades de venda e através da força de vendas também entender o encadeamento da demanda com o potencial de mercado e com a previsão de vendas (COBRA, 1991).

A avaliação das oportunidades de mercado é importante na administração da força de vendas. Para Cobra (1991) é preciso tentar responder (em função dos dados necessários) três questões-chave:

1. *Qual é a demanda de determinada zona?*
2. *Que tipo de planejamento de vendas é necessário para atender a essa demanda?*
3. *Que tipo de esforço de venda deve ser realizado para atender às oportunidades de mercado?*

Ao buscar responder essas questões-chave, pode se mensurar o potencial de mercado do produto pretendido. Nas proposições de Cobra (1991 p. 58), o potencial de Mercado é calculado para representar a capacidade de um mercado de determinada área ou de um ramo de atividades em observar uma quantidade específica de vendas de um produto.

Segundo Kotler & Keller (2006), um conjunto de empresas que adotam a mesma estratégia em determinado mercado-alvo é chamado de grupo estratégico. Sendo assim, a empresa busca identificar qual é o seu grupo estratégico e a partir daí, ideias importantes vão surgindo como, por exemplo, investir na qualidade do produto.

A partir do conhecimento das dinâmicas do mercado, das estratégias de vendas, da competitividade e todas as variáveis que envolvem o produto produzido pelas mulheres no Setor Santa Bárbara, delineiam-se perspectivas e possibilidades de empregabilidade, seja ela autônoma ou formal, com ou grandes ou pequenas produções.

Assim, as mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais. Os parâmetros do empoderamento podem ser percebidos a partir da construção de uma autoimagem e confiança positiva; do desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente; da construção da coesão de grupo; da promoção da tomada de decisões e, por fim, a ação dos quais são partes do objetivo maior do Projeto Mulheres Mil.

1.4 Possibilidades da Pequena Produção

A realidade do trabalho e seus vínculos com os aspectos sociais, políticos, econômicos e educativos apresenta incertezas e desafios que só podem ser superados mediante a participação efetiva das pessoas na busca de alternativas economicamente viáveis, tecnicamente exequíveis e socialmente desejadas (SEBRAE,2001).

Nesse sentido, as ações associativas ocupam a cada dia importantes espaços na sociedade, através da organização de grupos ou parcerias, inúmeras associações, cooperativas e outras formas associativas específicas são adotadas. Assim, as organizações associativas apresentam – se como uma alternativa para a conquista de benefícios econômicos e sociais que, de forma isolada, jamais poderiam ser atingidos.

Segundo SEBRAE (2001), a cooperação, no sentido de ação, pode ser entendida como a união de esforços de um grupo (pessoas físicas ou jurídicas) para a realização de objetivos dificilmente alcançados de forma individual. Em outras palavras, cooperar subentende compartilhar objetivos e propor ações conjuntas para realizá-los, através de uma interação consciente e interdependente dos participantes do processo.

Quando os indivíduos trabalham juntos, tendo em vista um objetivo comum, seu comportamento é chamado de cooperação. Nas organizações associativas, o raciocínio não é diferente. Elas são construídas sobre uma base comum de interesses de um grupo ou categoria, com

objetivos e identidade cultural própria, apoiando-se sobre o princípio de que as pessoas podem e devem se ajudar mutuamente para resolver seus problemas. O princípio moral é a solidariedade, que se expressa no critério operacional da cooperação (**cooperar = produzir com outros**).

Nesse sentido, apresentam-se as Redes Associativas, implementando ações educadoras e buscando disseminar uma visão empreendedora, inovadora e moderna, que proporcionem vantagens competitivas às organizações associativas. A saber, elas podem ser:

- **Associativismo** – Em sentido amplo, compreende toda iniciativa de pessoas ou entidades que reúnem esforços, vontades e recursos com o objetivo de superar dificuldade, resolver problemas e gerar benefícios comuns que, isoladamente, tornar-se-iam bem mais difíceis de ser conseguidos. Os valores que norteiam a prática associativa são: Solidariedade (forte sentimento de unidade de um grupo com interesses comuns); Interdependência (onde os resultados individuais só serão alcançados se houver interação do grupo); Confiança Mútua (seria o compartilhamento de valores); Aceitação das lideranças (aceitação plena pelo grupo de pessoas que ocupam o poder formal/informal); Participação direta (comprometimento e responsabilidade do grupo com as ações); Multiplicidade (experiências e conhecimentos que agregam valor ao processo do grupo); Sinergias (amplificação da força potencial e possibilidades do grupo); Visão comum (leva o grupo a compartilhar uma mesma direção nas suas condutas/ações) Aprendizagem coletiva (levam os participantes do grupo a manter a competitividade frente as mudanças de mercado); Informalidade (participar da organização com objetivos econômicos, mas também pelo sentido de realização pessoal); Fraternidade (união e convivência fraterna e harmônica entre os participantes)⁵.
- **Cooperativismo** – É um instrumento de organização da sociedade utilizado no mundo inteiro, cujo objetivo não é o conjunto de pessoas, mas o indivíduo, através desse conjunto. Os valores que organizam esse sistema são: Adesão voluntária e livre (direito de entrar e sair sem discriminação de raça, sexo, posição social e política, financeira e religiosa); Gestão democrática pelos membros (os cooperantes reunidos em assembleia discutem e votam conjuntamente); Participação econômica dos membros (contribuição igualitária para formação de capital); Autonomia e Independência (são organizações autônomas controladas pelos seus membros); Educação, formação e informação (objetiva permanentemente destinar ações e recursos para formação de seus associados); Intercooperação (intercambio de informações, produtos e serviços, viabilizando o setor como a atividade socioeconômica); Interesse pela comunidade (trabalho para o bem-estar e desenvolvimento sustentado de suas comunidades)⁶.
- **Economia Popular e Solidária** – reúne um conjunto de iniciativas econômicas privadas direcionadas para o interesse coletivo e baseadas na democracia, na solidariedade e na cooperação, sendo realizada a elaboração conjunta da oferta e demanda a partir dos espaços públicos de proximidade, os quais favorecem uma rearticulação econômica, social e política.

De acordo com as premissas do Projeto Mulheres Mil, as mulheres do Setor Santa Bárbara tendem a estar mais próximas das práticas da Economia Solidária, pois as redes associativas sejam elas através de cooperativas ou associações convergem para esse tipo de economia.

5 4 - O conceito de Associação aparece aí como sociedade civil sem fins lucrativos que representa e defende os interesses dos associados. A legislação que rege é o Art. 5º, incisos XVII a XXI e Art. 174 parágrafo 2º e o Código Civil e devem ter no mínimo de duas pessoas físicas e/ou jurídicas, sem limite máximo (SEBRAE, 2009 p. 46).

6 5 - Os princípios que regem os valores do cooperativismo são: Humanismo, Liberdade, Democracia, Participação, Responsabilidade, Solidariedade e Justiça Social. Aparece o conceito de Cooperativa como sociedade civil de fins econômicos e sociais e seu principal fim é atuar em nível de mercado. Está na Constituição, Código Civil, Lei Federal (5.764/71) e legislações específicas. O limite mínimo de vinte pessoas sem limite máximo (SEBRAE, 2009 p. 46).

Nas definições de Singer (2008,) o conceito de Economia Solidária é um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. Mas, são pequenas cooperativas, não há nenhuma distinção importante de funções, todo o mundo faz o que precisa.

Sendo assim, a conceituação de economia solidária, por si só, já nos leva a uma visão da importância desse sistema para o empoderamento das mulheres, já que as mesmas, podem fazer parte da gestão de forma participativa e democrática sendo incentivadas a tomar decisões e minimizar as diferenças de funções entre mulheres e homens dentro de um empreendimento.

Entendemos por desenvolvimento solidário um processo de fomento de novas forças produtivas e de instauração de novas relações de produção, de modo a promover um processo sustentável de crescimento econômico, que preserve a natureza e redistribua os frutos do crescimento a favor dos que se encontram marginalizados da produção social e da função dos resultados da mesma. O desenvolvimento almejado deve gradativamente tornar a relação de forças de empreendimentos que não visam apenas nem principalmente aos lucros e os que sim o fazem, mas favorável aos primeiros (SINGER, 2009).

A premissa básica nesse novo modelo econômico é, justamente, favorecer a uma economia voltada para a participação das pessoas envolvidas e não a esse capitalismo selvagem que leva à acumulação de poucos sobre os muitos desfavorecidos no processo. E também a rever a estrutura neoliberal que deixa o mercado ser condizente com um único objetivo que é o lucro.

Segundo os teóricos que trabalham com esse conceito, a Economia Popular e Solidária ocupa lacunas deixadas pelo modo de produção capitalista que nem o mercado, nem o poder público conseguiram solucionar: o desemprego, a exclusão social, econômica e política, a insegurança alimentar, o acesso à educação e saúde, etc. (GUÉRIN, 2003: 75).

Para que isto ocorra efetivamente, é fundamental o estabelecimento de relações de confiança entre os membros. Muitas reuniões, conversas, debates e discussões são importantes para estabelecer a coesão necessária para que a economia solidária, de fato, aconteça (ANGELIN & BERNADI).

No Brasil, a Economia Solidária ganha expressão e visibilidade a partir da década de 80, quando o agir coletivo se colocava como uma alternativa possível para os atores sociais, que estão em sua grande maioria, excluídos do mercado de trabalho formal e do consumo. Nela eles se organizam pela via da solidariedade, trabalho coletivo e do reconhecimento de um ponto em comum: a busca de trabalho e renda.

De modo geral, pode-se dizer que pessoas ou grupos se associam em empreendimentos solidários para compensarem, pela agregação de recursos que cada um dispõe, a ausência de direitos sociais e econômicos provocada pela concentração capitalista e insignificante crescimento econômico. Essa característica está presente, sobretudo no Brasil, já na década de 90.

Singer (2008) afirma que, no Brasil, a Economia Solidária veio para definir um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, já que nessa economia não existem mais exploradores e explorados, pois não tem como característica levar vantagem sobre os outros e muito menos gerar riquezas através da destruição da natureza. A base da Economia Solidária é formada pelas relações de cooperação, pelo fortalecimento do grupo e das comunidades

sem patrão nem empregado, e todos pensando no bem de todos e no seu próprio bem⁷.

Como a característica mais importante de todos esses empreendimentos solidários e a autogestão, isso significa que não há mais patrões e empregados. Os meios de produção (terra, equipamentos e instalações) pertencem a todos os que trabalham no empreendimento.

A Economia Solidária ganha espaço onde o sistema econômico é marcado por disparidades. No caso do Brasil o Capitalismo que aqui se estabeleceu, fomentou a distancia entre ricos e pobres. O capitalismo é marcado por essa contradição de produzir riqueza gerando miséria.

Assim, além de valorizar, promover e articular as formas cooperativas e autogestionárias de produção, comercialização, consumo, crédito etc., a Economia Solidária tem em vista a construção de um novo projeto de desenvolvimento para o país, que seja ao mesmo tempo sustentável, solidário, global e coletivo.

Todas essas articulações estão, não só de acordo com as propostas do Projeto Mulheres Mil para as mulheres do Setor Santa Bárbara como ressaltam nas mesmas mais possibilidades de empreender suas pequenas produções ao ponto de adotar até mesmo, outros caminhos e mecanismo de comercialização, inclusive inserindo-se no empreendedorismo individual.

⁷ 6 - Não só no Brasil, mas em várias partes do mundo a administração da Economia Solidária é feita coletivamente, de forma democrática, e os resultados são compartilhados entre todos. Para tomar decisões, cada cabeça é um voto. A Economia Solidária é uma prática regida pelos valores de autogestão, democracia, cooperação, solidariedade, respeito à natureza, promoção da dignidade e valorização do trabalho humano, tendo em vista um projeto de desenvolvimento sustentável global e coletivo. Também é entendida como uma estratégia de enfrentamento da exclusão social e da precarização do trabalho, sustentada em formas coletivas, justas e solidárias de geração de trabalho e renda (SINGER, 2008 p. 34).

2 CAPÍTULO II

DO TRABALHO DE CAMPO AO CAMPO DAS ANÁLISES

O objetivo desse capítulo é explicitar a metodologia de pesquisa utilizada detalhando os procedimentos metodológicos que foram utilizados. Tendo clareza que a pesquisa deve ir muito além da simples descrição dos fatos empíricos, mas acrescentar uma análise acurada daquilo que está sendo revelado no desenrolar da investigação, alguns métodos foram utilizados para buscar descrever e analisar todas as facetas de um fenômeno bastante complexo sem simplificá-lo ou partir para ressignificações.

Os métodos se alternam também porque cada um tem suas vantagens e desvantagens e assim o que foge ao alcance de um método pode ser compreendido pelo outro. A opção pela pesquisa-ação foi feita em função do lugar de onde fala a pesquisadora, sem perder de vista, no entanto, as críticas que são feitas a esse tipo de pesquisa.

Gatti (2000) afirma que há uma tendência dos trabalhos em várias áreas para um pragmatismo imediatista, tanto na escolha dos problemas quanto na preocupação com uma aplicabilidade direta dos resultados. Esse foi um dos desafios da pesquisadora e autora deste trabalho.

No caso da elaboração ou da identificação do objeto e do problema dessa pesquisa, tivemos o cuidado de buscar a tão recomendada dose de parcialidade, tendo em vista que envolvida diretamente no espaço, na atuação, na coordenação e nas análises dos resultados do Projeto Mulheres Mil, e buscando a partir do mesmo buscar vieses de crítica e análises das realidades vivenciadas por mulheres atendidas pelo projeto, a segurança metodológica veio apenas pela utilização de alguns métodos como a pesquisa-ação.

A relação pesquisa-ação-mudança parece ser encarada de maneira um tanto simplista. A propagação da metodologia de pesquisa-ação e da teoria do conflito no início dos anos 80, ao lado de certo descrédito de que as soluções técnicas iriam resolver os problemas da educação brasileira fazem mudar o perfil da pesquisa, abrindo espaço à abordagem crítica (GATTI 2000, p.70).

A partir dessa possibilidade da pesquisa, nos abrimos para outra em que a pesquisadora (e autora deste trabalho) também pudesse fazer uma interface com as experiências vividas e vivenciadas enquanto professora e coordenadora e também como mulher, apesar de estar inserida em outras realidades de classe, de cor e de gênero que as mulheres atendidas pelo projeto. Assim, nos aproximamos dos estudos feministas visando entender como as mulheres em seus diferentes espaços sofrem diferentes e iguais opressões de gênero.

Essa aproximação também foi importante para entendermos como funciona a intersecção da categoria gênero com outras categorias de análises como raça/etnia, espaço/tempo e classe. Nesse sentido, essa pesquisa com mulheres no Projeto Mulheres Mil buscou a partir das análises, fazer uma abordagem crítica sobre o modo de vida dessas mulheres tomando por crivo duas categorias principais nesse trabalho: mulheres e renda.

Primamos também por uma abordagem etnográfica, uma vez que queríamos de alguma forma entender como ocorre o confronto entre a teoria e a prática, entre o que se escreve e o que está exposto na realidade, claro, interligando suas semelhanças e suas correlações.

Concordamos como Peirano (1992) que uma abordagem etnográfica é uma descoberta que é um "diálogo", não entre indivíduos -- pesquisador e nativo -- mas, sim, entre a teoria acumulada e o confronto com uma realidade que traz novos desafios para ser entendida e interpretada; um exercício de "estranhamento" existencial e teórico, que passa por vivências múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da experiência humana.

2.1 Métodos

Como necessitamos entender os métodos adotamos, alguns pressupostos teóricos para que pudéssemos aplica-los. Logo, esse trabalho tomou por caminho qualitativo, apesar de utilizarmos várias formas de qualificar a pesquisa, inclusive utilizando números e percentagens nessas análises para que pudéssemos chegar à realidade, ou uma aproximação da mesma.

As abordagens metodológicas também acompanham essas aproximações e ganham força os estudos “qualitativos”, que aproximam também um conjunto heterogêneo de métodos, de técnicas e de análises, que vão desde os estudos etnográficos, as pesquisas participantes, os estudos de caso até a pesquisa-ação e as análises de discurso, de narrativas, de histórias de vida e também a inter-relação dos mesmos.

Sanches (1993 p.46) afirma que “quanto mais complexo é o fenômeno sob investigação, maior deverá ser o esforço para se chegar a uma quantificação adequada”. A reflexão de Sanches ajuda a nos introduzir no campo de análise dessa pesquisa, pois uma das questões colocadas sobre a cientificidade das ciências sociais diz respeito à plausibilidade de se tratar de uma realidade na qual tanto investigadores como investigados são agentes.

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.

Por trabalhar em nível de intensidade das relações sociais (para se utilizar uma expressão kantiana), a abordagem qualitativa só pode ser empregada para a compreensão de fenômenos específicos e delimitáveis mais pelo seu grau de complexidade interna do que pela sua expressão quantitativa. Adequa-se, por exemplo, ao estudo de um grupo de pessoas afetadas por uma doença, ao estudo do desempenho de uma instituição, ao estudo da configuração de um fenômeno ou processo (SANCHES, 1993). Assim,

Nestes termos, a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (SANCHES,1999 p. 241).

Todavia, para Goldmann (1980 p. 45) “a consciência coletiva só existe nas consciências individuais, embora não seja a soma dessas últimas”. Para o autor, a compreensão intersubjetiva requer a imersão nos significados compartilhados.

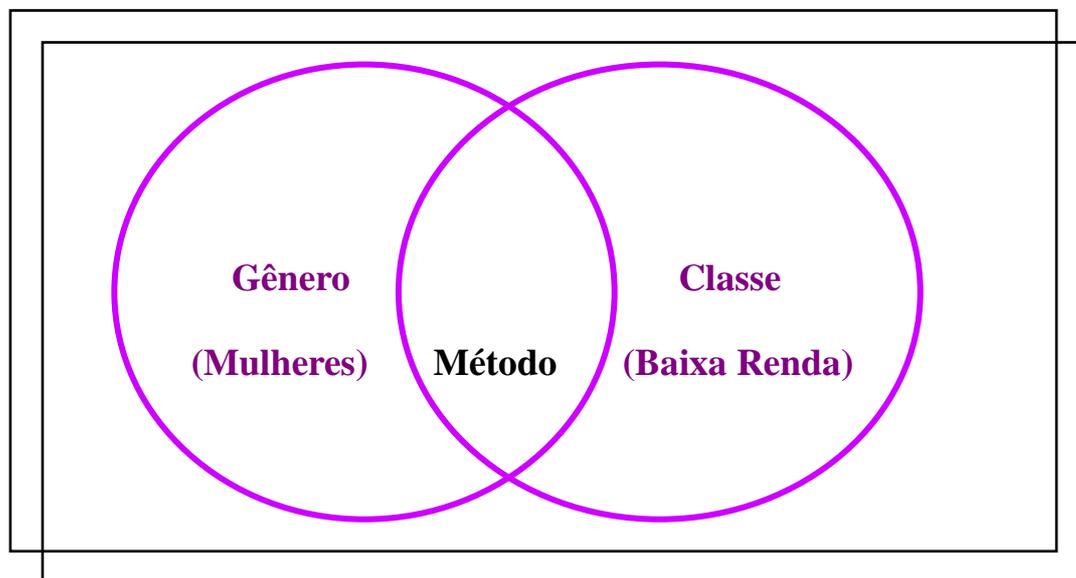
O confronto da fala e da prática social é tarefa complementar e concomitante da investigação qualitativa, que, no entanto, em alguns casos, limita-se ao material discursivo. Em particular, as abordagens etnográficas não dispensam as etapas de observação e convivência no campo. A dimensão simbólica contempla os significados dos sujeitos; a histórica privilegia o tempo consolidado do espaço real e analítico; e a concreta refere-se às estruturas e aos atores sociais em relação. Nesse sentido, os estudos etnográficos nos auxiliaram nesta pesquisa.

De acordo com Reis (1991 p. 45)) em suma, no Brasil teme-se que a etnografia possa favorecer um relaxamento do rigor metodológico das ciências sociais, embora se ressalte que tal fato não leva a um banimento "do recurso legítimo a diferentes técnicas".

Fizemos um esforço de compilar nossas análises e nossas críticas através dos métodos e também do que nos propomos analisar. Portanto, adotamos no método qualitativo uma abordagem que prima pela interseccionalidade, analisando duas categorias importantes nesse trabalho: Gênero (mulheres) e classe social (Baixa renda) na medida em que se busca entender como está o modo de

vida das mulheres no Setor Santa Bárbara após a experiência no Projeto Mulheres Mil (Figura 01).

Figura 01: Intersecções das categorias de análises



Org: A autora

A interseccionalidade como uma abordagem feminista tem significativo impacto nos discursos e debates sobre intolerâncias correlatas, ou seja, os modos pelos quais as exclusões, as opressões se intersectam com a pobreza, a discriminação de gênero e a homofobia.

Várias feministas enfatizaram que, se não fosse dada atenção ao gênero, certas formas de discriminações (de raça, etnia, classe) passariam despercebidas. Entre elas, as feministas da Viola Casares, uma organização de trabalhadoras de origem latino-americana, precursora do movimento antiglobalização, testemunhou que as conexões entre globalização e discriminações criam condições:

Nas quais mulheres de cor, mulheres pobres e aquelas que não têm uma educação adequada são tripudiadas, discriminadas e oprimidas como se não tivessem valor algum. Sabemos que a globalização aumenta a violência existente em nossas comunidades, especialmente a violência doméstica e a violência contra crianças nas comunidades de cor. [...] Não quero que ninguém sinta pena [...] de nós. Nós, e outras mulheres, somos fortes e continuaremos a lutar. [...] Isso foi o que ouvi de todas as mulheres que conheci, de todas as partes do mundo. Somos mães, irmãs, esposas, companheiras, avós, trabalhadoras, filhas e lutadoras. (...) Entendemos a relação entre globalização e discriminação. (BLACKWELL & NABER, 2002 p. 190)

Portanto, ressaltamos a interseccionalidade como forma de análise e como um esforço das Teorias Feministas na contribuição para um diálogo em torno de opressões comuns em um contexto internacional, nacional, regional, local; no alargamento de nossa definição de discriminações e de exclusões sociais e/ou culturais e de como, em sua complexidade, ele se intersecta com múltiplas formas de opressão.

2.2 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa limita-se à análise das práticas empregadas no fomento da comercialização entre mulheres da região de Palmas, e que estão inseridas em um projeto de política pública do governo federal. Para perceber efetivamente como esse projeto afeta suas vidas e determinar se ele efetivamente favoreceu a inserção dessas mulheres no mundo do trabalho, buscamos trabalhar preferencialmente com questionários e entrevistas semiestruturadas. A coleta de dados foi realizada na seguinte ordem de etapas:

- i) Pesquisa bibliográfica (livros, textos e trabalhos acadêmicos);
- ii) Pesquisa documental (relatórios, banco de dados, materiais de divulgação produzidos por organizações não governamentais e/ou pelo governo e pela mídia impressa);
- iii) Seleção de entrevistados;
- iv) Organização e tratamento dos dados e,
- v) Análise dos dados.

O procedimento de análise dos dados quantitativos se dará através de categorização, de agrupamento e de cruzamento de dados.

Este trabalho utilizou como instrumento um diagnóstico realizado em forma de questionário e entrevistas semiestruturadas. Vale salientar que a pesquisa foi feita por livre participação sendo elaborado pela pesquisadora uma carta informativa constando um termo de consentimento. Cada participante recebeu essa carta individual e após ler e da ciência assinou. No anexo 03 consta a carta de uma aluna representando as demais para efeito de modelo para a essa pesquisa. Embora todas tenham assinado uma carta individual. O universo da pesquisa compreende todas as mulheres da segunda turma que participou do Projeto Mulheres Mil oriundo do Campus de Palmas, tendo como objetivo, colher informações sobre se o Projeto Mulheres Mil promoveu a equidade, o empoderamento resultante das práticas do projeto e de que forma essas mulheres foram favorecidas na inserção no mundo do trabalho.

2.3 Questionário

Para que não houvesse dúvidas em relação às perguntas, foi realizado antes da aplicação da pesquisa uma reunião com as mulheres objetivando esclarecer as possíveis dúvidas sobre os conteúdos do questionário.

O questionário foi aplicado em 60 % das mulheres (27 mulheres) da segunda turma do projeto. Optou-se por um questionário misto (com respostas prioritariamente fechadas mas com espaço aberto para possíveis complementos das respostas). O referido questionário teve a pretensão de verificar como a maioria das mulheres perceberam se foram possivelmente beneficiadas pelo enfoque do projeto.

2.3.1 Observação participativa

É importante ressaltar que durante todo o processo da aplicação do projeto mulheres mil houve uma relativa observação por parte do pesquisador, tendo em vista que a mesma participou da primeira turma como instrutora e da segunda turma, que é o objeto da pesquisa, como coordenadora do projeto no Instituto Federal – *campus* Palmas. Também houve a participação em relação aos registros das alunas, aos documentos escolares e as pesquisas feitas durante o processo.

O questionário aplicado foi analisado levando-se em consideração a seguinte questão principal dessa pesquisa: O Projeto Mulheres Mil promoveu a equidade? Como? Houve um

empoderamento dessas mulheres resultante das práticas do projeto? E de que forma isso favoreceu a inserção no mundo do trabalho?

Para tentar responder a esse questionamento, a análise dos dados referentes a cada tema do questionário seguiu uma trajetória que iniciou com a definição do tema, segundo seus principais autores, as argumentações teóricas e terminando com a análise propriamente dita das respostas das alunas.

Para isso, buscaram-se técnicas mais abertas de coleta de dados qualitativos que dessem conta de contemplar esse objetivo. Logo, os objetivos da pesquisa conduzem à necessidade de analisar o discurso das mulheres do Setor Santa Bárbara a respeito de suas relações sociais e econômicas após passarem pelo Projeto Mulheres Mil.

A entrevista semiestruturadas foi a principal técnica utilizada. Essa técnica tem como característica permitir uma interação entre pesquisador e pesquisado tal que este se sinta mais à vontade para falar sobre o que é solicitado, sem a interferência frequente do pesquisador.

A intenção da utilização desse instrumento é criar estímulo para que as respostas sejam dadas de forma narrativa, abrindo espaço para reflexão, elaboração, e ordenação própria do sujeito respondente. O recurso à memória e ao raciocínio são características desse tipo de técnica de pesquisa o que permitirá analisar, dentro das falas das entrevistadas, as vinculações e relações efetuadas por elas sobre as experiências de vida em torno do projeto Mulheres Mil. Portanto, o método qualitativo e a técnica aqui empregada buscam contemplar a dimensão da experiência na vida social.

Utilizamos um roteiro de entrevista coletiva, composto por 18 (dezoito) questões abertas que tinham como objetivo possibilitar as mulheres externalizassem de forma narrativa a sua passagem no projeto pontuando os entraves percebidos durante todo o processo vivido pelas mesmas e conseqüentemente enriquecendo os dados e complementando os outros métodos utilizados pela pesquisadora dando mais consistência e contextualizando a pesquisa de um modo geral.

A forma de amostragem utilizado foi a amostragem teórica. Segundo Flick (2004). A amostragem teórica tem por princípio básico selecionar casos ou grupos de casos de acordo com critérios concretos que digam respeito ao seu conteúdo, em vez de utilizar critérios metodológicos abstratos. A entrevista foi realizada com 60% das mulheres (27 mulheres) no mesmo ambiente que foi aplicado o questionário, porém em dias diferentes.

2.3.2 Participantes

Foram inscritas nessa segunda turma 50 mulheres das quais apenas 44 continuaram no projeto. As características do grupo de mulheres que participaram da pesquisa segundo dados levantados nas fichas de inscrição, trata-se da seguinte análise: 53% dessas mulheres se disseram casadas, 37,7% estão na faixa etária entre 31 e 40 anos, 59 % delas possuem de 2 a 4 filhos, 57,4% disseram que residem no bairro há cerca de 4 até 6 anos. Além disso, 76% já moram em casa própria.

Na ocasião da inscrição, 83% não estavam estudando e menos da metade fez até ou não concluiu o ensino fundamental. 31 % das entrevistadas se denominaram como autônomas, apenas 23% se consideram do lar, 66 % recebem menos que 1 salário mínimo, 64% recebem algum benefício do Governo como bolsa escola, bolsa família.

Para o presente estudo, participaram 27 mulheres que de forma voluntária atenderam ao convite verbal da pesquisadora enviado quinze dias antes, em visita à sala de aula onde as mesmas estavam participando da aula da saudade. (A aula da saudade foi um evento para contemplar a finalização do projeto dessa primeira turma onde as mulheres receberam seu certificado de

conclusão referente ao primeiro segmento e o segundo segmento.)

Para a coleta de dados do presente estudo foram utilizados três instrumentos. O primeiro foram questionários compostos por 28 (vinte oito) questões sendo segmentados em três etapas , a primeira com 09 (nove) perguntas referente às questões comportamentais , a segunda com 05 (cinco) perguntas referente à inclusão social e a terceira com 14 (quatorze) perguntas referente à comercialização.

Tinham como objetivo averiguar a questão central da pesquisa: se o Projeto Mulheres Mil cumpriu a sua proposição, através das suas praticas, promoveu a equidade? Houve um empoderamento dessas mulheres? E de que forma isso favoreceu a inserção no mundo do trabalho?

Finalmente, o terceiro instrumento foi a observação participante realizada durante o ano de 2008, em que a pesquisadora exerceu a função de professora da primeira turma e durante o período de 2010 até os dias atuais como coordenadora do projeto na segunda turma que é o objeto desta pesquisa.

2.3.3 Procedimentos

Para a aplicação do questionário, com perguntas fechadas e abertas, foi realizado em sala de aula da seguinte forma: as 27 (vinte e sete) alunas presentes foram cumprimentadas pela pesquisadora onde a mesma agradeceu a presença das mesmas. Após os cumprimentos foi esclarecido o objetivo da pesquisa e pedido a autorização para que, se necessário, fossem divulgados os dados e as imagens da mesma.

Essa autorização foi formalizada antes da aplicação do questionário como também foi esclarecido como seria o procedimento para o preenchimento do mesmo e foi reservado um tempo para perguntas de dúvidas. Durante o processo a pesquisadora e duas assistentes estavam à disposição para esclarecer qualquer dúvidas que surgissem no decorrer da pesquisa.

A entrevista foi realizada da seguinte forma: logo após uma oficina/dinâmica foi dado um intervalo para que as entrevistadas pudessem. Ao se recomparam com aproximadamente 15 (quinze) minutos as mesmas retornaram ao mesmo ambiente para iniciar o processo da entrevista. Explicamos o objetivo da entrevista coletiva e que a dinâmica seria da seguinte forma.

Fizemos as perguntas e através das mesmas, suscitamos debates sobre as mesmas em que cada mulher ali presente poderia responder ou complementar as respostas já dadas como também poderia através dos debates externalizar qualquer comentário mesmo que não estivesse direcionado pelas perguntas naquele momento.

Todas as respostas foram sumariamente anotadas e nenhuma foi refugada, aproveitamos inclusive para intermediar as respostas a outras perguntas que não estavam no modelo ou estrutura da entrevista.

As observações foram realizadas no período em que a autora deste trabalho foi professora da primeira turma e coordenadora da segunda turma. Esse período em que desenvolvemos tais atribuições nos deu maior ânimo na coleta e análise do presente estudo, embora não foi um período exclusivamente destinado à coleta de dados para fins de estudo.

2.4 Da participação à Observação

Deixamos nossas experiências com a pesquisa-ação por último, embora não menos importante porque nossas análises ainda estão muito presentes nas referências consultadas para elaboração deste trabalho.

Se alguém opta por trabalhar com pesquisa-ação, por certo tem a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática.

Quando a busca de transformação é solicitada pelo grupo de referência à equipe de pesquisadores, a pesquisa tem sido conceituada como pesquisa-ação colaborativa, em que a função do pesquisador será a de fazer parte e cientificizar um processo de mudança anteriormente desencadeado pelos sujeitos do grupo; se essa transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, essa pesquisa vai assumindo o caráter de criatividade e, então, tem se utilizado a conceituação de pesquisa-ação crítica; se ao contrário, a transformação é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos, e apenas o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação, essa pesquisa perde o qualificativo de pesquisa-ação crítica, podendo ser denominada de pesquisa-ação estratégica. (FRANCO, 2005: 485)

Enquanto isso, Kincheloe (1997) afirma que a pesquisa-ação, que é crítica, rejeita as noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade e deve pressupor a exposição entre valores pessoais e práticos. Isso se deve em parte porque a pesquisa-ação crítica não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas transformá-lo.

A condição para ser pesquisa-ação crítica é o mergulho na práxis do grupo social em estudo. Do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo. Nessa direção, as pesquisas-ação colaborativas, na maioria das vezes, assumem também o caráter de criticidade.

A pesquisa-ação crítica, vertente na qual está inserida essa pesquisa, considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo.

Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. É também por isso que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua autoconcepção de sujeitos históricos.

Portanto, se considerarmos a proposta inicial, ao falarmos de pesquisa – ação, estaríamos pressupondo uma pesquisa de transformação, participativa, caminhando para processos formativos.

De acordo com Kurt Lewin, (1946) a pesquisa-ação é um processo de espiral que envolve três fases: 1. planejamento, que envolve reconhecimento da situação; 2. tomada de decisão; e 3. encontro de fatos (*fact finding*) sobre os resultados da ação. Esse *fact finding* deve ser incorporado como fato novo na fase seguinte de retomada do planejamento e assim sucessivamente.

Portanto, ao falar de pesquisa-ação, falamos de uma pesquisa que não se sustenta na epistemologia positivista, que pressupõe a integração dialética entre o sujeito e sua existência; entre fatos e valores; entre pensamentos e ação; e entre pesquisador e pesquisado.

3 CAPÍTULO III

PROJETO MULHERES MIL

3.1 A Parceria do Projeto Mulheres Mil com o Canadá

O Projeto Mulheres Mil – Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável constitui em uma ação colaborativa entre o Brasil e o Canadá, com a visão estratégica de atendimento dos compromissos e diretrizes das políticas públicas do Governo Brasileiro e dos acordos internacionais, assumidos pelos dois países (SETEC).

Nesse sentido, entendem-se como prioridades no âmbito internacional: Redução da Pobreza – metas do milênio (ODM/ONU); Programa Educação para Todos – Acesso e Qualidade (UNESCO); Programa Brasil/Canadá para cooperação internacional “Promoção de Intercambio de Conhecimento para a Promoção da Equidade (PIPE) – 2006-2010”; os Setores: governança, mundo do trabalho, saúde; Temas Transversais : Igualdade de Gênero; Igualdade Étnica; Concentração Regional : Norte e Nordeste. (SETEC)

O Projeto teve como financiadores e executores, pelo Canadá, a Association of Canadian Community Colleges (ACC), Canadian International Development Agency (CIDA) e os Colleges Canadenses.

O projeto teve como financiadores e executores pelo Brasil, o Comitê Brasileiro de Planejamento e Coordenação. O Ministério da Educação do Brasil é o atual coordenador do projeto devendo articular-se com o Comitê Executivo para as deliberações pertinentes. Realiza as gestões necessárias junto à Agência Brasileira de Cooperação (ABC) para aprovação dos planos de trabalho, das avaliações as ações e para a aprovação e utilização dos recursos previstos no projeto. A gestão tem a seguinte composição:

- ✓ Secretário de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC)
- ✓ Assessoria Internacional do Gabinete do Ministério da Educação (AL/MEC)
- ✓ Representante da Agência Brasileira de Cooperação (ABC)
- ✓ Um membro do Comitê Executivo;
- ✓ Um membro da Rede Norte e Nordeste de Educação Tecnológica (REDENET)

De acordo com Brasil (2008), o projeto Mulheres Mil é uma cooperação Brasil/Canadá, e está sendo implementado na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica em parceria cooperativa com o sistema de Faculdades e Institutos Canadenses, representados pela Associação das Faculdades Comunitárias Canadenses (ACCC), e os Institutos Federais, representado pela Secretaria de Educação e Ministério da Educação (MEC).

As metodologias usadas no Canadá foram reavaliadas para os IF's e adaptadas às realidades das alunas brasileiras. Já as faculdades canadenses estão usando as lições aprendidas, visando aprimorar os seus próprios sistemas e práticas em atender grupos alvo. Essa parceria Brasil e Canadá tem também como objetivo fortalecer e aumentar as relações entre os dois países (BRASIL, 2008).

Do ponto de vista institucional, alguns objetivos vêm sendo alcançados. De 2005 a março de 2011, houve intenso intercâmbio de conhecimento entre docentes e gestores brasileiros e canadenses, através de missões técnicas, cursos, *workshops* e reuniões de trabalho. Mais do que parcerias de cooperação internacional, Brasil e Canadá, estão buscando alcançar, na Educação Profissional e Tecnológica, uma relação de respeito, confiança e cumplicidade, com auxílios mútuos

e com diversos planos para um futuro próximo.

A partir daí, um dos resultados foi o estreitamento das relações entre Brasil e Canadá, e hoje as instituições vêm celebrando diversas parcerias. Nesse ínterim, para o Mulheres Mil, a ideia principal, é levar o projeto não só para outras instituições brasileiras, mas também para países que queiram adaptar o método adotado às demandas de sua população.

Segundo Brasil (2011), os cursos que as mulheres participam são de áreas diversas e buscam convergir para as habilidades das alunas e a vocação da região. Por isso, para a formação dessas mulheres são oferecidos cursos de corte e costura, governança, serviços domiciliares, cultivo e cuidados com os alimentos, artesanato, entre outros.

Descobrir talentos é uma questão-chave na implantação do Projeto Mulheres Mil, com a contribuição dos *colleges* canadenses, que há décadas implantam o processo de Reconhecimento da Aprendizagem Prévia (RAP), valida e certifica os conhecimentos acumulados no decorrer da vida.

Outra dimensão interessante do projeto é a adoção da metodologia ARAP (Metodologia de Avaliação e Reconhecimento da Aprendizagem Prévia) que, de acordo com Brasil (2011), essa metodologia é repassada pelos docentes canadenses, cuja máxima, está em articular a metodologia de reconhecimento de saberes e centralidade da formação cidadã das mulheres com a qualificação para o trabalho e com a elevação da escolaridade, possibilitando que as experiências adquiridas no dia-a-dia sejam avaliadas, qualificadas e certificadas.

Essa situação é comum na vida profissional de muitos trabalhadores, que desenvolvem atividades que aprenderam na prática e com o projeto tem a possibilidade de rever teoricamente e ter a comprovação de suas habilidades e competências a partir de um certificado.

Para poder viabilizar as várias etapas de estruturação e implementação do sistema e consolidar sua perenidade torna-se necessário a construção e institucionalização de uma equipe multidisciplinar formada por servidores das instituições executoras e parceiras, que tenham em seu perfil o desafio, a partir de suas ações ou mesmo a intenção, de construir uma sociedade mais justa e com equidade.

Para a plena efetivação do projeto, torna-se necessária a sistematização de material didático e promocional que reflitam as características e particularidades do projeto e os interesses específicos do público – alvo, podendo ainda enriquecer o acervo com material já publicado e que estejam em sintonia com os princípios do projeto, entre esses materiais pode-se citar: objetos de aprendizagem, *folders*, textos, apostilas, slides, livros, artigos, peças e a elaboração do plano de comunicação e disseminação.

O espaço institucional de referência se refere ao desenvolvimento dos serviços de acesso a permanência das mulheres do projeto e do alunado não tradicional. Este é a referência e o suporte para equipe multidisciplinar, parceiros e às mulheres atendidas pelo projeto, além do ambiente de boas vindas, acolhimento e aconselhamento das mulheres. É um espaço de conexão e articulação com os diversos setores dos IF's, dos parceiros e o mundo do trabalho para o alcance dos objetivos do projeto.

Entre as possibilidades e benefícios estão a oferta e disponibilização de informações sobre todos os serviços existentes: formas de ingresso, serviços educacionais, assistência médico/odontológica, apoio social, suporte ao empreendedorismo e cooperativismo, informações sobre acesso ao mundo do trabalho, entre outros; além da disponibilização de recursos de materiais pertinentes ao alunado não tradicional e desfavorecidos socialmente.

Todos os projetos serão executados pelos Institutos Federais de das regiões Nordeste e Norte, Educação, Ciência e Tecnologia (IF's) cujas dependências físicas, recursos humanos e materiais serão disponibilizados às comunidades a serem atendidas, à equipe canadense e aos demais parceiros institucionais, visando atingir os objetivos pretendidos. As contribuições de cada IF's já constam previamente nas Fichas Resumo dos projetos.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, a equipe será acrescida com a participação de outros colaboradores para temas específicos (parceiros institucionais), como também envolverá os alunos de graduação tecnológica para trabalhos de capacitação da comunidade atendida, com serviços de monitoria, dentre outros.

Outro objetivo do projeto e das parcerias entre Brasil/Canadá é assegurar a institucionalização nos IF's das metodologias e técnicas desenvolvidas durante os projetos visando facilitar a sustentabilidade e expansão. As equipes dos projetos devem assim preparar uma minuta do plano de sustentabilidade para aprovação pelos diretores-gerais, como uma forma institucional de assegurar o conjunto de materiais e métodos do projeto.

3.2 A origem e a Evolução do Projeto Mulheres Mil no Brasil

Segundo Brasil (2008), o Projeto Mulheres Mil faz parte de um plano de políticas públicas do Governo do Brasil que está inserido no conjunto de prioridades, especialmente nos eixos promoção da equidade, igualdade entre sexos, combate à violência contra a mulher e acesso de todos à educação.

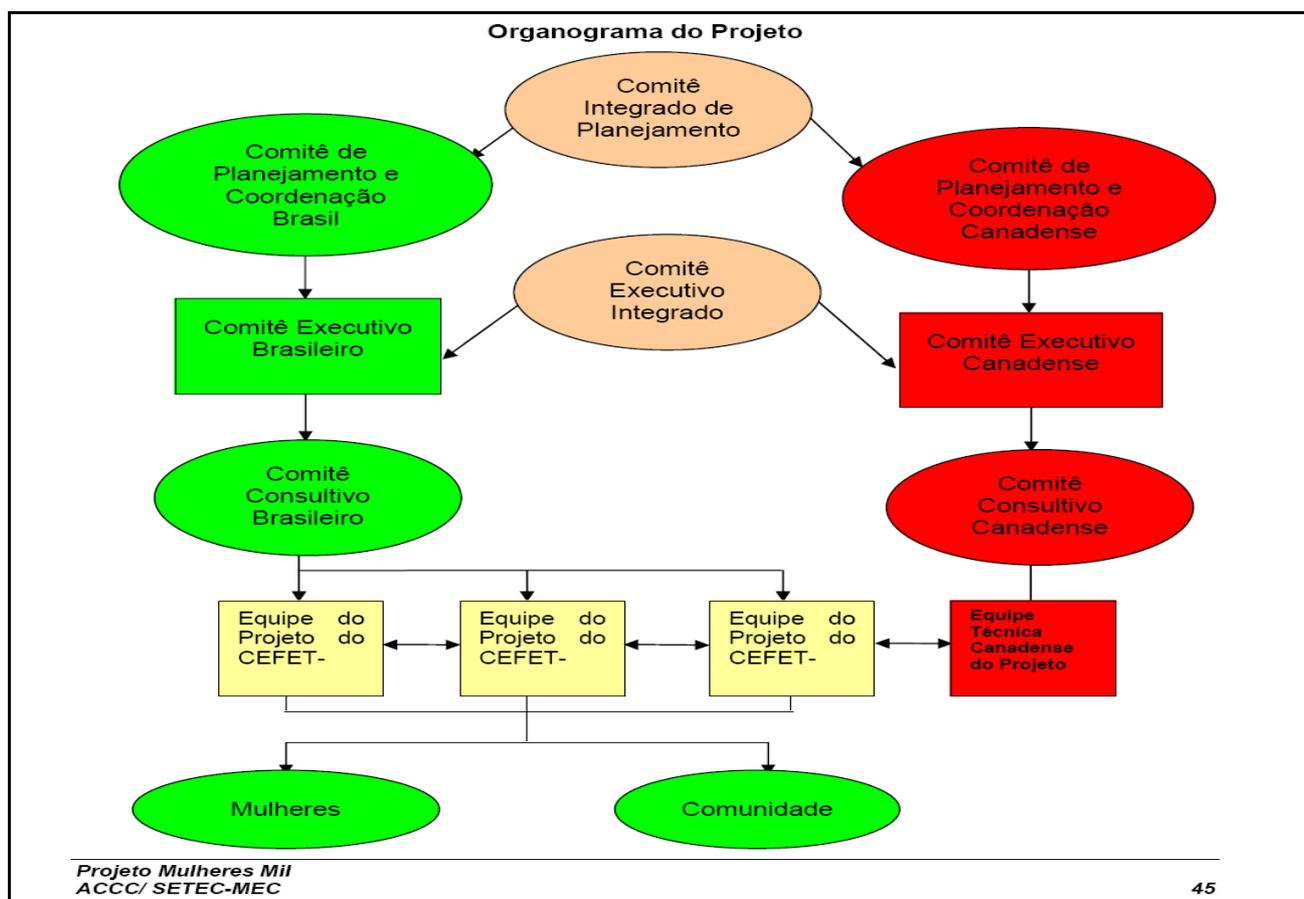
Ao se especializar nas instituições brasileiras o projeto tem como objetivo promover, a princípio, a formação profissional e tecnológica de cerca de mil mulheres desfavorecidas das regiões nordeste e norte. E tem como meta garantir o acesso à educação profissional e à elevação da escolaridade, de acordo com as necessidades educacionais de cada comunidade e a vocação econômica das regiões (BRASIL, 2008).

O projeto está estruturado em três eixos educação, cidadania e desenvolvimento sustentável. A partir desses eixos, tem-se a expectativa de possibilitar a inclusão social, por meio da oferta de formação focada na autonomia e na criação de alternativas para a inserção no mundo do trabalho, para que essas mulheres consigam melhorar a qualidade de suas vidas e das suas comunidades (BRASIL, 2011).

O público-alvo do projeto são mulheres em condição de vulnerabilidade social⁸ residentes em comunidades pobres do Brasil, e que, estejam próximas do seguinte perfil: faixa etária de 18 anos a 60 anos, baixo nível de alfabetização, dificuldade de aprendizagem, pobreza acentuada, condições de moradia precária, baixa autoestima e sem horizontes de vida, experiências educacionais de vida negativas, histórico de violência familiar, histórico de emprego com baixa remuneração e condições adversas, necessidade e precariedade de acesso aos serviços públicos, fragilidade da estrutura de apoio familiar e desconhecimento dos programas e serviços disponibilizados pelos Institutos Federais. Nesse sentido, o projeto se organiza da seguinte forma (figura 01):

8 - Vulnerabilidade social como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais econômicas culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores (VIGNOLI e FILGUEIRA, 2001 apud AMBRAMOVAY, 2002, p.13).

Figura 02: Organização do projeto



Fonte: Setec/MEC (Projeto Mulheres Mil)/**Org:** A autora

No caso do Brasil, a gestão do projeto começou em 2005. A primeira ação nasceu de uma parceria entre o Instituto Federal do Rio Grande do Norte na época Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica (CEFET), e os *Colleges* Canadenses, onde foi realizado um projeto de extensão que ofereceu capacitação para camareiras (BRASIL, 2001).

O Canadá, por meio da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e da Associação dos *Colleges* Comunitários Canadenses, e o Brasil, por intermédio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) e da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), resolveram construir um projeto para ampliar a ação para outros estados.

Assim, foi criado o Projeto Mulheres Mil que, além do Rio Grande do Norte, foi estendido para mais doze Instituições Federais, a saber: Institutos Federais de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Roraima, Rondônia, Sergipe e Tocantins (BRASIL, 2011).

Em nível nacional, a ação foi implantada pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC/ MEC) e contou com a parceria da Assessoria Internacional do Gabinete do Ministro (AIGM), da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (Redenet), do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF), da Agência Canadense para o desenvolvimento internacional (CIDA/ACDI) e da Associação dos *Colleges* Comunitários do Canadá (ACCC) e *Colleges* Parceiros (BRASIL, 2011).

Nos Estados, os Institutos Federais (IF's) contaram com a participação de diversos parceiros governamentais e não governamentais. Contou também com professores, servidores e voluntários do IF's e dos parceiros que realizaram atividades de assistência às alunas e ministraram aulas.

Segundo Brasil (2011), no país, os treze Institutos Federais desenvolveram uma metodologia de acesso, permanência e êxito para mulheres que hoje pode ser expandida para as demais instituições e aplicada para as diversas comunidades e públicos que precisam de acesso à educação profissional.

Para a disseminação dessa metodologia contará com o Centro de Referência das Mulheres Mil, sediado em Brasília, que será responsável pelo acompanhamento da expansão, pela promoção de capacitação de servidores da rede e de outras instituições de servidores da rede e de outras instituições, pelo desenvolvimento da pesquisa e pela produção de materiais.

É importante salientar que o projeto contribuiu para o alcance das metas do milênio, promulgadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e aprovados por 191 países que se comprometeram com a promoção da igualdade entre os sexos o autonomia das mulheres, erradicação da extrema pobreza e da fome e a garantia da sustentabilidade ambiental (BRASIL, 2011).

Logo, a meta para os próximos anos é que o conhecimento acumulado seja alicerce para a implantação do projeto para o restante do Brasil, transformando o Projeto Mulheres Mil em uma política permanente da Rede Federal, ofertada em cada uma das suas 366 unidades espalhadas nos 27 estados do país.

3.3 O Projeto Mulheres Mil como Políticas Públicas do Governo Federal

A partir de alguns acordos ministeriais do governo federal, onde o Ministério do Trabalho e Emprego, juntamente com Ministério da Educação, por meio da portaria n 1.082/09, criaram a Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada (Rede CERTIFIC), que veio para oferecer qualificação e reconhecimento profissional aos trabalhadores que exercem atividades informais. Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF's) exercerão o papel de instituições certificadoras.

A Rede CERTIFIC constitui-se como uma Política Pública de Educação Profissional e Tecnológica voltada para a formação, reconhecimento e certificação de saberes formais e não formais, com o objetivo de contribuir para a inclusão e equidade social. As principais bases constitucionais que organiza, regula e mantém essa política são:

- **Artigo 41 da Lei de Diretrizes e Base da Educação (Lei No 9394/96)** - O conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.
- **Parágrafo 2º, Artigo 2º da Lei No 11.892/08** – No âmbito de sua atuação os Institutos Federais exercerão o papel de acreditadoras e certificadoras de competências profissionais.
- **Parecer CNE/CEB 16/99** – Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico é uma a proposta do Ministério da Educação de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.
- **Parecer CNE/CB Nº. 40/2004** – Trata das normas para execução de avaliação, reconhecimento e certificação de estudos previstos no Artigo 41 da Lei nº. 9.394/96 (LDB) adotado para atender às demandas de certificação profissional, como também as críticas e sugestões pertinentes a esse dispositivo.

Quanto aos princípios que em que estão centradas as ações do Projeto Mulheres Mil no Brasil e direcionadas ao ensino a partir dos Institutos Federais, pode se perceber a ligação dos mesmos com alguns princípios éticos, humanitários chamando a atenção para a relação entre a sociedade e a natureza, ou o mundo tal como ele é. Assim a iniciação ou a inserção dessas ações estão centradas nos seguintes princípios:

- **Pesquisa, Ensino e Extensão:** Rede CertiFIC traz como princípio norteador a indissociabilidade entre Pesquisa-ensino-extensão no seu conceito amplo de transformação social. Trata-se de um conjunto harmônico e indissociável, pois é impossível trabalhar numa sem a parceria da outra. A composição equilibrada deste tripé permitirá o efetivo desenvolvimento econômico, social e cultural.
- **Sustentabilidade:** É a efetiva interação das instituições que garantirá a sustentabilidade da Rede e dos Programas CertiFIC. A identificação de limitações e potencialidades do projeto como um todo dependerá de um projeto contínuo e sustentável sob o ponto de vista da autogestão e de gestão cooperada.
- **Inovação:** A Rede CertiFIC é entendida como uma proposta inovadora devido a necessária e indispensável interação interinstitucional para a implantação de Programas CertiFIC. A ação cooperada das instituições permitirá o desenvolvimento de Programas CertiFIC consolidados por uma base científica comum, mas com flexibilidade para atender a realidade local de cada unidade certificadora.

Entre as perspectivas mais abrangentes dessas ações está a implantação do CertiFIC que ira proporcionar a certificação para as alunas do projeto Mulheres mil, através das competências que elas desenvolverem no decorrer da vida do curso.

3.3.1 A proposta de institucionalização do projeto nos Institutos Federais

Segundo a SETEC a criação do Programa Nacional Mulheres Mil será feito através da ampliação da oferta para todos os IF's e tem como prioridade atender 100 mulheres/ano, em cada unidade da rede federal de EPCT - Encontro de Produção Científica e Tecnológica

Nessa perspectiva, visam-se instalar (até 2014), um núcleo do Projeto Mulheres Mil em todas as unidades da Rede Federal (isto é 2014 = 400 unidades) cujo objetivo geral é possibilitar a formação profissional e tecnológica de mulheres desfavorecidas do Brasil, criando pontes necessárias para que as mesmas incrementem o seu potencial produtivo, promovam a melhoria das condições de suas vidas, das famílias, das suas comunidades e do seu crescimento econômico sustentável para a inclusão social e o pleno exercício da cidadania.

Entre os objetivos específicos tem a intenção de promover a modernização e atualização das instituições de ensino da Educação Profissional, incluindo as instituições que ofertam educação profissional do campo de modo a possibilitar a elevação de escolaridade de jovens e adultos, garantindo o ingresso dos que se encontram fora da escola formal e assegurando condições físicas/técnicas e administrativas par ao desenvolvimento da nova política da Educação Profissional.

Ainda entre os objetivos específicos, tem-se a intenção de desenvolver e implantar ferramentas técnicas e instrumentos que irão assegurar a sustentabilidade, a perenidade e a amplitude do projeto. Capacitar as equipes multidisciplinares nas metodologias, ferramentas e técnicas utilizadas no processo de inclusão social de populações desfavorecidas.

Para a execução das premissas do projeto, as ações estão estruturadas em três grandes eixos: Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável que são pilares orientadores em todo o processo de implementação do Mulheres Mil e na efetivação das etapas que constituem o projeto. As etapas de referencia contempladas são: criação das condições humanas e materiais; concepção e

implementação de um processo de gestão do projeto; implantação e implementação do Módulo Acesso ao Instituto Federal; sistematização do plano educacional das mulheres; implantação implementação do Módulo de Acesso ao Mundo do Trabalho; estruturação das condições de sustentabilidade do projeto.

Em março de 2011 ocorreu um encontro de avaliação do Projeto mulheres Mil – Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável. No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. Nesse evento participaram os reitores dos Institutos Federais de todo o país, representantes do MEC, gestores e as beneficiárias do programa.

No referido evento foi apresentado as atividades desenvolvidas pelo Projeto Mulheres Mil ao Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF) foi assinado um termo que transformou o projeto em Programa Nacional Mulheres Mil.

Nesse encontro ficou registrado que o projeto, por ter tido sucesso quanto a sua iniciativa, poderia ser elevado de Projeto a Programa da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação. (SETEC/MEC). Também foi salientado que essa ação confirma as diretrizes apresentadas e assumidas pelas instituições de educação profissional e tecnológica quando de sua transformação em Institutos Federais de Educação Profissional, no que diz respeito ao “compromisso com o desenvolvimento integral do cidadão trabalhador, devendo articular uma visão sistêmica da educação, ou seja, o enlace da educação com o ordenamento e o desenvolvimento territorial e ao aprofundamento do regime de cooperação entre os entes federados.

Nesse mesmo evento as mulheres beneficiadas do Projeto expuseram suas experiências através de feiras, exposições fotográficas e apresentações culturais. Houve o lançamento do livro de memórias “Mulheres Mil – do sonho à realidade”, que foi autografado pelas próprias participantes.

Também foi discutida a cooperação entre o Brasil e o Canadá, estabelecida para a implantação do programa. Foi formalizada a criação do Centro de Referência do Mulheres Mil, que se localizará no Instituto Federal de Brasília.

3.4 A evolução do Projeto Mulheres Mil no Instituto Federal em Palmas – TO

Oficialmente inaugurada em 04 de abril de 2003, a Escola Técnica Federal de Palmas tem a capacidade para atender mais de 3.000 alunos. Teve sua pedra fundamental lançada em abril de 1993, no mesmo ano de sua criação, pelo então presidente Itamar Franco. Atualmente, a escola registra em seu quadro de servidores 214 docentes, 103 técnicos administrativos e 2.545 alunos matriculados nos cursos regulares, com uma capacidade para atender mais de 3.000 alunos.

A ETF- Palmas integra a Rede Federal de Educação Tecnológica que congrega 138 Instituições Federais de Ensino e ocupa, hoje, uma área de 83.594,29m² sendo 16.151,70 m² de área construída. Atualmente a ETF – Palmas está ampliando suas estruturas físicas, com novos prédios e equipamentos, ampliando também as possibilidades de aumentar também as estruturas oferecidas ao Programa Mulheres Mil como criar salas de convivências e acolhimento, aumentar salas de aulas, estruturas na área da saúde e bem estar como atendimentos médico (oftalmologia, clínica geral, primeiro socorros, etc.), atendimento psicológico e odontológico entre outros.

O Projeto Mulheres Mil: *Cidadania pela Arte* no Instituto Federal de Palmas – TO, é gerenciado e coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão, tendo o apoio pedagógico da pró-reitora de Ensino. Tendo como parceiros a Prefeitura Municipal de Palmas, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Instituto Ecológica e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

O projeto no Estado do Tocantins, implantado no Instituto Federal em Palmas “*Cidadania pela Arte*” iniciou suas ações com mulheres localizadas ou residentes do distrito de Taquaruçu,

distante a trinta e dois quilômetros do centro de Palmas. Foi oferecido cursos na modalidade Educação de jovens e adultos (EJA) Fundamental e médio na área de artesanato. Para área técnica foram oferecidos cursos de pesquisa e extensão em confecção de bijuterias com sementes utilizando buriti, capim dourado e babaçu.

O projeto “Cidadania pela Arte”, na sua segunda fase, contemplou mulheres do setor Santa Bárbara em Palmas, considerado um dos setores mais precários e violento da cidade de Palmas, além de ser um dos mais afastados do centro e das localizações das instituições públicas e privadas. Nessa segunda fase do projeto, constou a participação de 51 mulheres (BRASIL, 2009).

O grande desafio do IF/Palmas, além de apresentarem impactos e desdobramentos que poderiam ser contabilizados em números, ao implantar o Projeto Mulheres Mil, era fazer com que as instituições construíssem ferramentas de visibilidade e acesso para um público que há décadas sequer ousava atravessar o portão de entrada de um Instituto Federal.

No período de 2006 a 2008, foi realizado um diagnóstico pela equipe do SEBRAE/TO, identificando um forte potencial no setor Santa Bárbara, onde apresentava um ambiente favorável ao estímulo e a promoção de oportunidades de geração de renda e de trabalho, considerando o baixo dinamismo empresarial e os problemas decorrentes dos baixos níveis de salário e de desemprego.

O setor é conhecido como Santa Bárbara, mas a sua nomenclatura oficial (inicial) se deu como Taquaralto V etapa. Apesar da precariedade das condições de vida, as famílias vêm passando por profundas transformações desde a organização do território em 2002 e os desafios de enfrentamento por uma nova realidade são evidentes, uma vez que, atualmente há uma potencialização de ações coletivas às novas relações sociais, trazendo novas possibilidades e novas formas de relacionamento entre sujeitos sociais locais e o meio social e institucional.

Uma dessas possibilidades é o projeto *Cidadania pela Arte*. A seleção das mulheres que farão parte desse projeto, também ajuda a traçar um perfil a ser trabalho no Projeto Mulheres Mil. As alunas do Cidadania pela Arte participaram de um diagnóstico socioeconômico. Esse procedimento, aplicado em todos os projetos Mulheres Mil, tem o objetivo de identificar os diferentes níveis de conhecimento das mulheres e a realidade econômica e social.

Todo o procedimento deve ser coordenado por uma pedagoga do Instituto Federal, pois suas análises e o seu estudo ajudará a equipe pedagógica a visualizar as dificuldades de aprendizagem e, através disto, delinear uma estratégia de ensino direcionada às necessidades de cada turma.

De acordo com Muradas (2009), o diagnóstico, juntamente com as entrevistas individuais, são as bases da construção de dois portfólios das mulheres que participam da nova turma. O primeiro será sobre as aptidões de cada uma, que engloba os conhecimentos informais, adquiridos durante a vida. E o segundo, sobre o conhecimento formal adquirido por cada mulher no decorrer do projeto.

No caso do Tocantins, o IFTO já capacitou e certificou, na área de artesanato, as mulheres no distrito de Taquaruçu e já tiveram início a qualificação profissional das mulheres do bairro Santa Bárbara. As áreas de conhecimento escolhidas foram: culinária, corte e costura e artesanato.

Atualmente, há um total de 41 mulheres atendidas no Cidadania pela Arte e já fazem parte do Instituto Federal do Tocantins em Palmas (IFTO/Palmas) tendo os mesmos direitos, deveres, atividades que os demais estudantes da instituição. Além disso, estão inseridas no sistema de registro acadêmico da escola, com isso, tem garantidos direitos básicos como a carteiras estudantis, fichas médicas e empréstimos de livros na biblioteca.

O amparo legal do projeto, tendo em vista que uma das metas é elevar a escolaridade das participantes, foi uma das prioridades. Ainda na fase de seleção, foi lançado um edital público de processo seletivo, especificando os critérios de idade, escolaridade, renda familiar e gênero para que o ingresso das alunas atendessem às exigências legais.

A Primeira turma de Taquarussu, engloba mulheres de diferentes níveis de escolaridade. Entre elas, vinte e duas já concluíram o ensino médio e cursam apenas a grade de qualificação do projeto. Outras doze têm o ensino médio incompleto e estão no projeto para concluí-lo. As demais têm o ensino fundamental incompleto e estão cursando o EJA mais as atividades peculiares ao curso. No intuito de nivelar a turma, a equipe tem estimulado as mulheres a fazerem a prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de jovens e Adultos (ENCCEJA), um instrumento de avaliação que mede as competências de jovens e adultos e certifica os aprovados como concluintes do Ensino Fundamental ou Médio.

A segunda turma, do Setor Santa Bárbara, são mulheres com escolaridade mais baixa onde a maioria possuem o ensino fundamental incompleto e algumas são vítimas do analfabetismo funcional.

A partir desses incentivos de nivelamento, criou-se grades curriculares específicas para que as mulheres no projeto, possam desenvolver habilidades e competências a partir dos temas e áreas de conhecimentos eleitas ainda no início e a partir do perfil dessas mulheres, como é possível observar abaixo nos quadros abaixo (01 e 02) das grades curriculares:

Primeiro Segmento: Versão da Grade do Ensino Fundamental da EJA/ Base Comum Nacional.

Quadro 01: Versão da Grade: Ensino Fundamental da EJA

DISCIPLINAS/COMPONENTES	1º segmento	
	Aulas presenciais	Aulas não presenciais
Língua Portuguesa	100	20
Matemática	100	20
Ciências Sociais	56	24
Ciências Naturais	56	24
Artes	36	14
Educação Física	36	14
Total de aulas	384	116
Total Base Comum Nacional 500		

Org: A autora

Abaixo a versão da grade do Ensino Fundamental da EJA e Qualificação Profissional inicial

Quadro 02: Habilitação: Qualificação em Artesanato/ Culinária/Costura - Base Comum Nacional

DISCIPLINAS/COMPONENTES	2º segmento	
Aulas presenciais Aulas não presenciais		
Língua Portuguesa	140	20
Matemática	140	20
Ciências	56	24
História	56	24
Geografia	56	24
Artes	36	14
Educação Física	36	14
PARTE DIVERSIFICADA		
Língua Estrangeira	28	12
Total de aulas 548 152		
TOTAL BASE COMUM NACIONAL 700		

Org: A autora

Quanto as parcerias, o Projeto Mulheres Mil: Cidadania pela Arte é gerenciado e coordenado pela Pró – Reitoria de Extensão, tendo o apoio pedagógico da Pró – Reitoria de Ensino. Tendo como principais parceiros a Prefeitura Municipal de Palmas, o SEBRAE, o Instituto Ecológica e o SENAI. Essas parcerias estão segmentadas das seguintes formas:

✓ **Prefeitura Municipal de Palmas:** a parceria com a Prefeitura Municipal de Palmas por meio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) tem como objetivo proporcionar a elevação do grau de escolaridade, por meio da conclusão do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, sempre primando pelos valores humanos e o exercício da cidadania. A Secretaria entra com a cessão de três professores para ministrarem a área de formação do núcleo comum. As aulas são ministradas para as turmas do primeiro Segmento⁹ e outra do segundo Segmento da Educação de Jovens e Adultos¹⁰ na Escola Municipal Santa Barbara.

✓ **SEBRAE:** A parceria com o SEBRAE/TO é para o repasse do *know-how* em

⁹ - A Base Comum Nacional de Educação de Jovens e Adultos é 500 h (384h de aulas presenciais e 116h de aulas não presenciais) para o primeiro Segmento e 700h (548h de aulas presenciais e 152h de aulas não presenciais) para o segundo Segmento da EJA. A área Profissionalizante será de 400h (328h de aulas presenciais e 72h de aulas não presenciais), prevista só para iniciar no segundo Segmento da EJA.

¹⁰ - A carga horária total será 1.200h de Base Comum Nacional de Educação de Jovens e Adultos (1 e 2 Segmento da EJA) e 400h de área profissionalizante, totalizando em 1.600h do Projeto. Existem alunas que estão matriculadas apenas no 2 segmento da EJA, essas terão a carga horária total de 700h de Base Comum Nacional de Educação de Jovens e Adultos e de 400h de área Profissionalizante, totalizando 1.100h.

empreendedorismo, associativismo e cooperativismo, designer e gestão da produção, além de palestras motivacionais, apresentação pessoal e de relacionais inter-pessoais.

✓ **INSTITUTO ECOLÓGICA:** a parceria com o Instituto Ecológica é para o repasse da metodologia do Carbono Social e o oferecimento de oficina de artesanato de embalagens utilizando papel reciclável e matéria prima de flora do cerrado (sementes, babaçu e palhas).

✓ **SENAI:** a parceria com o SENAI – TO é para o fornecimento de oficinas de culinária e de corte costura de 160 horas cada.

O objetivo fundamental dessa proposta curricular é de desenvolver um currículo integrado, interdisciplinar e inter-dimensional, onde as mulheres atuem como sujeitos desse processo pedagógico. Respalando na ideia de uma aprendizagem que se efetiva quando o educando consegue relacionar os novos conhecimentos com suas experiências cotidianas e situá-las em diferentes momentos da sua vida.

Nessa perspectiva, o currículo se sustenta na integração de duas dimensões fundamentais: a Formação Básica para elevação da escolaridade ao nível do Ensino Fundamental da EJA e a Qualificação Profissional inicial, atendendo as áreas de culinária, modelagem e corte costura e artesanato, os quais serão escolhidos posteriormente pelas alunas.

Para garantir a permanência em sala de aula, as moradoras do bairro Santa Bárbara, que fazem parte da segunda turma do Cidadania pela Arte, receberão bolsa auxílio de R\$ 100,00 (cem reais), esse recurso foi concedido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec).

Ou seja, no que diz respeito à qualificação, como mencionado anteriormente, as mulheres poderão optar por artesanato, corte e costura ou culinária. A parte profissionalizante é ministrada pelo Instituto Federal de Tocantins (IFTO) que conta com as parcerias do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e do Instituto Ecológica do Tocantins.

4 CAPÍTULO IV

GÊNERO, EMPREGABILIDADE E COMERCIALIZAÇÃO: DOS ENTRAVES ÀS POSSIBILIDADES

4.1 O Setor Santa Bárbara

Segundo o SEBRAE TO, o varejo da Região Sul é caracterizado por um intenso ritmo comercial, concentrado quase exclusivamente na Avenida Tocantins, (localizada em Taquaralto) para onde é atraído um número relativamente grande de pessoas e veículos, com a finalidade de formar um mercado consumidor proveniente das diversas partes de Palmas e seu entorno. A grande predominância do varejo de Taquaralto e Aurenys encontra-se no grupo de Bens de Consumo, com aproximadamente 79% do total. O ramo de Materiais de Construção ocupa 9,3%, seguido do ramo de Comércio Automotivo e Veículos, com 8,8%. Os ramos de Produtos para Lavoura, Artigos para Recreação e Esportes e Equipamentos para Comércio, Indústria e Serviços dividem os restantes 3% do total do varejo da Região Sul. Em número de estabelecimentos, é o grupo mais importante do varejo daquela Região. Respondem pelo abastecimento de necessidades básicas, proporcionando maior giro de mercadorias. Além disso, é o grupo que exige o menor volume de investimento inicial, conduzindo à existência de muitas lojas de pequeno porte. Constitui aproximadamente 79% do varejo. Comercialmente o setor Santa Bárbara recebe uma influência do seu entorno onde fazendo parte da região sul tem como apoio comercial a cidade de Palmas e principalmente Taquaralto .

A cidade de Palmas, capital do Tocantins, é um reflexo da exclusão social brasileira. Criada no ano de 1989, a cidade passou (e passa) por um processo de urbanização que expulsa os mais pobres para a periferia. Trata-se de uma cidade planejada que conta com espaços vazios em seu plano diretor e áreas irregulares e mal ocupadas fora do mesmo, favorecendo ao mesmo tempo a especulação imobiliária e a segregação sócio-espacial.

O setor Santa Bárbara, na região sul de Palmas/TO (ver localização no Mapa 01 e 02), é um exemplo dessa segregação. Surgido em 1999, a partir de ocupação realizada em uma fazenda da região, atualmente contempla melhores estruturas, devido a programas sociais lá implantados como o Projeto Habitar Brasil BID, desde 2002.

Tendo sido a cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins, planejada para ser o centro irradiador de desenvolvimento deste Estado, sua evolução urbana tem chamado a atenção para a realização de estudos que buscam avaliá-la sob os aspectos econômicos, sociais e ambientais. Sua construção objetivou, segundo os seus idealizadores, dar um novo impulso para o desenvolvimento do Estado, equilibrando, em termos geográficos, o seu crescimento econômico, articulando as áreas mais desenvolvidas das margens da Rodovia Belém-Brasília com as regiões estagnadas e ainda por desenvolver da parte leste do Estado (Vidal e Souza, 1992:28).

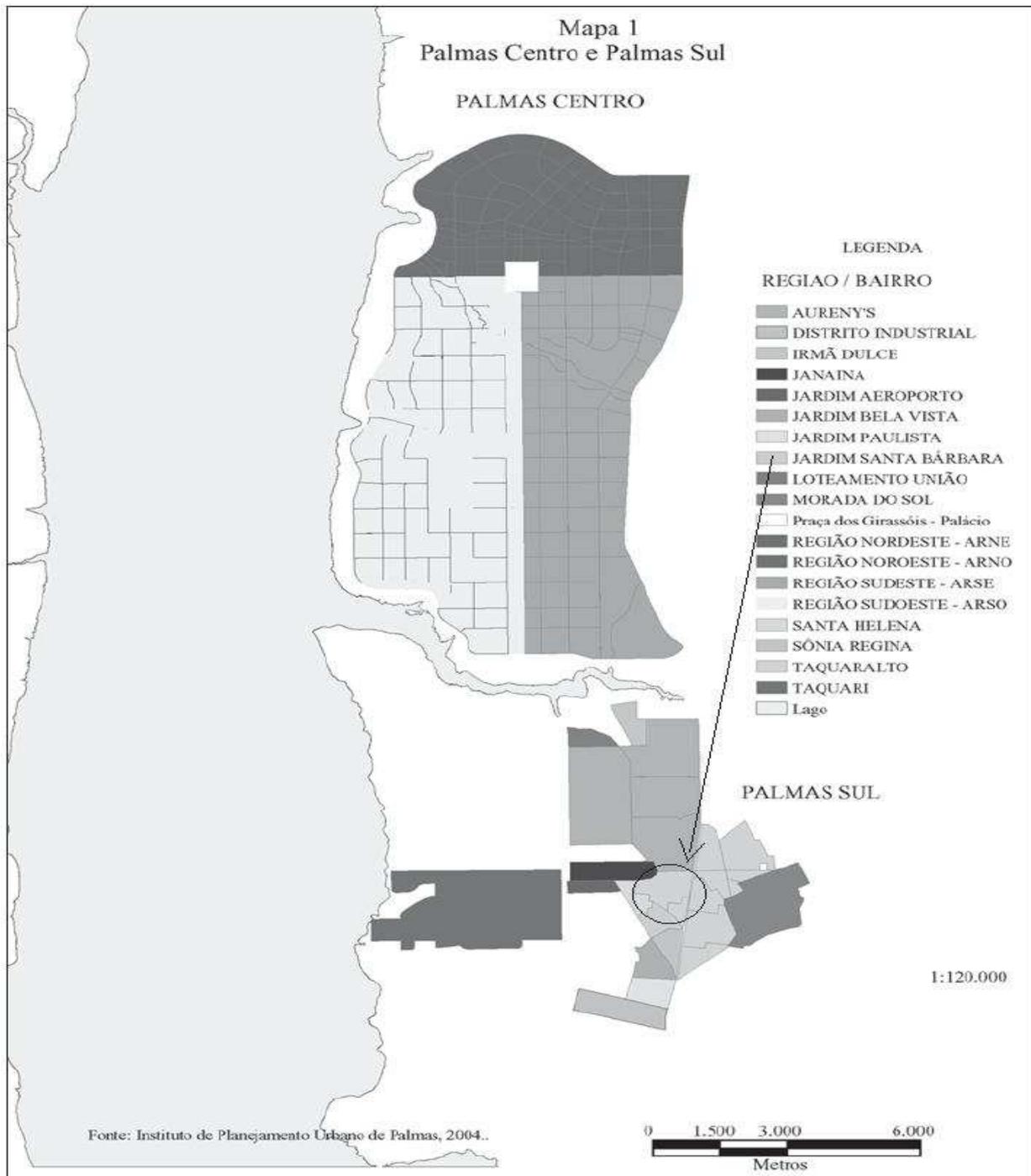
Apesar dos discursos oficiais, que caracterizam a formação de uma cidade planejada e democrática, que receberia de “braços abertos” os seus novos ocupantes, o que se viu na formação da cidade, entretanto, assemelha-se bastante aos padrões observados em tantas outras cidades brasileiras e latino-americanas (KRAN & FERREIRA, 2006).

Pode-se comprovar estas afirmações à medida que se verifica que o processo de construção

da cidade de Palmas baseou-se na formação de uma elite, estruturada a partir da concentração das terras urbanas e da centralização política, institucional, estrutural e econômica. Com relação à concentração de terras urbanas, parte dos terrenos mais valorizados ficou nas mãos de grupos dominantes política e economicamente.

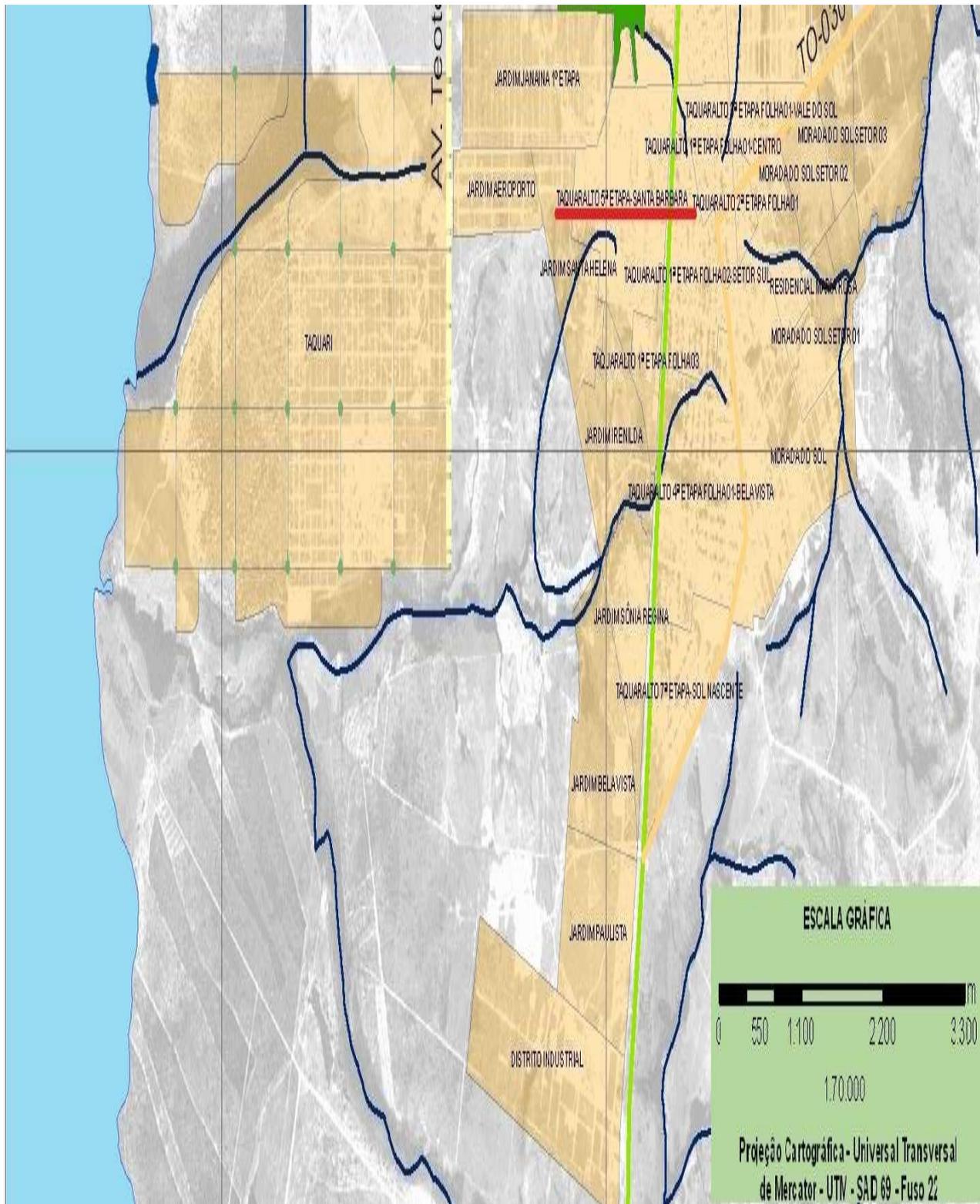
O modelo utilizado para ocupação da cidade tendeu à formação de vazios ou de “espalhamentos”, através da descontinuidade na ocupação do solo urbano, onde parcelas (lotes) ficaram, a princípio, sem uso, sendo utilizadas mais tarde para a exploração imobiliária. As políticas de uso e ocupação do solo urbano que vigoraram desde o início da ocupação da cidade, juntamente com os instrumentos urbanísticos, foram utilizadas para legitimar este modelo de ocupação (KRAN & FERREIRA, 2006).

Quadro 03 Mapa 01: Localização das quadras e setores de Palmas (Setor Santa Bárbara).



Org: A autora

Quadro 04 Mapa 02: Setor Santa Bárbara



Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Palmas, 2009/Org: A autora.

Desta forma, em Palmas, diferentemente dos padrões de outras cidades-capitais, cujo processo de exclusão sócio-espaical e periferização decorre da expansão desordenada e não

planejada do tecido urbano e por pressões posteriores do mercado imobiliário, similarmente ao que ocorreu no Distrito Federal, a expansão periférica e a segregação sócio-espacial foram instituídas pelo próprio poder público, num processo legitimado através de legislações urbanísticas, de políticas de ocupação e, indiretamente, pelos investimentos em infra-estrutura e serviços urbanos.

O acesso a terra urbana e às melhores condições de moradia, na cidade, não se difere dos padrões das demais cidades brasileiras, constituindo um bom exemplo de como as cidades planejadas também encerram a insatisfatória condição de produtoras de espaços segregados (KRAN & FERREIRA, 2006).

Ainda nos primeiros anos de ocupação da cidade, um grande contingente de população migrante se instalou em áreas periféricas da cidade, antes que as quadras do Plano Diretor Básico fossem ocupadas, contrariando o processo de ocupação a partir do núcleo central. Os mecanismos de formação de preço e de acesso à terra designaram boa parte da demanda por moradia, sobretudo, para os bairros satélites de Taquaralto e dos Jardins Aurenys (I, II, III e IV), bairros formados fora da área do Plano Diretor Básico, e para as quadras ARNO 31,32 e 33, ocupadas, principalmente, através de “invasões” de terrenos.

O processo de ocupação urbana de Palmas refletiu-se fortemente na qualidade de vida de seus moradores e vem despertando o interesse para a realização de estudos que possam realizar investigações a partir de indicadores que objetivam mensurar importantes aspectos de qualidade de vida urbana nesta cidade (KRAN & FERREIRA, 2006).

Com os dados produzidos no estudo, pode-se deduzir que aos menos favorecidos resta a periferia da cidade, pela inacessibilidade dos preços da região central. Os locais afastados são negociados a valores módicos, além de possibilitar o parcelamento. Dessa maneira, parte da população recorre a locais mais distantes, como os lotes do Jardim Aeroporto e Jardim Santa Helena, originários da Fazenda Santa Bárbara que são vendidos de maneira parcelada. Evidente que, além da distância de dezoito quilômetros da região central, o comprador, desses loteamentos, terá que enfrentar problemas como transporte urbano, escola, creche, segurança, saneamento e outras necessidades inerentes à qualidade de vida.

4.2 A Qualificação Advinda do Projeto Mulheres Mil no IFTO/ Palmas – TO

As alunas receberam as capacitações advinda do projeto pedagógico elaboradas para atender a essa demanda específica, que se baseia num currículo que tem como sustentabilidade a integração de duas dimensões fundamentais: a Formação Básica para elevação da escolaridade certificando-as em Ensino Fundamental mais a Qualificação Profissional, atendendo as áreas de: culinária, artesanato e costura em malha .tomando como referencia a metodologia proposta pelo projeto Mulheres Mil. Para atender a realidade as capacitações profissionais foram segmentadas de acordo com o nível de escolaridade dessas mulheres.

Curso de formação inicial e continuada de trabalhadores com qualificação em Culinária (Salgadeiro, Montagem e Fabricação de Pizzas e Fabricação de Geleia e Doces Caseiros) integrada ao Ensino Fundamental, na modalidade de Jovens e Adultos – PROEJA – FIC. Esse curso contemplou as mulheres que estavam no 1º segmento (primeira fase do ensino fundamental) e também para as mulheres que estavam no 2º segmento (segunda fase do ensino fundamental).

Para a execução desse curso as parcerias foram fundamentais a Prefeitura Municipal de Palmas, por meio da Secretaria Municipal de Educação de Palmas – TO, disponibilizou : 03 (três) docentes , para ministrarem aulas da Base Nacional Comum em turmas de 1º e 2º Segmentos da Educação de Jovens e Adultos; as aulas foram realizadas na Escola Municipal Santa Bárbara; na região de moradia das mulheres.

O Instituto Ecológica ofereceu a Metodologia do Carbono Social e a oficina de artesanato

em papelão. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI – TO disponibilizou instrutores e, alguns equipamentos e suportes para a realização da Qualificação Profissional Inicial. O SEBRAE – TO, que realizou palestras motivacionais.

Após serem capacitadas em culinária, Montagem e Fabricação de Pizzas e Fabricação de Geleia e Doces Caseiros essas mulheres deveriam desenvolver o seguinte perfil profissional elevar seu nível de escolaridade sendo capazes de operacionalizar o processamento de alimentos nas áreas de laticínios, carnes, massas, cereais, frutas e hortaliças, na preparação de salgados, pizzas, doces caseiros e geleias.

As mesmas deverão desenvolver as seguintes competências e habilidades como atuar como cidadãs críticas dentro das perspectivas pessoais, profissionais, sociais e culturais, buscando a aquisição, o domínio e a sistematização da leitura, interpretação e escrita, como meio de comunicação e expressão para uma participação ativa no exercício da cidadania. Bem como desenvolver as capacidades de pensar, raciocinar e interagir socialmente, utilizando-se do conhecimento histórico, científico e matemático e suas tecnologias transformando o meio em que vive.

Além disso, ter conhecimentos teóricos e práticos sobre a fabricação de compotas e doces caseiros, bem como da mistura de ingredientes em doces e na utilização de máquinas e equipamentos, de acordo com as normas técnicas atuais, em condições de qualidade, higiene e segurança e manipulação e preparo de salgados diversos, de acordo com as normas técnicas atuais, em condições de qualidade, higiene e segurança de pizzas, bem como, da mistura de ingredientes em doses adequadas e na utilização de máquinas e equipamentos, de acordo com as normas técnicas atuais, em condições de qualidade, higiene e segurança.

Curso de formação inicial e continuada de Trabalhadores com Qualificação em Costureiro em Malha Integrado ao Ensino Fundamental na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA-FIC. Esse curso contemplou apenas as mulheres que estavam no 2º segmento. (segunda fase do ensino fundamental) a execução para a execução desse curso o projeto contou com os mesmos parceiros citados acima. As aulas foram realizadas no centro de geração de renda localizado no próprio setor.

Após serem capacitadas em Costureira em Malha essas mulheres deveriam desenvolver o seguinte perfil profissional: desenvolver a modelagem aplicando técnicas bidimensionais e tridimensionais para viabilizar a confecção de produtos no vestuário em malha. Elaboram diagramas com a orientação da tabela de medidas. Transformar bases de modelagem em modelos específicos, a partir do desenho técnico do produto. Preparar a modelagem para o setor de corte, com as devidas sinalizações para montagem da peça-piloto e produção em série.

Em relação às habilidades das egressas as mesmas deverão desenvolver as seguintes competências e habilidades: atuar como cidadãs críticas dentro das perspectivas pessoais, profissionais, sociais e culturais, buscando a aquisição, o domínio e a sistematização da leitura, interpretação e escrita, como meio de comunicação e expressão para uma participação ativa no exercício da cidadania. Bem como desenvolver as capacidades de pensar, raciocinar e interagir socialmente, utilizando-se do conhecimento histórico, científico e matemático e suas tecnologias transformando o meio em que vive. Ter conhecimentos teóricos e práticos para modelar e confeccionar roupas de acordo com as normas técnicas atuais, em condições de qualidade, higiene e segurança. Adotar técnicas específicas apropriadas para modelar e confeccionar roupas em malhas.

4.3 As Mulheres e as Possibilidades de Empregabilidade

O Projeto Cidadania pela Arte, nessa segunda fase, como mencionado anteriormente, contou com a participação de 51 mulheres oriundas do setor Santa Bárbara. O perfil dessas

mulheres segue a “uma padronização nacional”: são mulheres casadas, tem entre 31 a 40 anos, possuem de 2 a 4 filhos, residem no bairro não menos que 4 até 6 anos, a maioria em casa própria.

A maioria ,também, não estava estudando e menos da metade não concluiu o ensino fundamental, sobre a empregabilidade se denominaram autônoma ou do lar, recebem menos que um salário mínimo, e mais da metade recebe algum benefício do Governo Federal/Estadual/Municipal (como bolsa escola, bolsa família, etc.).

Quanto a participação em cursos de formação, 65,3% disseram nunca ter feito nenhum curso de qualificação profissional. Desta forma, é que as mulheres optaram pelas escolhas dos cursos na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) Fundamental e Médio com a qualificação profissional inicial na área de culinária, modelagem e corte costura e artesanato.

Como professora do projeto, exclusivamente, da primeira turma de Taquarussu ministrei aulas de vendas e desenvolvimento de equipe. Percebi que o projeto suscitou o aprendizado técnico na área de artesanato, mas que as mulheres necessitavam, principalmente, prospectar as suas pequenas produções porque a demanda para essas produções não estavam claras além disso precisavam ter, mas união no grupo pois seria interessante para as mesmas se unissem para ofertar suas produções de forma mas competitivas.

Como coordenadora a minha experiência foi com a segunda turma do setor Santa Bárbara a a qual é objeto da minha pesquisa. Tive a mesma impressão da segunda turma em relação ao mercado e as produções das mesmas e também percebi como o projeto poderia dar uma guinada na vida dessas mulheres quanto na escolaridade como no lado profissional e por isso surgiu a vontade de pesquisar sobre esse projeto e trazer as contribuições como pesquisadora.

4.4 “O que dizem as mulheres?” – Análises dos dados e das informações

4.4.1 Resultados/dimensões

Pesquisamos com a finalidade de responder aos objetivos dessa pesquisa visando entender se o projeto Mulheres Mil proporcionou a equidade dessas mulheres e se os eixos propostos Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável foram contemplados após a participação dessas mulheres no projeto.

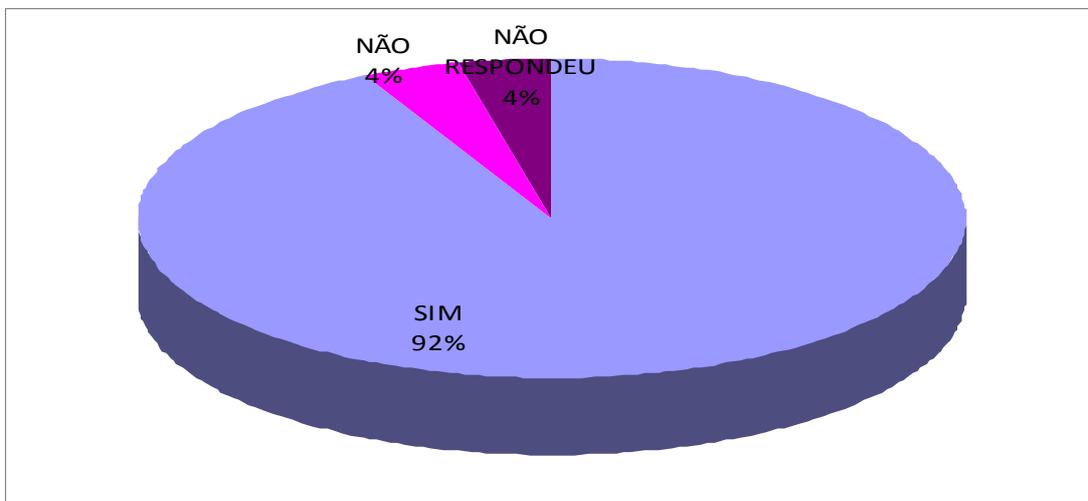
Antes de fazer uma discussão detalhada em função de cada objetivo do estudo, será apresentada uma descrição geral dos dados com uma breve análise em função da experiência da pesquisadora.

Resultados obtidos a partir do questionário (resultados enriquecidos com informações vindas da experiência e observação) Esse questionário foi elaborado com perguntar fechadas, abertas e semi-abertas. Foi segmentado em três fases:**a primeira teve como foco o comportamental; a segunda, a inclusão social e a terceira, a comercialização.**

COMPORTAMENTAL

Num questionário comportamental, as perguntas são elaboradas com o intuito de identificar as mudanças provocadas inter e intra pessoal dessas mulheres em relação ao processo vivido pelas mesmas no decorrer do fenômeno estudado. Para cada pergunta elaborada no questionário, elaboramos um gráfico como forma de representação ou elaboramos um análise acerca do que foi perguntando de forma aberta, de modo que as perguntas antecedem os gráficos e as análises neste trabalho de pesquisa.

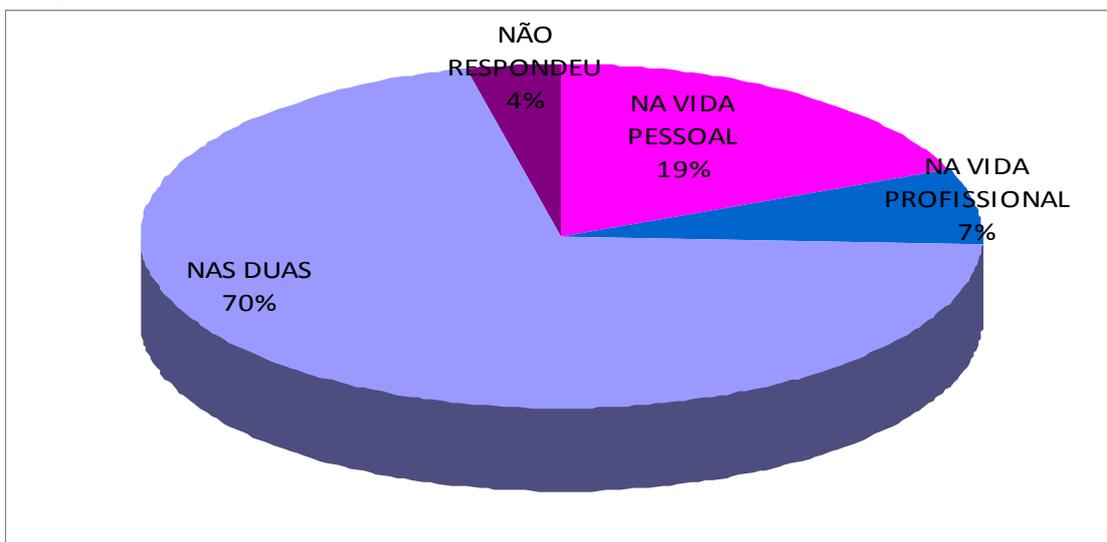
Figura 03 - Pergunta 01: Sua vida mudou depois de participar do projeto?



Org: A autora

Essa pergunta foi feita para identificar se as mulheres perceberam, de forma geral, alguma diferenciação nas suas vidas após a participação no projeto. Isso pelo fato de essas mulheres, na sua maioria muito carentes, nunca terem tido a oportunidade de participar de nenhum evento estruturado como esse projeto. É razoável que essas mulheres tenham sentido que houve alguma mudança na vida delas por terem participado do projeto, mesmo que essas mudanças tenham acontecido de forma generalizada sem grandes articulações com a individualidade e a necessidade de cada uma.

Figura 04 – Pergunta 02: Se mudou, as mudanças aconteceram mais na sua vida profissional ou na vida pessoal?

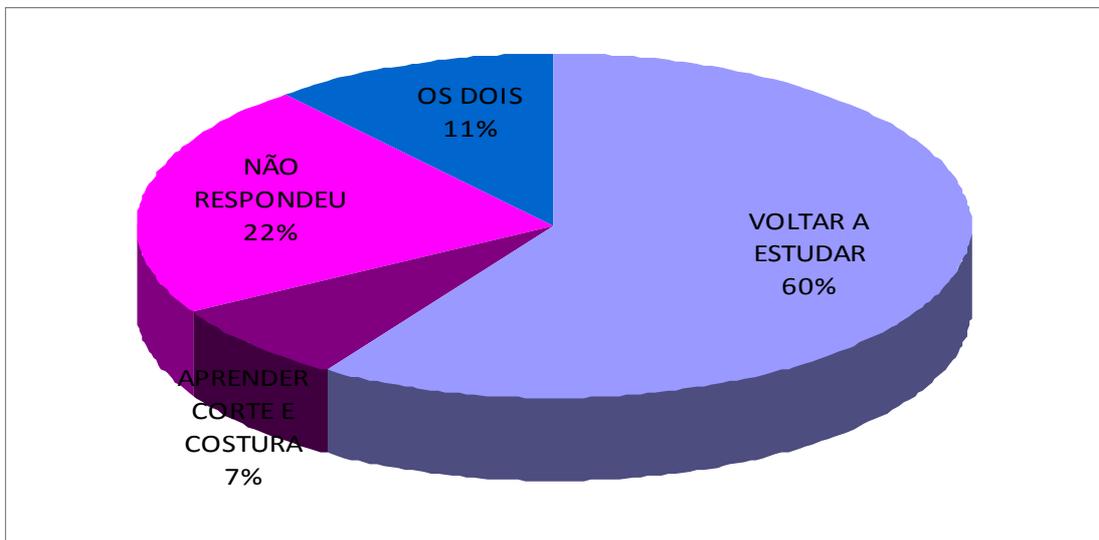


Org: A autora

Essa pergunta, complementar em relação a primeira, foi feita para entender o que as mulheres perceberam como mudanças, se essas mudanças atingiram mais o seu cotidiano ou o lado empreendedor. Como a maioria respondeu que as mudanças aconteceram na vida pessoal e

profissional, essa pergunta condiz também com o resultado da primeira pergunta porque o entendimento delas em relação a mudanças provocadas pelo projeto é generalizado.

Figura 05 – Pergunta 03: Se mudou o que mais contribuiu para a mudança?

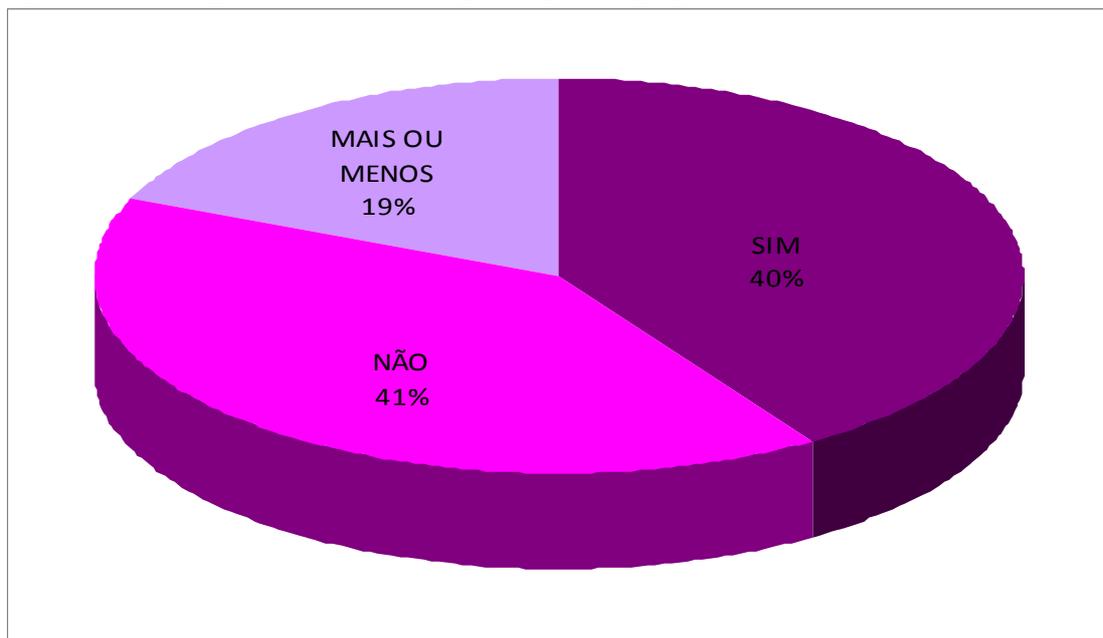


Org: A autora

Essa pergunta, ainda é complementar à primeira porque a partir dela segmenta, através das opções de resposta, a mudança percebida por elas, ou seja, o que, realmente, o projeto fez para que elas perceberem tais mudanças. Foi feita na tentativa de que elas respondessem objetivamente se o impacto foi mais no aumento da escolaridade e conseqüentemente mais voltado em longo prazo para uma mudança pessoal ou se impactou imediatamente na vida profissional.

No decorrer do projeto ficava sempre muito claro que essas mulheres sentiam uma necessidade muito grande de aprender a ler e em muitos casos aprender a assinar o nome porque percebiam que, para empreender de forma adequada, elas tinham que saber de leitura e de operações matemáticas e essa identificação foi muito clara nessas mulheres. Sendo assim fica coerente que as mesmas tenham sentido que voltar a estudar fez grande diferença nas suas vidas e assim sendo o principal causador dessas mudanças sentidas pelas mesmas.

Figura 06 – Pergunta 04: Foi bom participar do projeto?



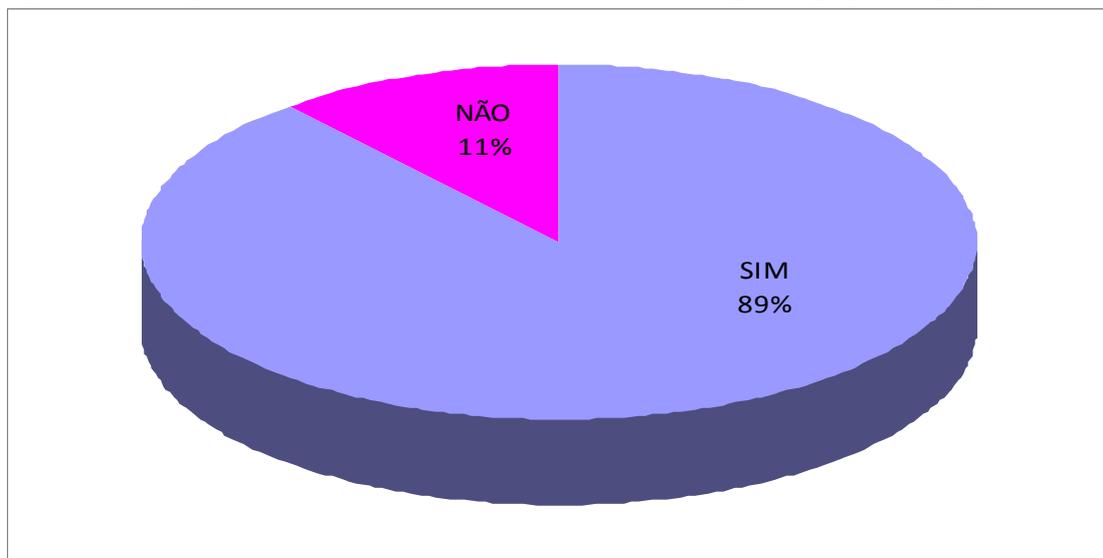
Org: A autora

Essa pergunta, mais objetiva, com menos opções de respostas, teve o intuito de provocar uma justificativa mais detalhada por ter achado bom participar do projeto. Dessa forma, a pergunta se complementa com uma questão aberta. Aqui ainda, complementa a primeira e agora de forma, mas clara através das considerações das mesmas. Todas as mulheres responderam que foi bom. Seria razoável que por ser uma pergunta tão direta e sem opções todas as mulheres respondessem que gostaram de participar do projeto.

Ainda complementamos a pergunta acima com outra pergunta aberta: Por quê? Essa pergunta feita com a tentativa para que elas detalhassem mais sobre o que provocou de diferente na vida delas. A maioria justificou que foi bom porque conheceram mais pessoas e adquiriram mais conhecimento. Impactou mais a questão do aumento da escolaridade.

Esse complemento de pergunta aberta fez com que fechasse a nossa percepção em relação à influência desse projeto na vida dessas mulheres através das colocações citadas pelas mesmas como por exemplo externalizada por elas: ‘escrever melhor, oportunidade de voltar a estudar, saber meus direitos, me sentia antes rejeitada, me sinto agora mais importante, sei fazer conta, pensei a voltar a estudar, sei escrever meu nome, frequento outros lugares, perdi o medo e a timidez, sonho realizado, sou feliz , entre outras colocações nessa linha de pensamento” a influência desse projeto foi muito voltado para o lado do cotidiano dessas mulheres. ficou evidenciado que as mudanças sentidas por essas mulheres foi o impacto pessoal com o aumento da escolaridade.

Figura 7 - Pergunta 05: Sua família ficou feliz com sua participação no projeto?

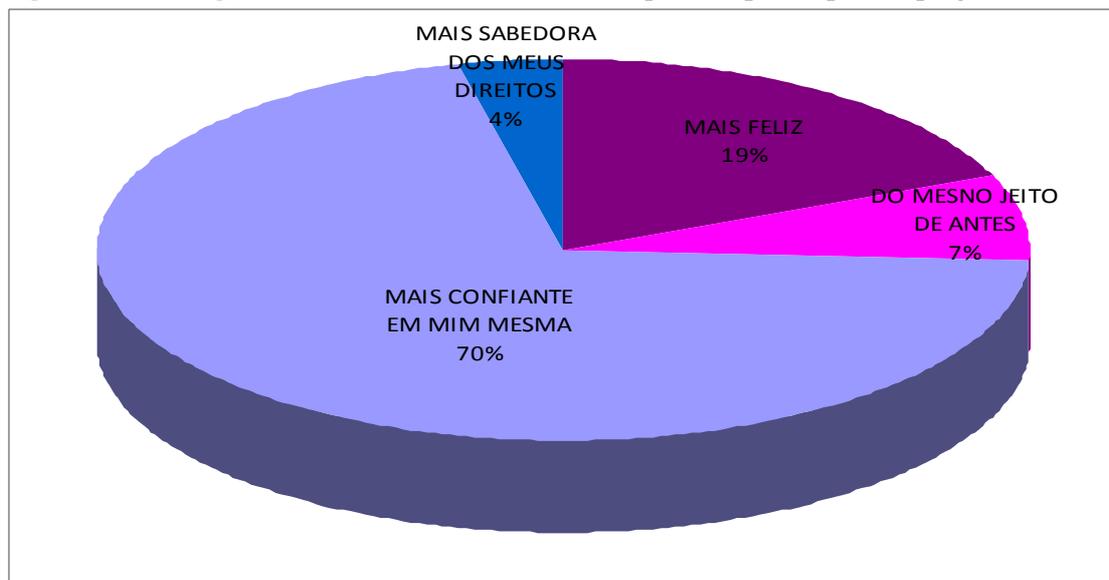


Org: A autora

Essa pergunta foi feita com o intuito de saber se essas mulheres tiveram dificuldades em relação ao apoio familiar para participarem das etapas do projeto já que o mesmo tinha necessidade de deslocamento das mesmas da sua vida familiar. E as faltas das mesmas nas atividades propostas pelo projeto dificultariam que elas absorvessem os conhecimentos necessários para uma real mudança nas suas vidas. Todas responderam que a família ficou feliz com a sua participação no projeto. Evidencia nessa resposta que todas as mulheres ali presentes mesmo tendo dificuldades, conseguiram participar das atividades e concluir o projeto.

Esse item me surpreendeu devido às histórias de vida dessas mulheres. Achávamos que as mesmas não teriam o apoio necessário para se deslocarem para as atividades que o projeto proporcionava, já que daria a elas uma certa independência em relação à vida rotineira que elas enfrentavam na suas casas. Aqui fica evidenciado para mim, como pesquisadora que, se as mulheres não obtiveram os conhecimentos necessários que o projeto deveria proporcionar, não foi por abstenção das mesmas no decorrer das atividades propostas.

Figura 08 – Pergunta 06: Como você se sente depois de participar do projeto.



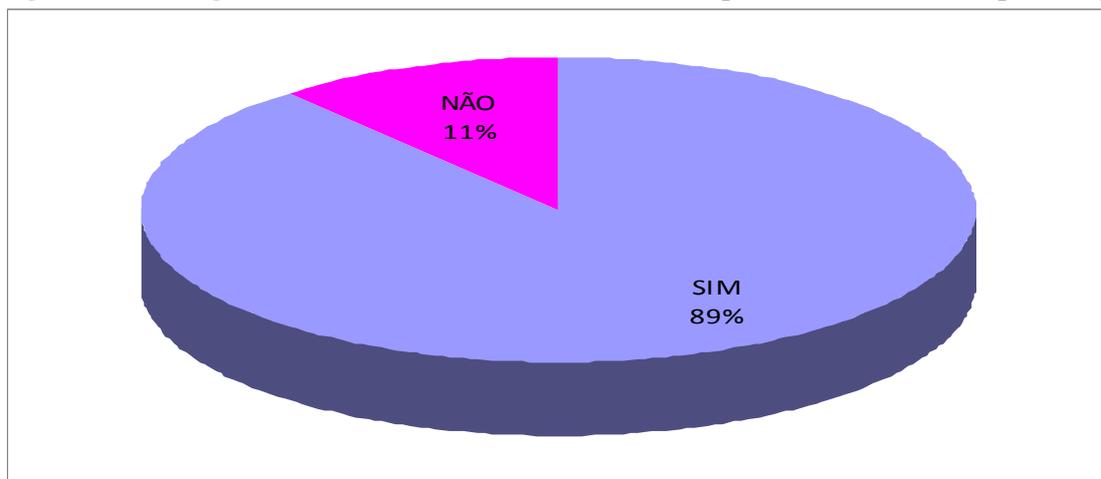
Org: A autora

Essa pergunta foi feita para mensurar o sentimento dessas mulheres pós-projeto. E ainda, contextualizar as perguntas anteriores no que diz respeito às provocações sentidas pelas mulheres. Interessante observar que nenhuma mulher respondeu só o item mais feliz. Apesar do questionário não contemplar mais de uma alternativa a maioria identificou-se com a mais de uma alternativa.

Fica evidente, a partir dessa pergunta, que o projeto provocou mais confiança e esclarecimento além de refletir na felicidade. Através dessas respostas dadas pelas mulheres, evidencia mais uma vez a repercussão do projeto na vida pessoal dessas mulheres. Para complementar essa pergunta abrimos espaço para saber se o que elas haviam aprendido com a experiência do projeto (pergunta 07): o que você faz com o que aprendeu no projeto.?

A pergunta foi feita para que as mulheres esclarecessem a partir do que perceberam como mudanças o que fazem com o aprendizado do projeto. Ou seja, essa pergunta foi uma tentativa para que as mulheres esclarecessem se realmente estão ou não provocadas em relação às mudanças, caso houvesse, pois iriam sinalizar o que estavam fazendo com o aprendizado adquirido. Ao analisar as respostas, as mesmas, corroboram com as anteriores onde o projeto mudou o cotidiano dessas mulheres porque elas usam o aprendizado como subsistência.

Figura 09 – Pergunta 08: Você se sente mais confiante para trabalhar fora depois do projeto?

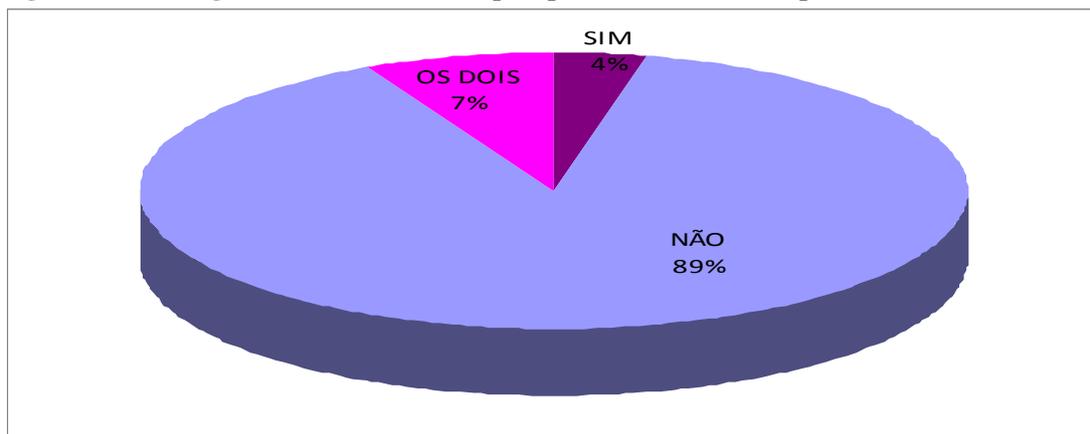


Org: A autora

Essa pergunta foi intencionada para esclarecer se, de forma comportamental, o projeto favoreceu mais confiança nessas mulheres para enfrentar oportunidades fora do seu dia a dia. Nessa questão foi feita uma pergunta aberta para provocar respostas mais detalhadas em relação a confiança ou não que elas adquiriram no projeto. Essas respostas estão em coerência com o que as mulheres vêm esclarecendo nas respostas anteriores. Mas ainda assim insistimos com mais uma pergunta aberta: Por quê?

A maioria não condicionou ter mais confiança porque está mais qualificada ou escolarizada foi ressaltada mais a questão da autoestima, apenas um numero muito pequeno condicionou a confiança no que aprendeu na qualificação. **Aqui fica claro ainda que o projeto influenciou muito no lado emocional , comportamental , e ficou aquém das questões referente a qualificação.**

Figura 10 – Pergunta 09: Você acha que por ser mulher atrapalha no mundo do trabalho?



Org: A autora

Essa pergunta foi feita para saber a influência do projeto em relação ao empoderamento, a aceitação do gênero. Aqui nessa pergunta contempla uma pergunta também aberta para que as mesmas justificassem porque acham que o gênero atrapalha ou não as suas vidas no mundo do trabalho. Ficou evidente que a maioria dessas mulheres não percebe que tem mudanças de receptividade no mundo do trabalho na questão gênero. E também esclarece que qualquer limitação

em relação ao processo de mudança dessas mulheres não tem ligação direta, pelo menos, para elas por serem mulheres.

Insistimos ainda em saber por que elas pensavam dessa forma. A pergunta aberta nessa questão se justifica porque como a pergunta inicial foi muito objetiva, um sim ou um não, era necessário saber o que realmente essas mulheres pensam em relação a sua condição de mulheres na questão das oportunidades de mercado.

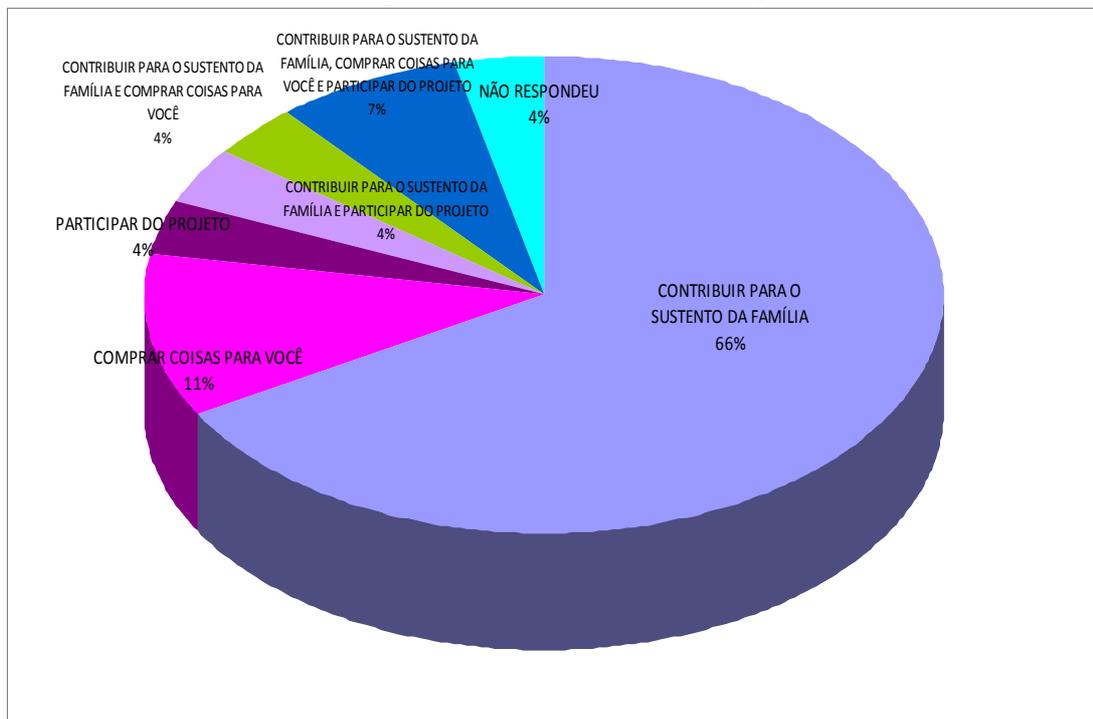
A maioria acha que por ser mulher não sofre preconceitos no mundo do trabalho e escreveram que reconhecem que têm direitos como mulher e também reconhecem que o mercado está dando mais oportunidade às mulheres. Aqui fica claro que a maioria sente que está havendo mudanças no mundo em relação à mulher e que já tem, inclusive, algumas oportunidades voltadas para as mesmas. Isso já é um começo para se pensar que essas mulheres já de forma sutil se reconhecem como empoderadas.

Através dessas perguntas, voltadas para o lado comportamental, percebeu-se que o projeto provocou mudanças comportamentais de forma generalizada nessas mulheres deixando as mesmas mais confiantes, mais extrovertidas, mais conhecedoras de seus direitos e com uma semente despertando para o seu empoderamento. Mas observou-se também que essas mudanças não provocaram mudanças estruturais em relação a suas condições de vida anteriores. Fica claro que o projeto provoca mudanças mas essas mudanças não são condizentes com a proposta inicial do projeto que é mudar o cenário de vulnerabilidade em que se encontram essas mulheres.

INCLUSÃO SOCIAL

Um questionário tendo como título inclusão social as perguntas são elaboradas com o intuito de mensurar se as mudanças provocadas pelo projeto cumpriu com um dos seus objetivos que é incluir essas mulheres nas questões referentes a cidadania, ao auto desenvolvimento enfim se elas estão inclusas socialmente e profissionalmente no mundo corporativo ou não.

Figura 11 – Pergunta 01: o que você faz com o dinheiro que ganha mensalmente do projeto?



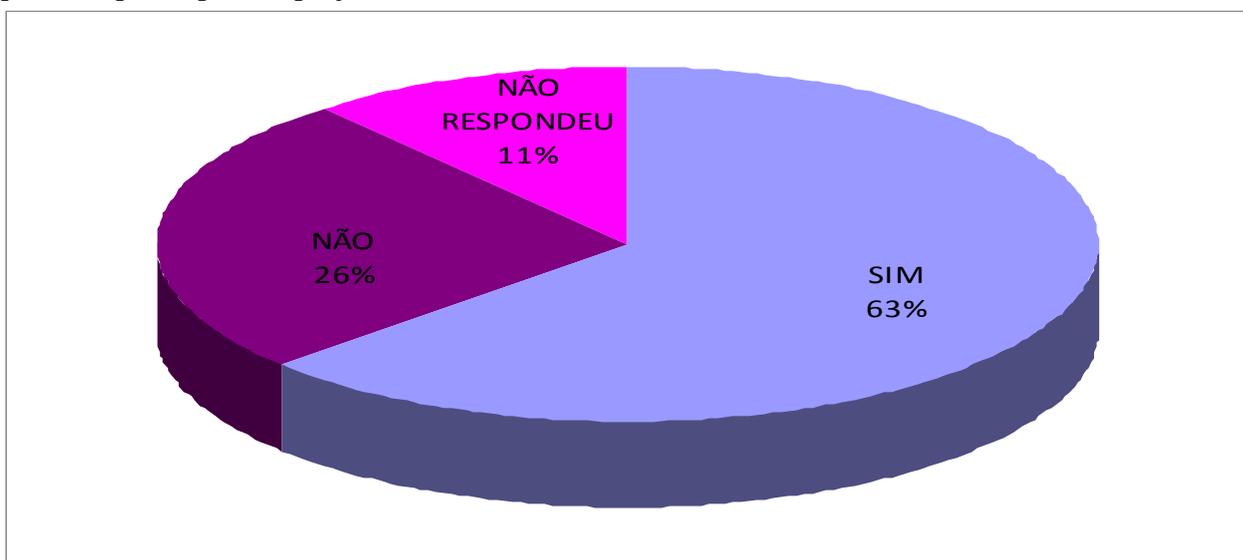
Org: A autora

Essa pergunta teve como intuito saber se a bolsa mensal que essas mulheres recebem contribui para a permanência da mesma no decorrer do projeto e confirmar a vulnerabilidade econômica das mesmas em relação a sua permanência no projeto.

A maioria utiliza a bolsa pecuniária como complemento de renda. A resposta dada por essas mulheres faz confirmar que as mesmas são muito carentes e que o objetivo principal da bolsa que seria a permanência delas no projeto, como por exemplo, compras de material escolar, vestuário para a frequência nas aulas, locomoção quando necessário não foi a principal utilização dessa bolsa.

De alguma forma, houve uma ligação em relação a utilização da bolsa para a permanência no projeto quando elas respondem mais de uma alternativa porque, mesmo o dinheiro sendo utilizado, como por exemplo para também, para comprar coisas para elas e para o sustento da família. A sua qualidade de vida financeira melhora, dando mais tranquilidade para a sua inclusão e permanência nas atividades do projeto.

Figura 12 – pergunta 02: As pessoas da sua família e os seus vizinhos lhe tratam melhor depois que você participou do projeto?



Org: A autora

Essa pergunta teve como intuito entender a influência do projeto, de forma geral, na inclusão das mesmas na sociedade e principalmente no entorno do seu cotidiano. Foi feita de forma aberta para que as mesmas, caso percebesse alguma mudanças no trato das pessoas com elas, esclarecessem para essa pesquisa como foi essa influencia até que ponto isso mudaria e incluiria as mesmas nesse processo de mudança social. Nesse caso específico houve um número considerável de mulheres que não responderam a pergunta isso demonstra que para essas mulheres essa questão não faça diferença.

Como a maioria percebeu que houve uma diferença na mudança de trato das pessoas em relação a elas após o projeto. Entendemos que, ao participar de um projeto como esse, de certa forma, **elas se sentem mais importantes perante a sociedade** e, conseqüentemente, mais inclusas no entorno do seus relacionamentos. Abrimos mais uma questão para complementar essa questão (Pergunta aberta: Se sim, por quê?). Tal pergunta foi importante para esclarecer de que maneira elas sentiam que era importante estarem inseridas num projeto como este.

A maioria percebeu que houve uma maior aceitação das pessoas ao seu redor depois de participar do projeto. Principalmente do que diz respeito ao esforço despendido por elas. Diante das

respostas fica evidenciado que participar do projeto para essas mulheres é um reconhecimento de uma ascensão para a vida delas.

Figura 13 – Pergunta 03: Com maior escolaridade proporcionada pelo projeto você se sente?



Org: A autora

Essa pergunta complementar a anterior mais no intuito de entender a influencia do projeto mais direcionado a questão do aumento da escolaridade como fator essencial na inclusão dessas mulheres na sociedade. Foi feita uma pergunta aberta para esclarecer melhor essa influencia percebida por elas. A maioria se sente mais segura e também mais importante esse fato revela a importância que essas mulheres atribui ao aumento da escolaridade.

Também perguntamos por quê. Essa pergunta aberta veio para mensurar porque elas se sentem diferente com maior escolaridade. As respostas dessas mulheres corroboraram com a questão delas perceberem que sabendo ler e escrever melhor elas se sentem mais fortalecidas e mais incluídas tanto no seu âmbito familiar como de um modo geral. Existe uma percepção dessas mulheres sobre a escolaridade como um fator de ascender na sociedade.

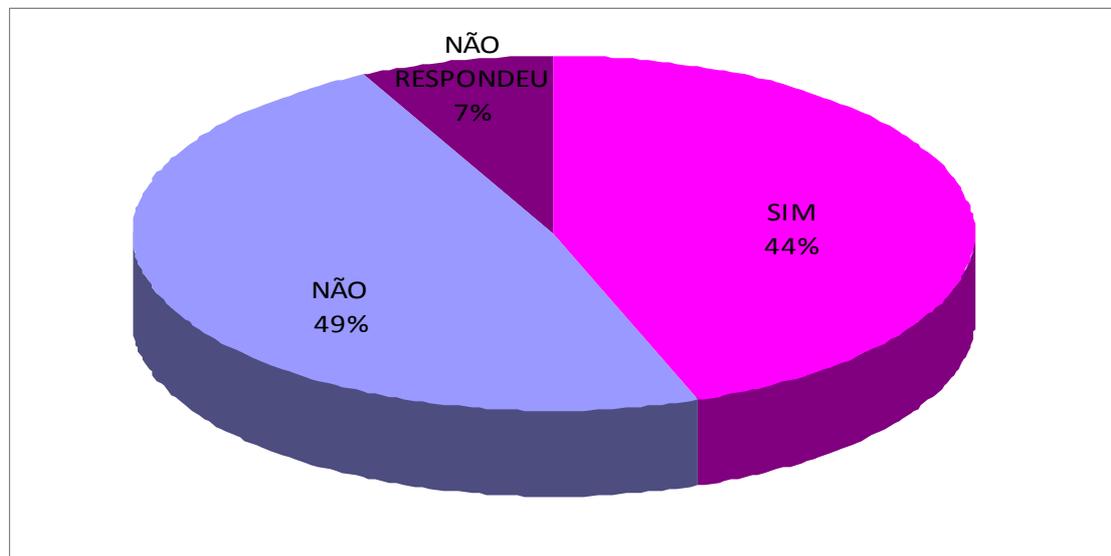
Figura 14 - pergunta 04: depois do projeto , você esta trabalhando? :



Org: A autora

Essa pergunta foi feita para saber se essa inclusão que o projeto proporciona se estende para o mundo do trabalho. A maioria continua no mesmo local de trabalho ou trabalhando na mesma atividade de antes. A partir dessa pergunta, entendemos que as mulheres continuam nas mesmas atividades de antes, e que a influência do projeto como inclusão social no mundo do trabalho fica aquém porque tem um número muito grande de mulheres que permaneceu trabalhando no mesmo local e com a mesma atividade de antes de participar do projeto.

Figura 15 – Pergunta 05: Você passou a ganhar mais depois do projeto?



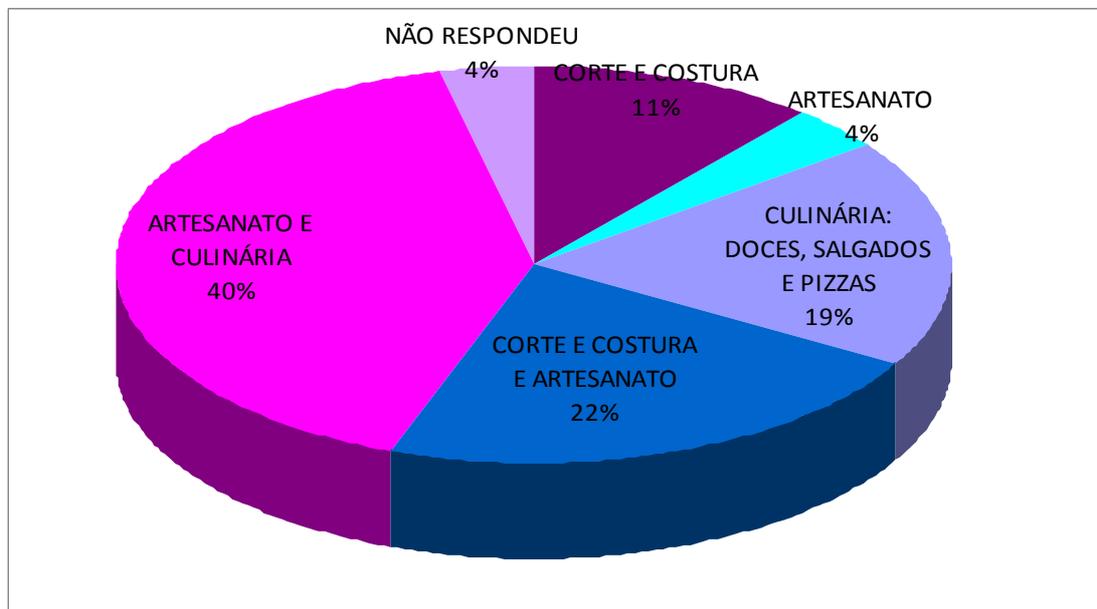
Org: A autora

Essa pergunta teve como intuito esclarecer se realmente houve a inclusão do mercado de trabalho tomando como referência uma maior remuneração. 12 mulheres responderam que passaram a ganhar mais depois de participar do projeto, 13 responderam que não, e 02 não responderam. Como a maioria não teve nenhuma alteração pecuniária. Fica bastante esclarecido através dessa pergunta que a inclusão em relação ao mundo do trabalho não foi proporcionada pelo projeto.

COMERCIALIZAÇÃO

Um questionário voltado com perguntas referentes à comercialização tem o intuito de demonstrar como e onde a comercialização das pequenas produções dessas mulheres foram concretizadas.

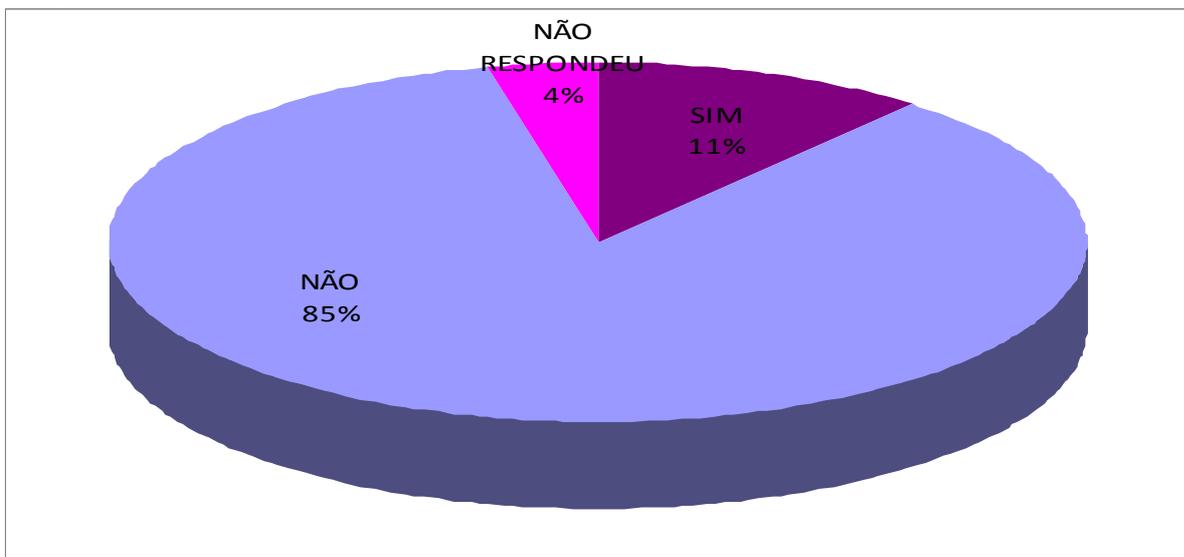
Figura 16 – pergunta 01: O que você aprendeu a fazer no projeto?



Org: A autora

Essa pergunta foi elaborada para entender se essas mulheres reconheceram que aprenderam alguma qualificação no projeto em relação ao viés profissionalizante que foi um dos pilares de aprendizado das mesmas. As respostas dadas por essas mulheres evidenciou que elas reconheceram que receberam qualificações. A maioria reconheceu que houve um aprendizado profissional em relação a mais de uma atividade sendo mais destacado corte e costura com artesanato e culinária. Nessa pergunta houve a constatação que essas mulheres tiveram aprendizado profissional no tocante as atividades propostas no projeto como corte e costura, artesanato e culinária.

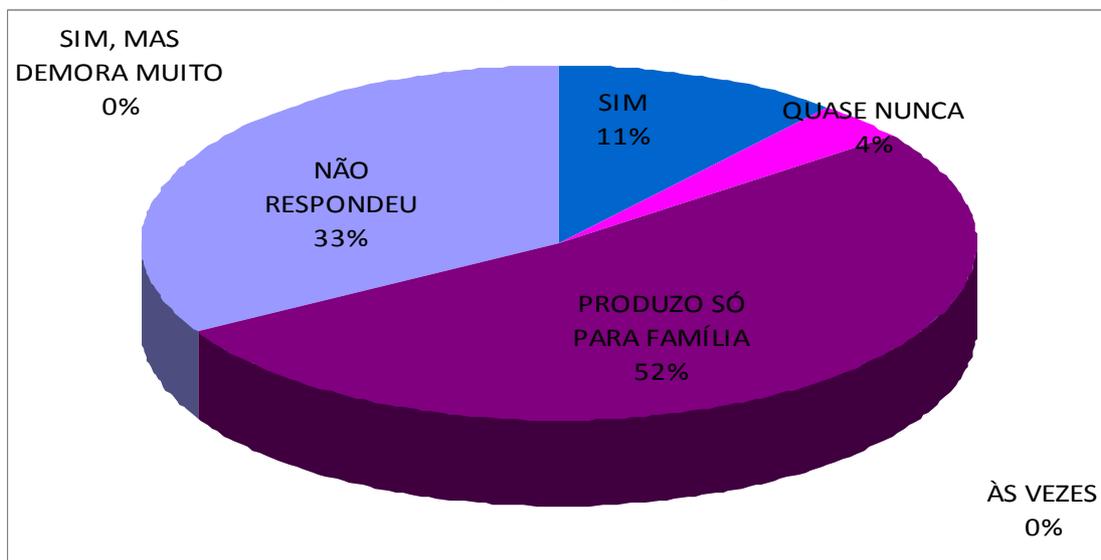
Figura 17 – Pergunta 02: Você passou a ganhar mais depois de participar do projeto? (vendendo suas produções)



Org: A autora

Essa pergunta foi intencionada no sentido de saber se essas mulheres produziam esse aprendizado profissional para fins comerciais. A maioria não passou a ganhar mais através das vendas das suas produções adquiridas a partir do conhecimento dado pelo projeto. Parece-nos claro que o aprendizado cumpriu sua proposta mais ficou aquém das possibilidades de comercialização.

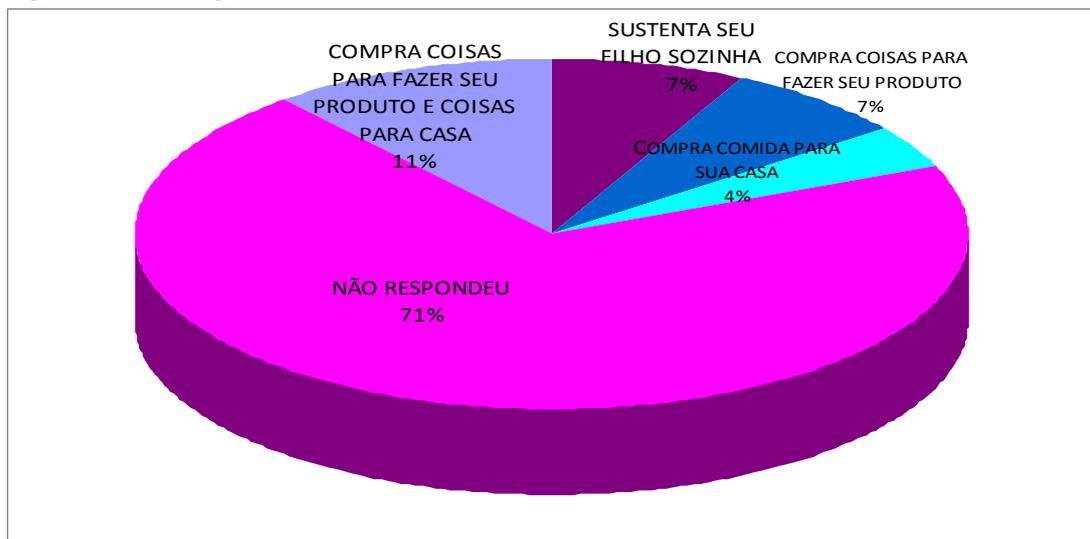
Figura 18 – Pergunta 03: Você consegue vender o que produz?



Org: A autora

Essa pergunta veio para descobrir se havia alguma possibilidade de comercialização com suas pequenas produções a partir do projeto nem que fosse a pequena proporção ou, apenas, para o consumo próprio. A maioria externalizou que suas pequenas produções são, exclusivamente, para subsistência, levando a entender que quando essas mulheres conseguem produzir é para subsistência.

Figura 19 – Pergunta 04: Com o dinheiro de suas vendas você?

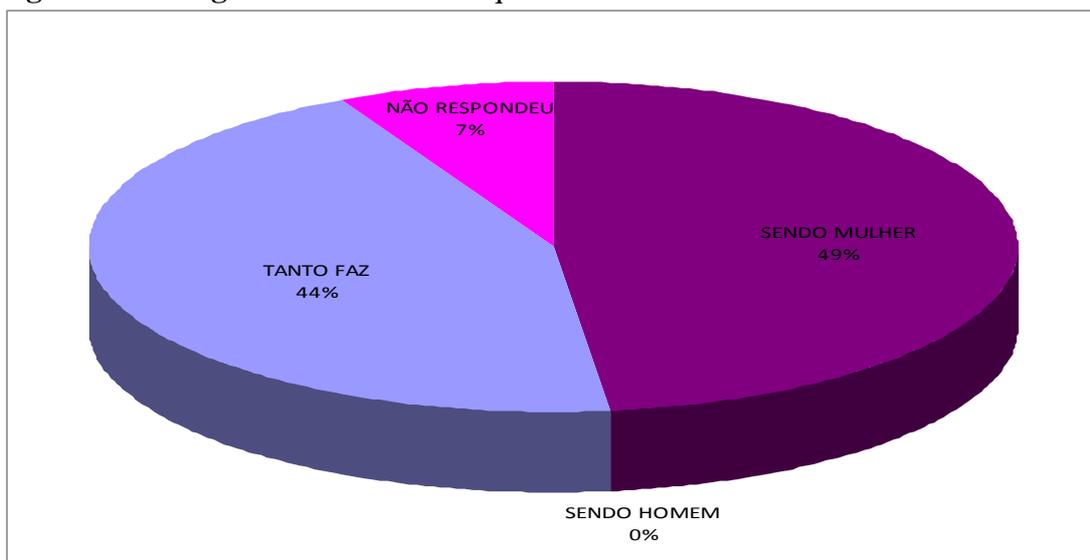


Org: A autora

Essa pergunta foi feita com o intuito de saber se, caso haja uma pequena comercialização dessas mulheres, se trouxe uma melhoria financeira e, como é utilizada essa melhoria. O número de mulheres que não responderam a essa pergunta foi bastante significativo, acredita-se que essas mulheres não estão produzindo essas pequenas produções.

Apesar da pergunta não ter contemplado mais de uma alternativa algumas mulheres responderam que com o dinheiro das vendas compra coisas para fazer seus produtos e compra comida para sua casa. A partir das análises dessa questão, entendemos que quando conseguem comercializar suas pequenas produções, as mesmas não tem conhecimento de investimento, pois não vincula os lucros das vendas a aquisição de matéria-prima para continuar produzindo.

Figura 20 – Pergunta 05: Você acha que é mais fácil vender as coisas?

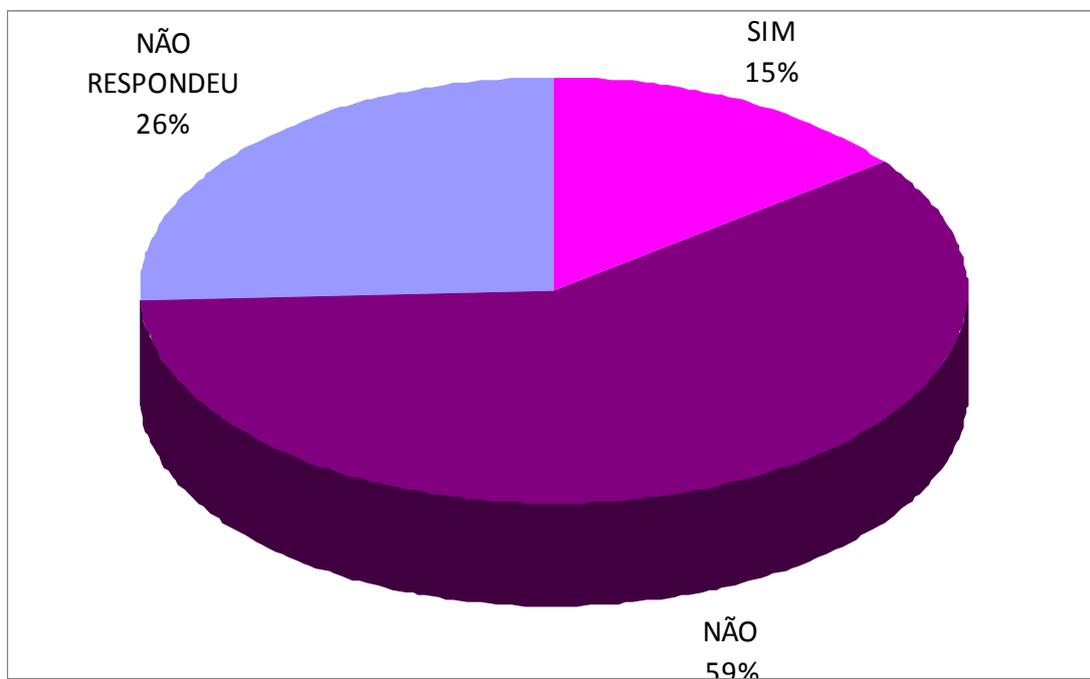


Org: A autora

Essa pergunta foi elaborada para identificar se elas encontram algum entrave na comercialização por serem mulheres. Nessa resposta fica evidenciado que elas percebem que não

atrapalha a questão gênero feminino e que, a partir das respostas anteriores, fica esclarecido que o maior entrave não é gênero e sim falta de conhecimento de produção e de comercialização.

Figura 21 – Pergunta 06: Você consegue vender tudo que produz?

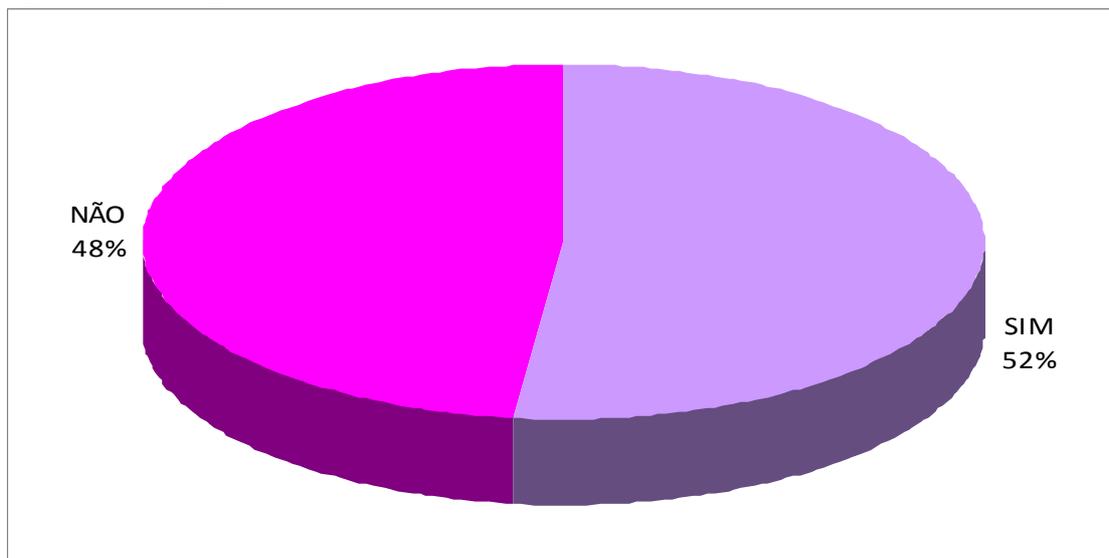


Org: A autora

Essa pergunta veio para saber se havendo possibilidade de alguma produção elas conseguiam vender as produções sem dificuldades, ou seja, vender tudo. O número de mulheres que não responderam foi significativo, isso condiz com as respostas anteriores em que as mulheres vem mostrando que não conseguem produzir e comercializar suas pequenas produções. A partir das conclusões sobre essas perguntas entendemos que pode estar havendo uma falta de conhecimento básico em relação à produção e comercialização.

Para termos mais segurança, abrimos a pergunta para que justificassem suas respostas. Perguntamos por que. As mulheres, que responderam na pergunta anterior que não consegue vender tudo que produz (um grande número de mulheres responderam) a maioria justificaram através dessa pergunta, totalmente aberta, que quando produz alguma coisa é apenas para sua própria família. Também responderam que não produzem e não vendem porque não tem comprador para seus produtos, arrumaram empregos e não tem tempo para produzir e comercializar, não trabalha com vendas. Ficou nítido, a falta de condições para produzir e a falta de conhecimento mercadológico.

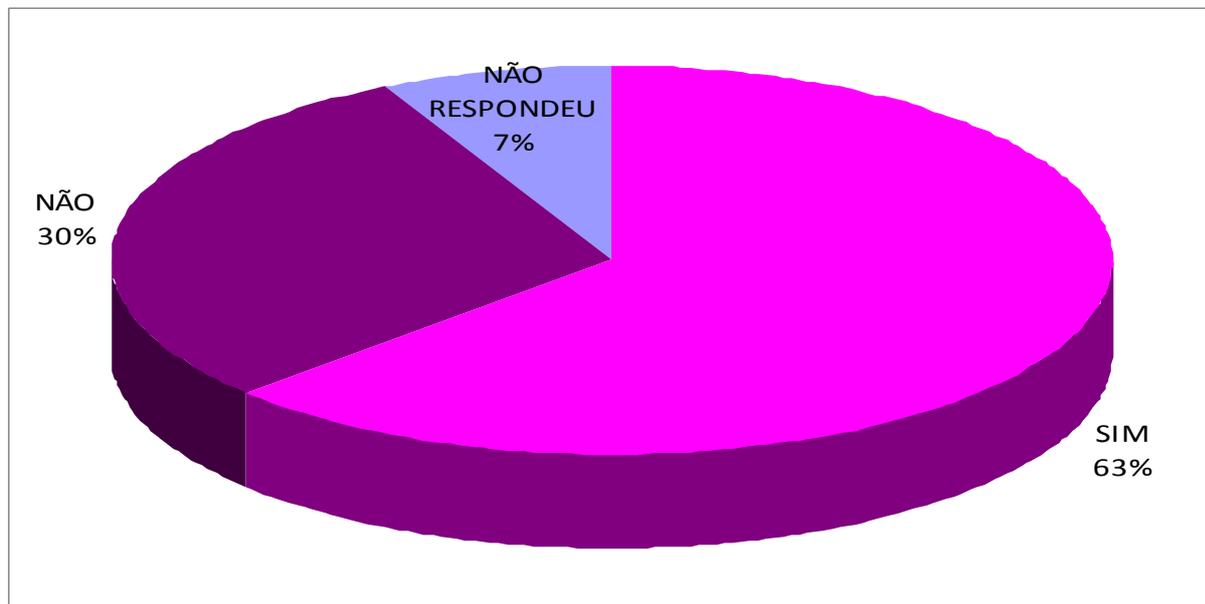
Figura 22 – Pergunta 08: Você trabalha?



Org: A autora

Essa pergunta veio para saber se há um reconhecimento delas em relação a trabalho e se elas consideram o trabalho domestico como trabalho. Consideravelmente quase a metade entende que o trabalho doméstico não é trabalho.

Figura 23 – Pergunta 09: Você gostaria de parar de trabalhar e viver apenas das suas vendas com suas pequenas produções?



Org: A autora

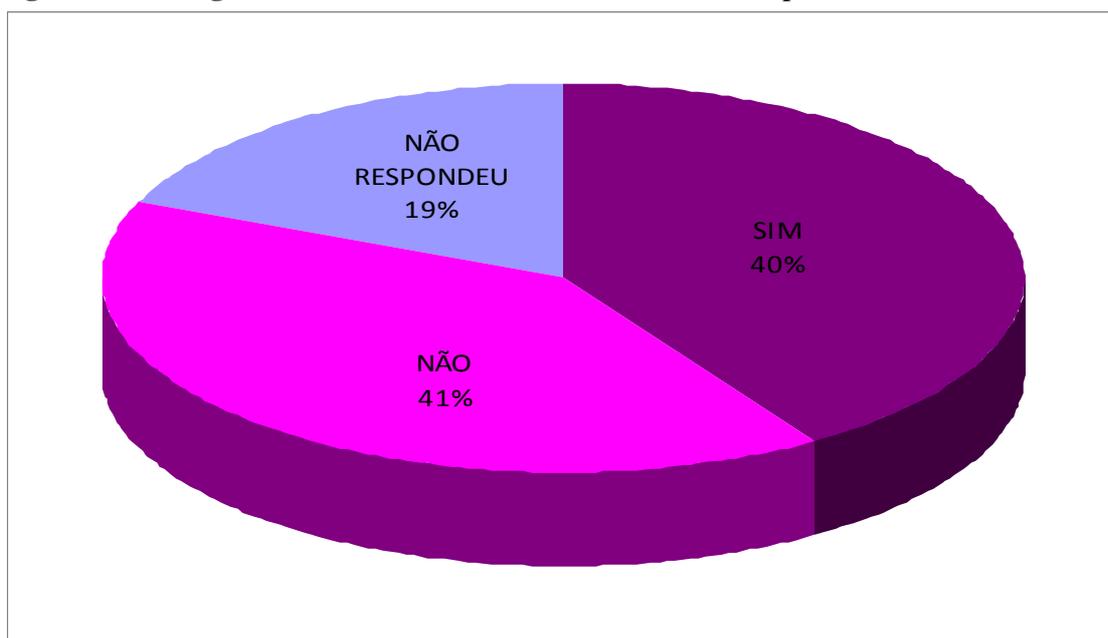
Essa pergunta foi feita com o objetivo de saber se essas mulheres sentem vontade de empreender de forma individualizada ou mesmo coletiva mais de modo autônomo que seria uma possibilidade de sustentabilidade que o projeto propõe. Está claro que se essas mulheres conseguissem um aprendizado profissional elas teriam vontade de empreender com suas pequenas produções. Na pergunta 10 interpelamos - como e onde elas produziam os seus produtos?

Essa pergunta foi feita para esclarecer se essas mulheres tem noção básica de produção e se elas têm estrutura mínima para produzir. Em relação a como faz, elas responderam que produz em pequena quantidade porque não tem dinheiro para adquirir matéria – prima e em relação qual seria o lugar da produção a maioria produz na própria casa. A grande maioria respondeu que fazem em casa, mas sabem que o cliente esta na feira. Há ainda uma grande carência na produção.

Ainda perguntamos quem elas imaginavam que comprariam os seus produtos e onde estariam essas pessoas. Complementando a anterior, ou seja, saber se existe algum conhecimento em relação ao publico alvo para as produções das mesmas e se elas tinham alguma noção de prospecção. Em relação a quem compraria os seus produtos a maioria argumentou que as pessoas comprariam para incentiva-las. Seus clientes são os mais variados, por exemplo: sacoleiras, amigos, vizinhos no setor, algumas citou feiras, cidade e repartições públicas. Essas respostas dadas pelas mulheres evidencia que as mesmas tem uma carência de conhecimento em relação ao reconhecimento do público adequado para suas produções e a localização dos mesmos.

Já na pergunta 12, interpelamos com que recursos elas comprem as matérias-primas para fazer os seus produtos. Nosso intuito era saber se essas mulheres tinham noções básicas de produção e se sabiam separar lucro de investimento. As respostas foram bastante evasivas, poucas mulheres responderam que comparariam as matérias-primas com o dinheiro das vendas. Todas as outras responderam que comprariam com o dinheiro do trabalho, com o salário, com a renda da família, com a bolsa família. Algumas responderam que não tem recursos.

Figura 24 – Pergunta 13: Você sabe calcular o valor do seu produto?



Org: A autora

Essa pergunta- foi elaborada com a intenção de descobrir se essas mulheres tinham alguma noção de formação de preço de vendas, pois esse conhecimento é vital para que as mesmas consigam continuar a terem condições de vender suas pequenas produções. Essas respostas evidencia que, praticamente, a metade das mulheres reconhece que sabe formar o preço da venda e curiosamente a metade reconhece que não sabe. Partindo dessas respostas e comparando com as respostas anteriores, entendemos que a maioria não tem a mínima noção de como formar esse preço e as que acham que sabem formar fazem de forma empírica.

Na questão de número 14, foi feita a seguinte pergunta: Quais os problemas que você

enfrenta para produzir e vender seus produtos? Essa pergunta aberta veio para finalizar as questões referentes a produção e comercialização das pequenas produções dessas mulheres.

A maioria respondeu que os maiores problemas que enfrentam para produzir e vender suas pequenas produções é a falta de dinheiro, mas também responderam que falta qualidade e representantes para vender seus produtos, faltam maquinas e equipamentos, trabalhar fora de casa, entre outros.

Talvez o principal entrave enfrentado por essas mulheres seja a falta de dinheiro, que pode também ser um agravante. Essas dificuldades ou esses problemas enfrentados por essas mulheres são mais voltados para a capacidade empreendedora e a falta de conhecimentos que são exigidos para quem vai comercializar.

4.4.2 Resultados obtidos a partir da entrevista

A entrevista, além de caracterizar um instrumento metodológico, foi utilizado também na nossa pesquisa como um recurso auxiliar no processo de investigação em relação ao questionário aplicado. Percebe-se que fizemos algumas perguntas recorrentes ao questionário aplicado com a intenção de possibilitar uma segmentação e uma clareza melhor nas respostas dadas pelas mulheres durante a passagem das mesmas no projeto.

Como pesquisadoras, sentimos que houve um ganho na essência do fenômeno estudado porque a dinâmica utilizada na entrevista proporcionou uma troca de conhecimentos em relação à vivência dessas mulheres e a participação da pesquisadora como coordenadora desse projeto. Tendo como consequência resultados voltados para responder os objetivos da nossa pesquisa.

A entrevista tinha um total de 18 perguntas pré-estabelecidas relacionadas uma com as outras com possibilidades de suscitar outras perguntas que não estavam programadas devido a dinâmica aplicada que valorizava todas as colocações feitas por essas mulheres. Elaboramos as perguntas com um vocabulário mais acessível condizente com a escolaridade dessas mulheres para facilitar, o entendimento das mesmas durante, o processo da entrevista.

Pergunta 01: Vocês estão utilizando o aprendizado que o projeto proporcionou?

Elaboramos essa pergunta inicial, de forma generalizada e direta para sentirmos se elas reconhecem alguma mudança por terem participado do projeto.

Todas as mulheres falaram que utilizam o que aprenderam no decorrer das atividades propostas pelo projeto. As respostas dadas eram bastante generalizadas, algumas aproveitaram o momento para agradecer e falar que o projeto foi muito importante na vida delas, outras falavam que a vida mudou depois de participar do projeto. Observamos que, por essas mulheres serem carentes de oportunidades, só o fato de se sentirem parte de um projeto já foi o bastante para que as mesmas absorvessem uma expectativa pós projeto relacionado a uma esperança de que algo mudou na vida delas a partir das possibilidades que o projeto proporcionou.

Pergunta 02: Se vocês, conseguissem colocar, em prática, o que aprenderam, onde estariam comercializando esses produtos?

Fizemos essa pergunta porque como o projeto proporcionou uma qualificação para elas como corte e costura, culinária e artesanato, era importante saber se elas estavam produzindo e comercializando suas pequenas produções.

Muitas mulheres, nesse momento, declararam que não estavam fazendo nenhuma produção e algumas falaram que faziam alguma coisa, mas muito pouco e só para a família delas como, por

exemplo, uma roupa para o filho, um salgado para o aniversário de alguém da família. Outras falaram que fazia suas produções e vendiam, mas já tinham essa prática antes do projeto. Observamos que essas mulheres não estão utilizando o que aprenderam para fins comerciais e não estão aproveitando o aprendizado para mudar o cenário precário que elas enfrentam.

Pergunta 03: Vocês preferem ser autônomas ou funcionárias de alguma empresa?

Essa pergunta teve o intuito de conhecer a preferência dessas mulheres em relação ao seu lado profissional se elas gostariam de trabalhar por conta própria, ter seu próprio negócio, ou ser funcionária de alguma empresa. Já que o projeto fomenta a auto sustentabilidade dessas mulheres através do empreendedorismo individual ou coletivo.

Muitas responderam que tinham vontade de empreender, de ter seu próprio negócio de trabalhar com o que aprenderam no projeto e vender muito para mudar de vida e não ter mais patrão mais um grande numero falaram que preferia ter a carteira assinada em alguma empresa para ter direitos a férias , a décimo terceiro salário e ter credito no comercio. Houve uma divisão muito grande nesse momento da entrevista porque algumas voltavam atrás em relação a quererem ser funcionarias e justificavam que não tinham vocação para vendas , não sabiam cobrar do cliente, não tinham dinheiro para comprar material para produzir.

Observamos que essas mulheres estavam com muitas dúvidas do que realmente era melhor para elas. Inclusive, queriam respostas do que deveriam fazer pós projeto para ganhar dinheiro e mudar de vida.

Pergunta 04: O que acharam do projeto?

Fizemos essa pergunta na expectativa delas falarem sobre os pontos fortes e fracos do projeto já que reconhecemos as mulheres, como atoras principais desse processo porque estavam na ponta e conviveram com as possibilidades e os entraves do projeto.

As mulheres falaram de forma generalizada não pontuaram, nesse momento, nenhuma dificuldade. Sempre agradecendo por ter tido a oportunidade de participar do projeto e que acharam o projeto maravilhoso. Muitas falaram que se sentiam bem porque quando participavam das aulas esqueciam os problemas, falaram que se sentiam valorizadas pelos integrantes do projeto e que queriam continuar no projeto. Falavam que passeavam e que tinham professores educados e atenciosos. Observamos que o projeto fez bem para elas no sentido de relações interpessoais e de autoestima e que a maioria estavam , de certa forma , com vontade de continuar fazendo parte do projeto.

Pergunta 05: Quais as aulas com que mais se identificaram?

Fizemos essa pergunta para que elas falassem das aulas, se elas conseguiram aprender, se elas entenderam a importância do aumento da escolaridade na vida delas. Todas falaram que gostaram de todas as aulas que não tinha nenhuma que fosse melhor do que a outra e que agora já sabem escrever o nome e que pode fazer uma carta para a família que mora longe , já sabe somar os números. Falaram que todas as disciplinas eram muito boas e que os professores eram todos muito bons.

Nesse momento da entrevista sentimos que elas não conseguiam ter senso critico em relação ao projeto mas respeitamos o momento e sabíamos que através das outras perguntas que já estavam preparadas para serem feitas iriam aguçar mais um pouco a percepção delas em relação aos possíveis entraves do projeto.

Pergunta 06: O que fariam de diferente se fosse começar o projeto agora?

Essa pergunta teve o intuito de levantar possíveis dificuldades sentidas por essas mulheres no decorrer da participação das mesmas no projeto.

Quando tiveram a oportunidade de falarem sobre o que fariam de diferente se fossem começar no projeto, agora, as mulheres falaram que queriam aprender matemática porque não sabem muitas coisas ainda em relação às somas, às divisões e queriam que os professores esclarecessem melhor nas aulas porque as vezes não entendiam e tinham vergonha de perguntar falaram também que queriam fazer cursos técnicos que o instituto oferece porque iam conseguir trabalho mais fácil.

Nesse momento, já observamos alguns entraves enfrentados em relação à proposta da elevação da escolaridade que o projeto proporcionou e a partir dessa pergunta percebemos que as mulheres já se sentiam mais a vontade para se expressarem.

Pergunta 07: O que foi melhor no projeto?

Essa pergunta provocou uma segmentação da fala dessas mulheres em relação a percepção das mesmas nos pontos fortes que o projeto proporcionou. .

As mulheres falaram que o melhor de toda a participação no projeto foi conhecer melhor os amigos, falaram que se sentiam felizes em participar das atividades, dando ênfase para as aulas recreativas e de dança, ginástica e novamente falaram que esqueciam os problemas. Falaram também que conseguiram ter mais conhecimentos gerais e sabem conversar melhor e melhoraram a escolaridade porque tem certificado de ensino fundamental e isso é importante para serem admiradas e respeitadas pela família e pelos amigos.

Percebemos que o projeto teve um impacto positivo na vida dessas mulheres e que, de certa forma, fez alguma diferença no que diz respeito aos relacionamentos das mesmas com a comunidade e com seus familiares.

Pergunta 08: O que foi pior no projeto?

Fizemos essa pergunta para que nesse momento em que as mulheres já estavam mais a vontade em relação à dinâmica elas pontuassem o que elas perceberam de ponto fraco no projeto.

Em relação às aulas, falaram que acharam o primeiro segmento (aulas para quem não tinham a primeira fase do ensino fundamental) muito fraco as reclamações foram muitas em relação aos professores que deveriam ir a cada carteira tirar as duvidas delas e ficavam satisfeitas quando tinham aulas extras de reforço mas muitas não gostaram que o reforço era direcionado para todas, achavam que deveria ter uma separação nas aulas de quem precisa do reforço porque quem não de novo.

Em relação à qualificação profissional, falaram que ficaram decepcionadas porque o projeto prometeu aula de corte costura e informática e muitas que queriam fazer esse curso não fizeram porque o curso de corte e costura foi só para quem estava concluindo o segundo segmento e muitas mulheres do primeiro precisa se sentiam prejudicada em relação ao andamento da matéria. E que tivesse professores específicos só para quem estava no começo, e que os mesmos fizessem uma avaliação com elas para terem a noção de quem estava mais adiantado porque quem já sabia estava perdendo tempo com o retorno do assunto. Queriam também que os professores ensinassem melhor, fossem mais dedicados, cumprissem todo o cronograma das aulas no curso, e que fossem pontuais e não ficassem conversando assuntos paralelos aos conteúdos das aulas também, reclamaram da troca de professores que quando já estavam acostumados com aquele determinado

professor o mesmo era trocado por outro e começa tudo segmento ficaram de fora. (o curso de corte e costura teve critérios de escolaridade) . Mas falaram que o pior do projeto foi que o curso não cumpria o que dizia que ia fazer como, por exemplo, não estavam fazendo o que elas tinham vontade e sim o que o projeto colocava para elas. Voltaram a exemplificar que muitas queriam corte e costura e estavam fazendo culinária. Outro aspecto que pontuaram como sendo fraco foi que os cursos (qualificação profissional) não eram adequados para elas praticarem e comercializarem.

Nesse momento, a dinâmica já foi bastante diferenciada. Percebemos que todas queriam falar muito sobre suas angústias no projeto, facilitamos o processo pedindo para que falassem uma por vez. Mas que todas falassem.

Pergunta 09: Se tivesse várias opções vocês preferiam trabalhar em casa ou fora de casa?

Fizemos essa pergunta na intenção de perceber até que ponto essas mulheres sentem vontade de ter seu próprio negócio se é isso que elas querem mesmo ou se preferem continuar sendo domésticas ou funcionárias já que o projeto fomenta a possibilidade dessas mulheres através da qualificação recebida se inserir no mundo do trabalho.

A maioria falou que preferiam sair de casa para trabalhar ou com seu próprio negócio ou como funcionária de uma empresa porque o serviço doméstico é muito cansativo e elas não ganham nada com esse trabalho. Mas teve algumas mulheres que preferiam ficar em casa cuidando da casa se tivesse condições financeiras para não precisar trabalhar.

Percebemos que essas mulheres sentem vontade de terem sua independência financeira e mesmo com as dificuldades enfrentadas reconhece que precisam ter autonomia o em relação ao trabalho desenvolvido por elas.

Pergunta 10: Como vocês produzem e comercializam os produtos de vocês?

Fizemos essa pergunta como se todas as mulheres produzissem e comercializassem suas pequenas produções aprendidas no projeto. Foi proposital para que elas falassem mais sobre os entraves que elas enfrentam.

Elas responderam que não conseguiam produzir, que tinham dificuldades porque não tinham dinheiro, porque não sabiam para quem produzir, porque não sabiam como começar que o dinheiro que tem é apenas da bolsa família e não sabem formar o preço da venda do seu produto e não tem noção de quem poderia comprar essas pequenas produções. e as mulheres que produziam continuavam falando que já produziam antes e outras produziam só para a família mesmo.

As respostas estavam coerente em relação as colocações que já vinham sendo feitas por essas mulheres anteriormente. Observamos que as mulheres enfrentam dificuldades em se posicionarem no mundo do trabalho no que diz respeito a produção e comercialização das pequenas produções.

Pergunta 11: Se tivesse possibilidade de produzir e comercializar como fariam isso?

Essa pergunta já abriu uma possibilidade de que essas mulheres não , necessariamente, estariam conseguindo produzir e comercializar. Fizemos na intenção de saber se elas tinham noção básica de produção e comercialização.

A maioria das mulheres falaram que se conseguissem produzir e comercializar iriam levar para lugares que tenham pessoas para consumir, falaram de feiras, panificadoras, encomendas, colégio, mas não fizeram nenhum comentário em relação a procurar esses clientes de forma mais formal como por exemplo, através de uma pesquisa de identificação de potenciais clientes.

Observamos que essas mulheres sabem que, sem fazer algum tipo de estratégia, fica difícil comercializar. Também identificamos que as mesmas tem noções muito básicas de produção e comercialização.

Pergunta 12: Como a família de vocês vê esse projeto? Eles dão apoio?

Fizemos essa pergunta para sentir as prováveis dificuldades enfrentadas por elas para frequentarem as atividades do projeto para saber esse impacto no desempenho das mesmas.

A maioria falou que teve apoio de todos os membros da família e que os mesmos ficavam orgulhosos delas estarem aprendendo coisas novas no projeto e aumentando os estudos. Algumas falaram que, principalmente, os maridos ou companheiros no início não queriam que elas frequentassem, mas depois não deram força, mas também não impediram. Observamos que as mulheres não foram impedidas pela família de participarem das atividades do projeto

Pergunta 13: Quais as dificuldades para realizar o curso?

Fizemos essa pergunta para que as mesmas falassem de outros tipos de entraves que poderiam ter encontrado em relação a permanência delas nas atividades do projeto.

A maioria falou que não foi tão fácil participar das atividades propostas pelo projeto devido ao tipo de vida que elas enfrentam no dia a dia como cansaço por já ter dupla jornada de trabalho antes de ir ao curso, (as aulas eram no período noturno) problemas de saúde, pessoas em casa idosas e crianças para tomarem conta, marido doente, e quando chegavam em casa depois do curso ainda iam fazer trabalho doméstico. Todas as mulheres também falaram que, mesmo com essas dificuldades, não faltava a nenhuma aula e quando aconteceu foi porque estavam com problemas de saúde grave com elas ou com alguém da família.

Percebemos que existiam dificuldades para essas mulheres enfrentarem as atividades do projeto mais, ao mesmo tempo, existia também um grande esforço para não faltarem às aulas e as outras atividades.

Pergunta 14: Quando vocês realizaram o curso se identificaram com o Instituto?

Fizemos essa pergunta com o intuito de descobrir se essas mulheres se sentiam a vontade quando iam ao Instituto para algum evento (as atividades eram realizadas no próprio setor por questões de logística) porque o projeto propõe que essas mulheres se sintam parte do Instituto como alunas e beneficiárias dos produtos oferecidos pelo Instituto.

A maioria falou que gostavam de ir ao instituto, apenas duas responderam que era um ambiente estranho e algumas não se sentiam bem. As mulheres que gostavam de ir ao instituto era porque queriam limpar a vista com um determinado professor já que achava ele bonito. As respostas foram bem gerais e demonstrou que as mesmas não tinham tanto conhecimento da importância de frequentar esse ambiente.

Pergunta 15: Vocês preferiam ter aulas no Instituto ? Por quê ?

Fizemos essa pergunta com o objetivo de saber se elas se sentiam parte do Instituto. Algumas mulheres falaram que preferiam ter aula no setor mesmo porque era mais perto das suas casas e o instituto era longe. A minoria falou que era melhor as aulas terem sido no Instituto porque elas iam ter acesso ao que o Instituto podia oferecer. A maioria falou que tanto faz.

Pergunta 16: Vocês conhecem o Instituto?

Fizemos essa pergunta com o objetivo de identificar se essas mulheres absorveram que o projeto é vinculado ao Instituto e que elas são alunas como qualquer outra dentro do Instituto. A maioria falou que até conhece o Instituto porque já foram lá ter alguma atividade, mas desconhece o que o mesmo pode oferecer a elas. A maioria falou que só ouviram promessas em relação aos benefícios que o Instituto oferece e sabem que não tiveram acesso a essas possibilidades.

Observamos um desconhecimento dessas mulheres em relação ao Instituto e o sentimento de falta em relação ao apoio. O projeto tem como um dos seus objetivos proporcionar apoio a essas mulheres através de um escritório de convivência (dentro do Instituto) onde elas devem ser monitoradas e assistidas. Esse escritório não foi ainda concretizado.

Pergunta 17: De que vocês já se beneficiaram no Instituto?

Fizemos essa pergunta com o intuito de saber se elas identificaram que o Instituto deu apoio na execução do projeto. A maioria não respondeu, algumas falaram que sim que sabem que tem professores cedidos pelo Instituto e que o Instituto organiza para elas receberem a bolsa financeira. Observamos que a maioria das mulheres ainda não percebem que o projeto está vinculado ao Instituto e que algum tipo de apoio é dado pelo mesmo.

Pergunta 18: O que vocês mais gostariam de aprender no projeto?

Essa pergunta final foi feita com a intenção das mulheres, caso não se lembrassem de falar algo importante, terem a oportunidade de falar nesse momento final. A maioria falou que queriam aprender a fazer conta de matemática e fazer um curso técnico no instituto.

Como voltou a questão da conta de matemática ficou claro que houve uma deficiência nas questões voltadas para a escolaridade e também senti um desconforto nas mesmas em relação a empregabilidade porque voltou também a questão de fazer curso no Instituto. Finalizamos as entrevistas agradecendo as essas mulheres pela contribuição dada na construção da nossa pesquisa.

Esse capítulo teve como objetivo analisar os resultados obtidos a partir da pesquisa realizada com as mulheres tendo como principal instrumento o questionário e a entrevista como recurso auxiliar. Embora tenha sido analisado também a interseccionalidade, as pesquisas bibliográficas, a pesquisa documental e a relativa experiência da pesquisadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou entender se o projeto Mulheres Mil, através das suas práticas, vivenciada com as mulheres do Setor Santa Bárbara, segunda etapa intitulado Cidadania pela Arte, promoveu a equidade e se cumpriu o seu objetivo maior que é melhorar a qualidade de vida dessas mulheres e das suas comunidades através da inserção das mesmas no mundo do trabalho. Essa dissertação procurou, por meio da análise dos depoimentos das mulheres alunas do projeto Mulheres Mil que participaram dessa segunda etapa, identificar quais as contribuições que o projeto proporcionou os possíveis entraves e como aconteceu tais mudanças. Se tiveram um foco mais voltado para a vida pessoal ou profissional, e o que essas mulheres estão fazendo com o aprendizado recebido; se o projeto provocou a inclusão social e se a partir do aumento da escolaridade houve mudança financeira e auto sustentabilidade; se a qualificação profissional recebida por essas mulheres fez com as mesmas conseguissem comercializar de forma competitiva suas pequenas produções.

Vale lembrar que as contribuições das alunas envolvidas foram, sem dúvida, de grande importância para o estudo, pois foram as percepções desses sujeitos que trouxeram a luz às questões norteadoras da pesquisa. Os resultados desta investigação configuram-se da seguinte forma: Mudanças Comportamentais: Os resultados apontaram que em relação às mudanças provocadas inter e intrapessoal dessas mulheres houve um processo de mudança considerável onde as mesmas se sentem mais seguras a partir das contribuições dadas pelo projeto principalmente no tocante ao aumento da escolaridade. Embora tenha havido entraves e defasagens na questão aprendizagem tanto no primeiro segmento (primeira fase do ensino fundamental) como no segundo segmento (segunda fase do ensino fundamental). Reconhecemos que o perfil dessas mulheres requer uma peculiaridade impar pois as mesmas são mulheres que apresentam um tempo fragmentado de escolaridade, com interrupções na vida escolar ou sem ter iniciado a escolarização por diversos motivos, seja pela entrada precoce no mercado de trabalho, seja pelas necessidades de sobrevivência da família, seja pela busca de autonomia ou ainda pela exclusão social. Diante dessas peculiaridades, ressaltamos que a elevação da escolaridade dessas mulheres a partir do projeto Mulheres Mil foi realizado nos padrões da EJA - Na Educação de Jovens e Adultos que tem como seus princípios fazer a leitura da realidade, onde o ato de educar faz parte de um processo dinâmico e dialético que envolve o ensinar e o aprender a partir dos conhecimentos construídos e das trocas de experiências vividas pelas duas partes (Docente e Estudante). Desta forma, a ação educativa deve resultar fundamentalmente na melhoria da qualidade de vida desses sujeitos históricos, possibilitando condições de reinserção profissional pela elevação de escolaridade adquirida, com o objetivo de assegurar, proporcionar e garantir: o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver e o aprender a ser, ou seja, o saber e o agir consciente das responsabilidades. Vale salientar que todas as estudantes, mesmo que carregadas de experiências frustrantes e excludentes, tem sua autonomia de aprendizado sendo possível adquirir conhecimentos.

Conclui-se que o projeto tem estrutura e conhecimento para trabalhar com esse público mas nesse quesito escolaridade mesmo tendo esse direcionamento e apesar de ter havido a elevação da escolaridade, percebeu-se entraves na qualidade aprendizado. Nesse contexto, conclui-se também que o projeto, de certa forma, promoveu relativamente a equidade e parcialmente o empoderamento dessas mulheres.

Inclusão social: os resultados apontaram que o projeto trouxe mais sustentabilidade a essas mulheres principalmente no entorno dos seus relacionamentos. Mas percebeu-se também que a inclusão social dessas mulheres desfavorecidas, por meio, principalmente da oferta focada na autonomia em relação a alternativas para a inserção no mundo do trabalho e a empregabilidade não

foi proporcionada pelo projeto. Como também o relacionamento entre os novos conhecimentos adquiridos e as suas experiências situados em diferentes momentos da suas vidas,.

Conclui-se que faltou fomentar nessas mulheres uma situação de cidadãs críticas dentro das perspectivas pessoais, profissionais e culturais.

Comercialização: Na questão comercialização das suas pequenas produções, os resultados apontaram que essas mulheres receberam a qualificação profissional no tocante às atividades propostas que foram artesanato, corte costura e culinária mas houve entraves, como falta de noção básica sobre conhecimento da formação do preço de venda, prospecção, retorno do investimento entre outros conhecimentos essenciais no tocante a produção e comercialização.

Conclui-se que o projeto não deu condições para que as mesmas produzissem e comercializassem de forma competitiva. Essa comercialização, quando existia, era de forma amadora e apenas de subsistência.

Concluimos inicialmente que o projeto mulheres mil não atinge plenamente seus objetivos, porque desenvolve junto a esse grupo de mulheres um processo de elevação de escolaridade, qualificação para o trabalho e diversificação da produção mas ainda não permite que elas comercializem a sua produção de forma competitiva. Mas também reconhecemos que o processo não atingiu ao seu final é contínuo e por ser consecutivo tem-se o entendimento que vai ser adequado às próximas experiências e às oportunidades de melhoria.

Ao concluir este trabalho, espera-se que os resultados, somadas a outras investigações e as conclusões possam contribuir fornecendo subsídios para ampliar o conhecimento acerca da aplicabilidade do Projeto Mulheres Mil e recentemente do programa nacional Mulheres Mil.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, M. Violências no Cotidiano das Escolas. In _____ (Org.). Escola e violência. Brasília: UNESCO, 2002.
- ALMEIDA, Suely S., SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de gênero: poder e impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- ANGELIN Rosangela; BERNADI, Cecilia M. Mulheres na Economia Popular e Solidária: desafios para a emancipação feminina e a igualdade de gênero Revista Espaço Acadêmico, nº 70, 2007.
- ARRUDA, M. O feminismo criador: SOCIOECONOMIA SOLIDARIA E EDUCAÇÃO Artigos e Histórias da Socioeconomia Solidária, Rio de Janeiro: Pacs, 1998.
- BATALHA, MÁRIO OTÁVIO. Gestão agroindustrial: GEPAI: Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais.. 2 ed – São Paulo: Atlas, 2001.
- BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Circulo do livro, v.1, 1968.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BLACKWELL, Maylei; NABER, Nadine **Interseccionalidade em uma era de Globalização: As Implicações da Conferência Mundial Contra o Racismo para Práticas Feministas Transnacionais** ESTUDOS FEMINISTAS, 2002 disponível em <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-091133blackwellnaber.pdf>
- BRADLEY, L. Rhyme, rime, and the onset of reading. Journal of Experimental Child Psychology, 1989.
- BRASIL. IFTO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Histórico da Instituição. Disponível em: <http://www.ifto.edu.br>. Acesso em 29 set. 2008.
- BRASIL. IFTO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Histórico da Instituição. Disponível em: <http://www.ifto.edu.br>. Acesso em 29 set. 2009.
- BRASIL. IFTO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Histórico da Instituição. Disponível em: <http://www.ifto.edu.br>. Acesso em 29 set. 2011.
- CASARES, Viola. “De San Antonio a Durban con La Fuerza Unida: a platica with Viola Casares and H. Esperanza Garza”. La Voz de Esperanza, v. 14, n. 4, p. 11, 2001.
- CHIAVENATO, I.. Introdução à teoria geral da administração. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 004.
- CHIAVENTATO I – Administração nos novos tempos. – 2.ed. Rio de Janeiro. Elsevier, 2004.
- DEERE,C.D; LEON, M. O Empoderamento da Mulher: Direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina Porto Alegre: UFRGS, 2002.

- DIAS, M.R.C. Por uma compreensão do conceito de gênero. In: FAGUNDES, T.C.P.C. (Org), Dissertação de Mestrado. Brasília; DAN/UNB, 1992.
- FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004 [1979] 20ª ed.
- FRIEDMANN, J. Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo. Celta: Oeiras, 1996.
- GATTI, B.A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED, v.13, n. 37, 2003.
- GOHN, M.G Teoria dos Movimentos Sociais 3º Ed São Paulo: Loyola, 2004.
- GOLDMANN, L. Ciência Humana e Filosofia. 8ª ed., São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- GUÈRIN, Isabele. Sociologia Econômica e Relações de Gênero. In: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003,
- HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HOROCHOVSKI R. R; MEIRELLES G. Problematizando o Conceito de Empoderamento Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. UFSC: Florianópolis, Brasil, 2007.
- IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. São Paulo: Cultura Vozes, v. 90, n.2, março/abril 1990.
- KINCHELOE, J. A Formação do professor como compromisso político: Mapeando o pós-moderno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KRAN, Faída; FERREIRA, Frederico P. Martins. Qualidade de vida na cidade de Palmas – TO: uma Análise através de indicadores habitacionais e Ambientais urbanos, Ambiente & Sociedade – Vol. IX nº. 2 jul./dez. 2006
- LEWIN, K. Action research and minority problems. Journal of Social Issues, n. 2, p. 34-36, 1946.
- MINAYO, M. C. S. O Desafio do Conhecimento. São Paulo: Hucitec. 1982.
- PEIRANO, Mariza G. S. A Favor da Etnografia Série: Antropologia Brasília, 1992.
- PERKINS, D.D.; ZIMMERMAN, M.A. Empowerment meets narrative: listening to stories and creating settings. American Journal of Community Psychology. Oct. v. 23. n. 5. 1995.
- SAMARA, Eni M. As ideias e os números do Gênero Editora Hucitec Cedhal/FFLCH-USP, 1997.
- SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde

Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, V.20(2), 1996.

SILVA, Joseli M. *Geografias Subversivas: Discurso sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009.

SINGER, P. Economia Solidária: possibilidades e desafios. In: revista *Proposta*. Rio de Janeiro: FASE, 2004.

VIDAL E SOUZA, C. *A Construção de Palmas nos Discursos de Políticos e Urbanistas*. Dissertação de Mestrado. Brasília; DAN/UNB, 1992.

7 ANEXOS

Anexo 01

Questionário

Nome:- -----

A- COMPORTAMENTAL

1- Sua vida mudou depois de participar do projeto:

Sim Não

2- Se mudou, as mudanças aconteceram mais na sua vida profissional ou na vida pessoal?

Na vida pessoal

Na vida profissional

Nas duas

3- Se mudou, o que mais contribuiu para a mudança:

Voltar a estudar

Aprender corte e costura, doces e salgados, curso de pizza

4- Foi bom participar do projeto:

Sim

Não

Mais ou Menos

Por quê?

5- Sua família ficou feliz com sua participação no projeto

Sim Não

6- Como você se sente depois de participar do projeto:

- Mais feliz
- Do mesmo jeito de antes
- Mas confiante em mim mesma
- Mais sabedora dos meus direitos

7- O que você faz com o que aprendeu no projeto:

8- Você se sente mais confiante para trabalhar fora depois do projeto:

- Sim
- Não

Por quê?

9- Você acha que por ser mulher atrapalha no mundo do trabalho:

- Sim
 - Não
- Por quê?
-
-

B- INCLUSÃO SOCIAL

1- O que você faz com o dinheiro que ganha mensalmente do projeto:

- Contribui para o sustento da família
- Compra coisas para você
- Ajuda você a ir participar do projeto

2- As pessoas da sua família e os seus vizinhos lhe tratam melhor depois que você participou do projeto?

Sim Não
Se sim, por quê?

3 Com maior escolaridade proporcionada pelo projeto você se sente:

Do mesmo jeito de antes

Mais segura

Mais importante

Por quê?

4- Depois do projeto , você esta trabalhando :

No mesmo local de antes

Por conta própria

Numa empresa publica ou privada

5- Você passou a ganhar mais depois do projeto:

Sim

Não

C –COMERCIALIZAÇÃO

1- O que você aprendeu a fazer no projeto

Corte e Costura

Artesanato

Culinária , doces, salgados e pizzas

2- Você passou a ganhar mais depois de participar do projeto (vendendo suas produções)

Sim Não

3- Você consegue vender o que produz?

- Sim
- Sim, mas demora muito
- Às vezes
- Quase nunca
- Produzo só para a família

4- Com o dinheiro das suas vendas você::

- Sustenta os seus filhos sozinha
- Compra coisas para fazer seus produtos
- Compra comida para sua casa

5- Você acha que é mais fácil vender as coisas:

- Sendo mulher
- Sendo homem
- Tanto faz

6- Você consegue vender tudo que produz?

- Sim Não

7- Se não, por quê?

8- Você trabalha fora de casa

- Sim Não

9- Você gostaria de parar de trabalhar e viver apenas das suas vendas com suas pequenas produções?

- Sim Não

10- Como e onde você produz os seus produtos?

11- Quem vocês acham que comprariam os seus produtos? Onde estão essas pessoas?

12- Com que recursos você compra a matéria – prima para fazer os seus produtos?

13- Você sabe calcular o valor do seu produto?

Sim

Não

Como você chega ao preço do seu produto?

14- Quais os problemas que você enfrenta para produzir e vender seus produtos?

ANEXO 02

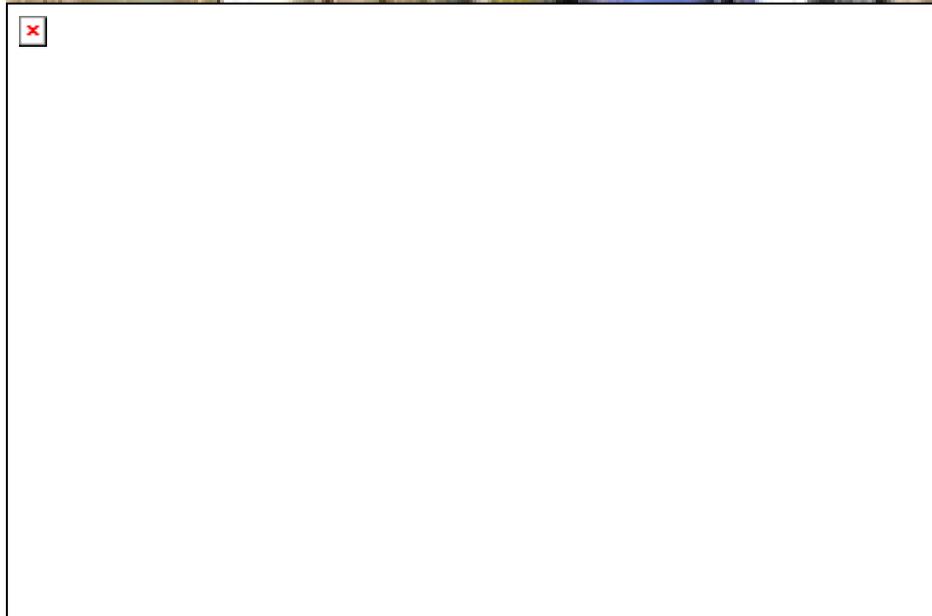
ENTREVISTA

- 1- VOCÊS ESTÃO UTILIZANDO O APRENDIZADO QUE O PROJETO PROPORCIONOU? DE QUE FORMA?
- 2- SE VOCÊS, CONSEGUISSEM COLOCAR EM PRÁTICA O QUE APRENDERAM , ONDE ESTARIAM COMERCIALIZANDO ESSES PRODUTOS?
- 3- VOCÊS PREFEREM SER AUTONOMAS OU FUNCIONÁRIAS DE ALGUMA EMPRESA?
- 4- O QUE ACHARAM DO PROJETO?
- 5- QUAIS AS AULAS QUE MAS SE IDENTIFICARAM? POR QUÊ?
- 6- O QUE FARIAM DE DIFERENTE SE FOSSEM COMEÇAR O PROJETO AGORA?
- 7- O QUE FOI MELHOR NO PROJETO?
- 8- O QUE FOI PIOR NO PROJETO?
- 9- SE TIVESSEM VÁRIAS OPÇÕES VOCÊS PREFERERIAM TRABALHAR EM CASA OU FORA DE CASA?
- 10- COMO VOCÊS PRODUZEM E COMERCIALIZAM OS PRODUTOS DE VOCÊS?
- 11- SE TIVESSE POSSIBILIDADE DE PRODUZIR E COMERCIALIZAR COMO FARIAM ISSO?
- 12- COMO A FAMÍLIA DE VOCÊS VÊ ESSE PROJETO? ELES DÃO APOIO?
- 13- QUAIS AS DIFICULDADES QUE ENFRENTARAM PARA REALIZAR O CURSO?
- 14- QUANDO VOCÊS REALIZARAM O CURSO SE IDENTIFICARAM COM O INSTITUTO?
- 15- VOCÊS PREFERIAM TER AULAS NO INSTITUTO? POR QUÊ ?
- 16- VOCÊS CONHECEM O INSTITUTO?
- 17- DE QUE VOCÊS JÁ SE BENEFICIARAM NO INSTITUTO?
- 18- O QUE VOCÊS GOSTARIAM DE APRENDER MAIS NO PROJETO?

ANEXO 03

FOTOS

Foto 01 Setor Santa Babada



Fonte: IFTO

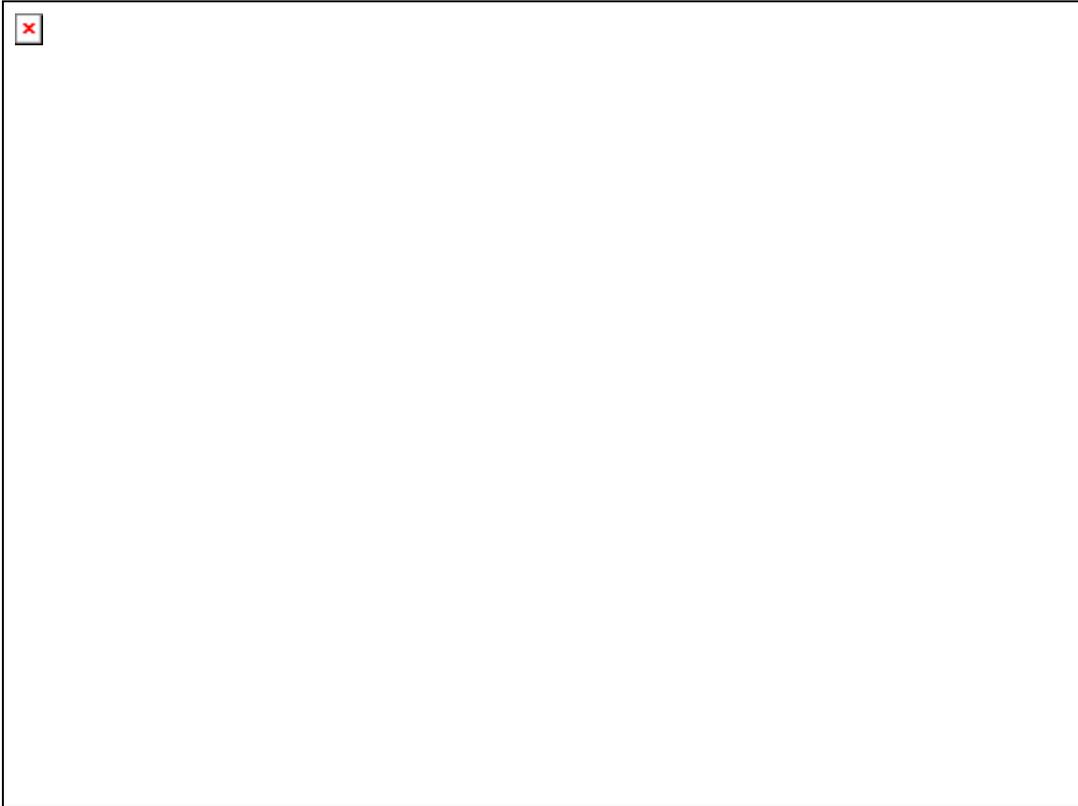
Foto 02 Aula na comunidade – escola ----setor Santa Bárbara

Fonte: IFTO

Fonte IFTO

Foto 03 - Aula prática na comunidade – geração de renda





Fonte IFTO

Foto 04 – recebimento do uniforme – escola --- setor santa bárbara

Fonte IFTO

Foto 5: Solenidade da formatura das alunas com a presença dos canadenses



Fonte própria

Foto 6: Reunião de trabalho sobre o Projeto no IFTO



Fonte própria

Foto 7: Aula da saude no IFTO

Fonte própria

Foto 8: Aula da saude no IFTO



Fonte própria